



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Engenharia

MEMÓRIA DE UM LUGAR.
Projeto de Reabilitação para a
Valorização do Castelo de Ourém

Ana Carolina Ferreira Reis

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Eduardo Ramos Jular
Coorientadora: Prof. Miriam Ruiz Ínigo

Covilhã, junho de 2018



MEMÓRIA DE UM LUGAR.
Projeto de Reabilitação para a
Valorização do Castelo de Ourém

Nota: A presente dissertação encontra-se escrita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dedicatória

Para os meus avós, que permaneçam sempre comigo.

Agradecimentos

Aos meus avós, especialmente ao avô Manel, fonte de inspiração e esperança. Raízes que me completam e fazem crescer. A eles agradeço pelas histórias e ensinamentos, pela força e coragem em enfrentar as adversidades da vida, por serem as estrelas que me guiam.

À minha mãe por não precisar de coroa para me fazer sentir uma princesa, por me fazer transbordar de amor pelos mimos, por ter paciência, por me querer sempre o melhor e dar o melhor.

Ao meu pai por ser um herói que não precisa de capa, por me ter ensinado que com pouco somos muito, que da terra nasce a vida e que as marcas que carregamos mostram o nosso esforço e trabalho.

À minha irmã, melhor amiga, maior pilar e porto seguro. Por toda a força e energia positiva que me transmitiu nos momentos mais difíceis, por sempre acreditar em mim e no valor dos sonhos. “escuta o teu coração, deixa que as estrelas iluminem o teu coração, deixa que as estrelas que estão no céu despertem os sonhos que estão no teu coração e no silêncio escuta-os, pois eles falam de mansinho. É assim devagarinho que vais descobrindo o maior sonho para ti.”

Ao meu orientador Jorge Jular e coorientadora Miriam Ruiz por toda a amizade, conhecimento, ânimo e incentivo ao longo do trabalho. Por se entregarem tanto neste projeto quanto eu, por todas as dicas e paciência.

À Covilhã que me recebeu de braços abertos, à UBI por se tornar a minha segunda casa e por me ter dado tanto. Às amigas que nesta cidade nasceram, em especial às minhas princesas.

À Teresa, à Ana e à Liliana pela enorme amizade, partilha, compreensão e força ao longo deste percurso que o tornou único e indescritível.

A todos os meus amigos presentes e ausentes, que me mostraram o verdadeiro valor da amizade, como esta se manifesta e as diferentes formas que esta assume.

À Beta, cuja distância não separa o laço que nos une desde o liceu. Por permanecer e por continuar.

À tia Maria e ao tio Luís pelo carinho e boa disposição. Ao João por me salvar sempre o computador e por estar sempre lá para as minhas dúvidas quando mais preciso.

À Câmara Municipal de Ourém, Biblioteca e Arquivo por todo o material disponível e pela simpatia.

À Sílvia e ao Pedro pela disponibilidade, por me abrirem horizontes e pelo apoio na reta final.

Ao Rodrigo por dar outra visão aos momentos difíceis e por torná-los mais suportáveis, pela motivação e amizade nestes últimos meses.

Prefácio

Nós somos feitos de memórias. É isso que nos distingue, enriquece e marca. Do que fomos, do que somos e do que seremos. Somos conscientes do passado, do presente e construtores do futuro. A nossa memória coletiva é fermento enriquecedor da nossa vida e o nosso nível cultural depende da maneira como somos capazes de absorver a informação do passado. «*Temos a obrigação de salvar tudo aquilo que ainda é suscetível de ser salvo, para que os nossos netos, embora vivendo num Portugal diferente do nosso, se conservem tão Portugueses como nós e capazes de manter as suas raízes culturais mergulhadas na herança social que o nosso passado nos legou.*»¹ Para isso é necessário tomar consciência das nossas raízes e defender o nosso Património em todas as suas vertentes. Este que assume um carácter profundamente identitário, enraizado no passado, fenómeno do presente e que luta pela sua reafirmação no futuro. A herança patrimonial arquitetónica reflete o que há muito deixámos desaparecer no tempo, sem lhe dar a devida importância. A ruína tornou-se notoriamente silenciosa, apaziguada pelas marcas do esquecimento e onde interiormente se refletem as vozes que anteriormente a habitaram.

¹ (Jorge, 1983).

Resumo

A recuperação e valorização do Património, mas sobretudo a possibilidade por parte dos cidadãos de poderem desfrutar de um bem que lhes pertence, é cada vez mais uma preocupação comum. Procura-se então a necessidade de valorizar e desenvolver a pragmática do Património que, evidentemente, é a representação da evolução da sociedade. Em muitos casos este permanece esquecido e até desaparecido, caindo em desuso por não se haver apreciado, no momento certo, a sua valorização.

Neste sentido, na presente dissertação será abordada a valorização de um Monumento Nacional através da criação de um espaço que promova a dinamização cultural e turística no seu interior e envolvente. Um dos principais objetivos que será trazido a vogue é a sua devolução em pleno à população em geral e de como esta o pode valorizar através da sua identidade.

Situado no concelho de Ourém, na Freguesia de Nossa Senhora das Misericórdias, o Castelo que partilha do mesmo nome da cidade é também conhecido como Paço dos Condes. Localiza-se no ponto mais alto da cidade e está estrategicamente situado no centro da cidade e do país. Através de junção de antigas vias, numa zona dotada de assinalável diversidade de recursos naturais essenciais à sobrevivência e fixação de comunidades humanas, a exemplo dos inúmeros testemunhos arqueológicos identificados até ao momento, o Castelo oferece uma vasta gama turística e cultural.

Propõe-se devolver vitalidade, turismo e preservação do património arquitetónico à área de intervenção. Pretende-se ainda dar-lhe o devido reconhecimento que caiu em desuso e ainda assim ser um contributo para recuperação da malha urbana onde está inserido.

Palavras-chave:

REABILITAÇÃO | VALORIZAÇÃO | CASTELO | OURÉM | PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO | IDENTIDADE

Abstract

The recovery and valorisation of the Patrimony, but above all the possibility for the citizens to be able to enjoy a property that belongs to them, is increasingly a common concern. The need to value and, above all, to develop the pragmatics of Heritage is evidently a representation of the evolution of society, and where in many cases it remains forgotten and even disappears, falling into disuse because it was not appreciated at the right moment , its appreciation.

In this sense, in this dissertation will be approached the valorization of a National Monument, through the creation of a space that promotes the cultural and tourist dynamism inside and surrounding, where it will be vogue to return it in full to the population in general and where this will be one of the main objectives, in order to value it through its identity.

Located in the municipality of Ourém, in the parish of Nossa Senhora das Misericórdias, the Castle that shares the same name of the city is also known as Paço dos Condes. It is located at the highest point of the city and is strategically located in the center of the city and the country. Through the junction of ancient roads, in an area endowed with remarkable diversity of natural resources essential to the survival and establishment of human communities, like the numerous archaeological evidence identified so far, the Castle offers a wide range of tourism and culture.

It is proposed to restore vitality, tourism and preservation of the architectural heritage to the area of intervention. It is also intended to give it due recognition that it has fallen into disuse and still be a contribution to the recovery of the urban network where it is inserted.

Keywords:

REHABILITATION | VALORIZATION | CASTLE | OURÉM | ARCHITECTURAL PATRIMONY | IDENTITY

Índice

Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vii
Prefácio.....	ix
Resumo.....	xi
Abstract.....	xiii
CAPÍTULO I.....	1
INTRODUÇÃO.....	1
1.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA.....	2
1.2. OBJETIVOS E METODOLOGIA DA DISSERTAÇÃO.....	2
1.3. ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	3
CAPÍTULO II.....	5
LER O TERRITÓRIO. CONHECER O LUGAR.....	5
2.1. OURÉM. ENQUADRAMENTO FÍSICO.....	5
2.2. EVOLUÇÃO HISTÓRICA.....	6
2.3. A EVOLUÇÃO A CIDADE DE OURÉM.....	7
2.4. EXPRESSÕES MATERIAIS.....	9
2.5. O VINHO DE OURÉM.....	10
CAPÍTULO III.....	13
UM TESOURO ENTRE MURALHAS.....	13
3.1. O CENTRO HISTÓRICO DE OURÉM.....	13
3.2. PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO EM OURÉM.....	14
3.3. ANÁLISES.....	17
3.4. ACESSIBILIDADES.....	24
3.5. CONDICIONANTES.....	25
3.6. INTERVENÇÕES REALIZADAS NO CENTRO HISTÓRICO.....	26
CAPÍTULO IV.....	28
O CASTELO.....	28
4.1. CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA.....	29

4.2. ATUALMENTE: ESTADO E FUNÇÃO	31
4.3. ANÁLISE	32
4.3.1. AS TORRES.....	32
4.3.2. O PAÇO DO 4º CONDE DE OURÉM	34
4.3.3. OS TORREÕES.....	36
4.3.4. ACESSOS.....	38
4.4. O QUE MOTIVOU À CONSTRUÇÃO DO CASTELO? PORQUÊ? QUE INFLUÊNCIAS ARQUITETÓNICAS?.....	39
4.5. ANÁLISE SWOT	43
CAPÍTULO V.....	44
RESTAURAÇÃO EM CASTELOS	44
5.1. CONCEITO DE RESTAURAÇÃO SEGUNDO VIOLET-LE-DUC E RUSKIN.....	44
5.2. ADAPTAÇÃO DO MONUMENTO A NOVOS USOS	46
5.3. VALORIZAÇÃO DO MONUMENTO ENQUANTO LUGAR.....	47
CAPÍTULO VI.....	48
CASOS DE ESTUDO	48
6.1. O NOVO, NO CASTELO DE CASTELO NOVO	48
6.1.1. ENQUADRAMENTO	48
6.1.2. INTERVENÇÃO	50
6.2. CASTELO DE POMBAL.....	55
6.2.1. ENQUADRAMENTO	55
6.2.2. INTERVENÇÃO	57
6.3. CASTELO DE PEÑAFIEL.....	61
6.3.1. ENQUADRAMENTO	61
6.3.2. INTERVENÇÃO	63
CAPÍTULO VII.....	4869
O LUGAR E A PAISAGEM.....	69
7.1. INTERVENÇÃO	69
7.2. PORQUÊ UM MUSEU?	70
7.3. PROGRAMA	71
7.4. ESTRATÉGIA CONCEITO	72
7.5. MEMÓRIA DESCRITIVA.....	75
7.5.1. PERCURSOS	75

7.5.2. ARRANJOS EXTERIORES.....	78
7.5.3. CHAVE	79
7.5.4. TORRES	81
7.5.5. PAÇO DOS CONDES	88
7.5.6. TORREÕES.....	98
CAPÍTULO VIII	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS ARQUITETÓNICAS.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

Lista de Figuras

Figura 1 Localização geográfica do concelho de Ourém e Castelo.	5
(fonte: https://www.bing.maps.pt , esquema do autor; acedido em: 23.junho.2017)	
Figura 2 Evolução histórica da cidade de Ourém	6
(esquema do autor, acedido em: 23.junho.2017)	
Figura 3 Evolução do nome da cidade de Ourém	8
(esquema do autor, acedido em: junho.2017)	
Figura 4 Castelo à vista na Atouguia	12
(fonte: http://2.bp.blogspot.com/mlzRoa5wLH4/TvPD0VKmulI/AAAAAAAAAHhU/pAaRw4mQBRQ/s1600/castillo+desde+zambujal.jpg ; acedido em: 5.julho.2017)	
Figura 5 Vinha do Concelho de Ourém	12
(foto do autor, junho.2017)	
Figura 6 Adega tradicional	12
(fonte: https://www.clubevinhosportugueses.pt/vinhos/regioes/estremadura/vinho-medieval-de-ourem-um-vinho-historico/ , acedido em junho.2017)	
Figura 7 Lagar	12
(fonte: https://www.clubevinhosportugueses.pt/vinhos/regioes/estremadura/vinho-medieval-de-ourem-um-vinho-historico/ , acedido em junho.2017)	
Figura 8 Distância do Centro Histórico de Ourém ao Centro da Cidade	13
(fonte: https://www.bing.maps.pt , esquema do autor; acedido em: julho.2017)	
Figura 9 Antiga planta de implantação - arquivo	14
(fonte: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , acedido em: maio.2017)	
Figura 10 Vista aérea da zona do Castelo	24
(fonte: https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ46LGLbFbv76eogQqoqPFWc5ehUd2UN7xUmi_mLAOXmUk5hoyBmw , acedido em: maio.2017)	
Figura 11 O Castelo	28
(fonte: https://2.bp.blogspot.com/IbLD8YAlbzU/WBubLZ1hmcl/AAAAAAPL8/ezsl15ck4bMh6P0zYKr6WyZhglTid-uACLcB/s1600/Castelo%2Bde%2BOurem.jpg , imagem editada pelo autor; acedido em: julho.2017)	
Figura 12 Paço e Torreão.....	29
(fonte: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , acedido em: maio.2017)	

Figura 13 Torres no interior do recinto	32
(fonte: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , acedido em: maio.2017)	
Figura 14 Torre de receção vista da Chave	32
(fonte: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , acedido em: maio.2017)	
Figura 15 Torres na atualidade, no interior do recinto	33
(fotografias do autor, abril, junho, setembro 2017)	
Figura 16 Torres e marcas do tempo.....	33
(fotografias do autor, abril, junho, setembro 2017)	
Figura 17 Torres vistas pelo exterior do núcleo.....	33
(fotografias do autor, abril, junho, setembro 2017)	
Figura 18 Torres e o muro amuralhado	33
(fotografias do autor, abril, junho, setembro 2017)	
Figura 19 Planta do Paço - arquivo.....	34
(fotografias cedidas pelo arquivo municipal de Ourém, março 2017)	
Figura 20 Paço em obras	34
(fotografias cedidas pelo arquivo municipal de Ourém, março 2017)	
Figura 21 Paço na atualidade - Interior, Exterior	35
(fotografias do autor, setembro 2017)	
Figura 22 Torreões na atualidade em diferentes perspetivas	37
(fotografias do autor, abril, junho, setembro 2017)	
Figura 23 Acessos ao Castelo na atualidade	38
(fotografias do autor, junho 2017)	
Figura 24 Eugène Viollet-le-Duc	45
(fonte: https://www.britannica.com/biography/Eugene-Emmanuel-Viollet-le-Duc ; acedido em: dezembro.2018)	
Figura 25 John Ruskin	45
(fonte: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/ruskin.htm ; acedido em: dezembro.2018)	
Figura 26 Localização geográfica do Castelo de Castelo Novo	49
(fonte: https://www.bing.maps.pt , esquema do autor; acedido em: agosto.2017)	
Figura 27 O Castelo e a sua envolvente	49
(fotografias do autor, maio 2017)	
Figura 28 Intervenção do Castelo em imagens, destaque para a sua materialidade e cor	
(fonte: https://www.archdaily.com/230727/castelo-novo-castle-comoco , complementado com fotografias do autor; acedido em: outubro.2017)	
Figura 29 Planta de Implantação	52
(fonte: https://www.archdaily.com/230727/castelo-novo-castle-comoco , editada pelo autor; acedido em: setembro.2017)	
Figura 30 Maquete da intervenção	54

(fonte: <https://www.archdaily.com/230727/castelo-novo-castle-comoco>, acessado em: setembro.2017)

Figura 31 | Localização geográfica do Castelo de Pombal 56

(fonte: <https://www.bing.maps.pt>, esquema do autor; acessado em: outubro.2017)

Figura 32 | O Castelo antes da intervenção..... 56

(fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/756658/centro-de-visitantes-do-castelo-de-pombal-comoco-arquitectos>, editada pelo autor; acessado em: outubro.2017)

Figura 33 | Fotografias da Intervenção 56

(fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/756658/centro-de-visitantes-do-castelo-de-pombal-comoco-arquitectos>, complementado com fotografias do autor; acessado em: outubro.2017)

Figura 34 | Planta de Implantação 59

(fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/756658/centro-de-visitantes-do-castelo-de-pombal-comoco-arquitectos>, editada pelo autor; acessado em: outubro.2017)

Figura 35 | Localização geográfica do Castelo de Penãfiel 62

(fonte: <https://www.bing.maps.pt>, esquema do autor; acessado em:novembro.2017)

Figura 36 | Castelo antes da intervenção 62

(fonte: <http://www.robertovalle.com/arquitectura/seleccion/museo-del-vino>, acessado em: novembro.2017)

Figura 37 | Fotografias da maquete com proposta 65

(fonte: <http://www.robertovalle.com/arquitectura/seleccion/museo-del-vino>, acessado em: novembro.2017)

Figura 38 | Planta de Implantação 66

(fonte: <http://www.robertovalle.com/arquitectura/seleccion/museo-del-vino>, editada pelo autor; acessado em: novembro.2017)

Figura 39 | Processo Criativo 67

(fonte: <http://www.robertovalle.com/arquitectura/seleccion/museo-del-vino>, acessado em: novembro.2017)

Figura 40 | esquema explicativo 72

(desenhos do autor, outubro 2017)

Figura 41 | diagramas conceptuais 72

(desenhos do autor, outubro 2017)

Figura 42 | Planta de Implantação 73

(desenhos do autor, setembro 2017)

Figura 43 | Esquícios 74

(desenhos do autor, setembro 2017)

Figura 44 | Perfil da proposta 76

(desenhos do autor, janeiro 2018)

Figura 45 | 1ª maquete de estudo 77

(pelo autor, julho 2017)

Figura 46 	79
(desenhos do autor, abril 2018)	
Figura 47 esquiço da proposta	79
(desenhos do autor, janeiro 2018)	
Figura 48 Localização da Chave.....	80
(desenhos do autor, setembro 2017)	
Figura 49 Localização das Torres	82
(desenhos do autor, setembro 2017)	
Figura 50 Torres. Piso 0	85
(desenhos do autor, abril 2018)	
Figura 51 Torres. Piso 1	85
(desenhos do autor, abril 2018)	
Figura 52 cortes da proposta	86
(desenhos do autor, maio 2018)	
Figura 53 Esquiços	87
(desenhos do autor, fevereiro 2018)	
Figura 54 Localização do Paço	89
(desenhos do autor, agosto 2017)	
Figura 55 esquiços da proposta	92
(desenhos do autor, abril 2018)	
Figura 56 plantas estruturais. piso -1 e 0	93
(desenhos do autor, janeiro 2018)	
Figura 57 2ª maquete, intervenção no Paço	95
(desenhos do autor, abril 2018)	
Figura 58 Corte explicativo da proposta.....	96
(desenho do autor, maio 2018)	
Figura 59 esquiços da proposta	97
(desenhos do autor, maio 2018)	
Figura 60 localização dos torreões	98
(desenhos do autor, agosto 2017)	
Figura 61 alçado da proposta.....	99
(desenhos do autor, março 2018)	

Figura sub-capa - esquema desenhado pelo autor

Lista de Acrónimos

UBI - Universidade da Beira Interior

MMO - Museu Municipal de Ourém

NUT - Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

DOC - Denominação de Origem Controlada

CMO - Câmara Municipal de Ourém

IS - Instalação Sanitária

SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

DGEMN - Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

PEDU/PARU - Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano / Planos de Ação para a Reabilitação Urbana

POSEUR - Programa Operacional Sustentabilidade E Eficiência No Uso De Recursos

FEDER - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

“Afigura-se-me que há duas formas de olhar para as rápidas transformações por que o mundo passa. Muitos vêem sobretudo o que muda, outros procuram surpreender o que, a despeito delas, permanece.”²

O interesse e gosto cada vez maior na relação entre arquitetura e património foi algo que sempre me despertou grande vontade de intervir e analisar. À medida que este fascínio crescia e se relacionava com as nossas raízes antepassadas, revelava-se um mundo bastante amplo e com muito por descobrir. Cresceu assim a vontade de relacionar a arquitetura contemporânea com a reabilitação e ir mais além na sua condição que limita e completa outras artes.

A preservação do património cultural abrange diversos aspetos daquilo que é considerado um monumento histórico. É neste sentido que a valorização e usufruto do património arquitetónico carece, no nosso país, de uma intervenção justa e ponderada sobre este, de modo a promover o seu conhecimento histórico e a possibilidade de utilização desses espaços para fins culturais, preservando, assim, os espaços através da sua utilização não os deixando ao abandono.

² (Silva, 2014)

1.1. | CONSIDERAÇÕES INICIAIS E JUSTIFICAÇÃO DO TEMA

Uma das variadas razões para a escolha da temática reabilitação deve-se ao facto de o assunto estar cada vez mais em vogue nos dias de hoje. E quando se fala em património arquitetónico esta vem à deriva, pelo querer da revalorização e do trazer à tona o que ficou esquecido no tempo. Pela sua qualidade intrínseca, pela sua integração nos tecidos de paisagem urbana ou rural, e pelo acervo de memórias históricas que inevitavelmente abrigam.

Neste sentido, surge a oportunidade de reabilitar um castelo, uma ruína silenciosa, mas cheia de vida e memória identitária que reclama pela sua revalorização. Que destino dar a essa revalorização? Que destino dar a esse património gerado? Transformar? Reabilitar?

Situado no concelho de Ourém, numa vila de cariz medieval, repleta de história e costumes, o Castelo exerce uma forte dimensão na paisagem. A escolha é influenciada pela importância que este tem como património nacional, turístico e de cultura local. Tendo em conta que há uma ligação afetiva a este grande marco, a intenção passa por transmitir na sua recuperação alguma da sua história e valor emocional. Como desenvolver e valorizar esta temática de ruína silenciosa, rica e esquecida no tempo e que tanto traz à cidade e à população? Esta é a principal razão de o querer despertar para uma nova realidade, que neste momento está esquecida, e onde surge então a valorização do património e onde se baseará a proposta de intervenção patrimonial. Para se manter a sua autenticidade, memória, identidade, pressupõe-se o respeito pela manutenção dos materiais originais de igual valor patrimonial. Como motivação extra, é o desafio de o projeto aqui apresentado, ter a possibilidade de ser concebido futuramente.

1.2. | OBJETIVOS E METODOLOGIA DA DISSERTAÇÃO

A primeira fase da dissertação é de pesquisa documental e bibliográfica, onde se pretende descrever e analisar as teorias e princípios que definem a relação da reabilitação patrimonial e arquitetura. Procurar-se-á entender quais os critérios, e de que forma o processo de criação numa intervenção no património se integra na contemporaneidade.

Numa fase seguinte proceder-se-á à análise de alguns projetos com necessidades similares, que sejam condutores com base funcional e técnica para o desenvolvimento de uma proposta criativa, através do estudo dos autores dos mesmos e da obra em si.

Na última fase pretende-se desenvolver uma proposta de intervenção para o Castelo de Ourém, tendo como base os princípios e referências estudados, onde se deva aplicar os conhecimentos de arquitetura de acordo com as soluções de materialidade e construção exigidas para esse tipo de edifícios. Como apoio para a compreensão da proposta será utilizada uma escala do projeto

adequada para que sejam notáveis e compreensíveis as soluções. Na apresentação do projeto irão incluir-se os elementos necessários fundamentais para a sua compreensão, desde peças desenhadas a um modelo tridimensional.

1.3. | ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação divide-se em três partes principais. Inicialmente, aborda-se e desenvolve-se o enquadramento teórico da temática proposta, de forma a compreender a relação entre o edificado e o local, o contexto histórico, o lugar, a função, e as suas características que ajudam a definir a sua origem, evolução e funcionalidade. Posteriormente, procede-se à análise de casos práticos de edifícios que integram o leque de intervenções contemporâneas em castelos, onde é analisado como estas se integram na malha patrimonial, em termos de conceitos, materialidade e espacialidade como base condutora à fase de desenvolvimento prático. Por fim, é proposta uma intervenção que pretende devolver toda a vivacidade ao edificado em questão com a definição de um programa proposto para o local e para os visitantes sem esquecer a sua identidade.

CAPÍTULO II

LER O TERRITÓRIO. CONHECER O LUGAR.

2.1. | OURÉM. ENQUADRAMENTO FÍSICO.

Ourém é uma cidade portuguesa localizada na zona centro-oeste de Portugal Continental e pertence ao distrito de Santarém. Com proximidade com várias cidades histórico-turísticas, integra a Região de Turismo Leiria-Fátima, e está inserida na NUT III Médio Tejo. Tem cerca de 420km² de área e 45 932 habitantes, segundo os Censos de 2011. Possui 18 freguesias, e duas delas estão inseridas na sua mancha urbana.

É uma cidade que suporta um enorme valor histórico (nomeadamente na zona do castelo, vila medieval), e tem um património natural riquíssimo, onde se destacam as várzeas do Rio Nabão, com principal ênfase para a nascente do Agroal.

Ourém subdivide-se em duas áreas distintas: o Norte e o Sul. No Norte, situam-se freguesias com uma agricultura mais produtiva e no Sul situam-se os relevos de maior altitude, onde ultrapassa pouco mais de 300 metros, dos quais se destaca a Serra de Aire com cerca de 677 metros.

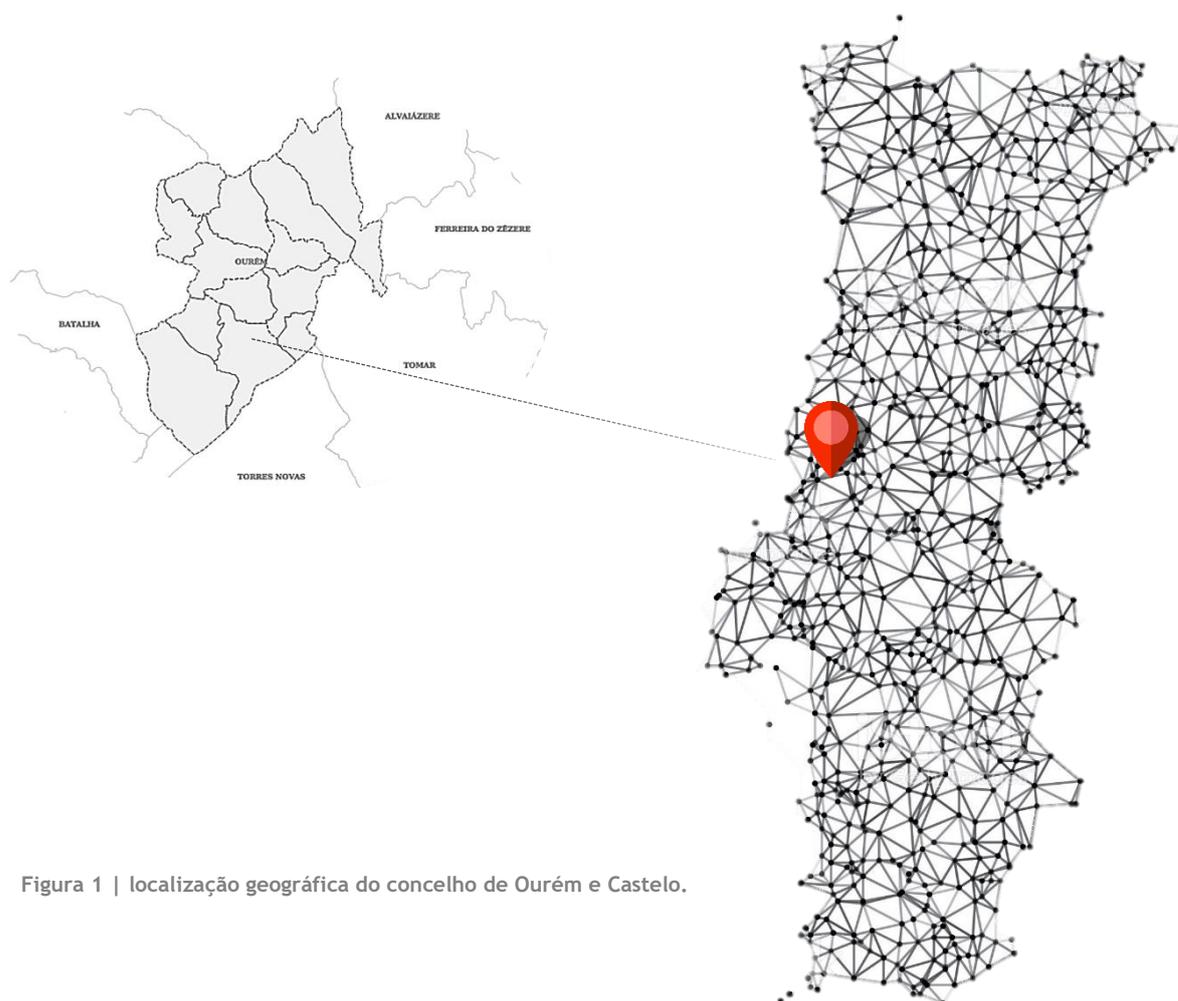


Figura 1 | localização geográfica do concelho de Ourém e Castelo.

2.2. | EVOLUÇÃO HISTÓRICA

A evolução histórica da cidade influenciou o que ela é hoje. A sua linha cronológica está representada no seguinte esquema:

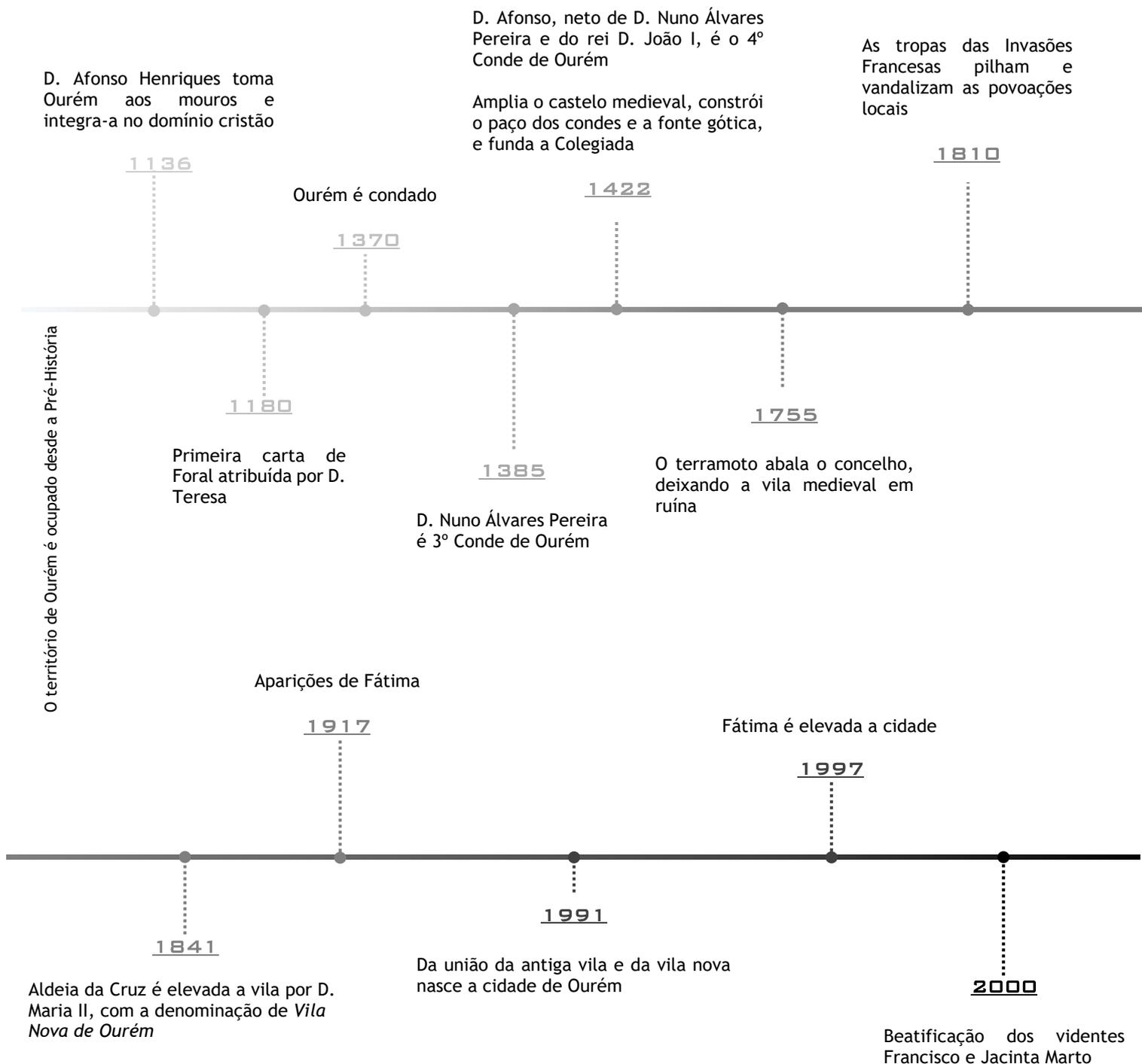


Figura 2 | Evolução histórica da cidade de Ourém

2.3. | A EVOLUÇÃO A CIDADE DE OURÉM

*“Primeiro, foste Oureana,
Depois Aldeia da Cruz,
Vila Nova, já mais tarde.
Foste “mãe” republicana
De lutadores sem tabus!
No teu coração arde
A chama da liberdade.
Lutaste e trabalhaste
-Não sei se também rezaste,
Ou por ti, ou por alguém (!)
Sei que sozinha chegaste
A ser o que és - cidade.
Hoje, és cidade de Ourém!”³*

E foi assim que nasceu Ourém.

Nos séculos XI-XII a velha Abdegas passou a denominar-se AUREN ou OUREN, raiz do nome atual. O núcleo histórico desenvolveu-se em torno do Castelo, após um período de grande desenvolvimento, no tempo de D. Afonso, 4º Conde de Ourém. Tendo sido extremamente atingido pelo terramoto de 1755, levou a população a afastar-se para a pequena aldeia da Cruz, situada numa encosta adjacente à Ribeira de Seiça.

Em 1841 a sede do concelho passou da zona histórica do castelo para o vale, onde atualmente se encontra.

Até à sua elevação a cidade denominava-se de Vila Nova de Ourém, e hoje em dia é cidade de Ourém.

³ (Lopes, 2012)

No seguinte esquema pudemos ver o quanto a cidade evoluiu ao longo dos anos.

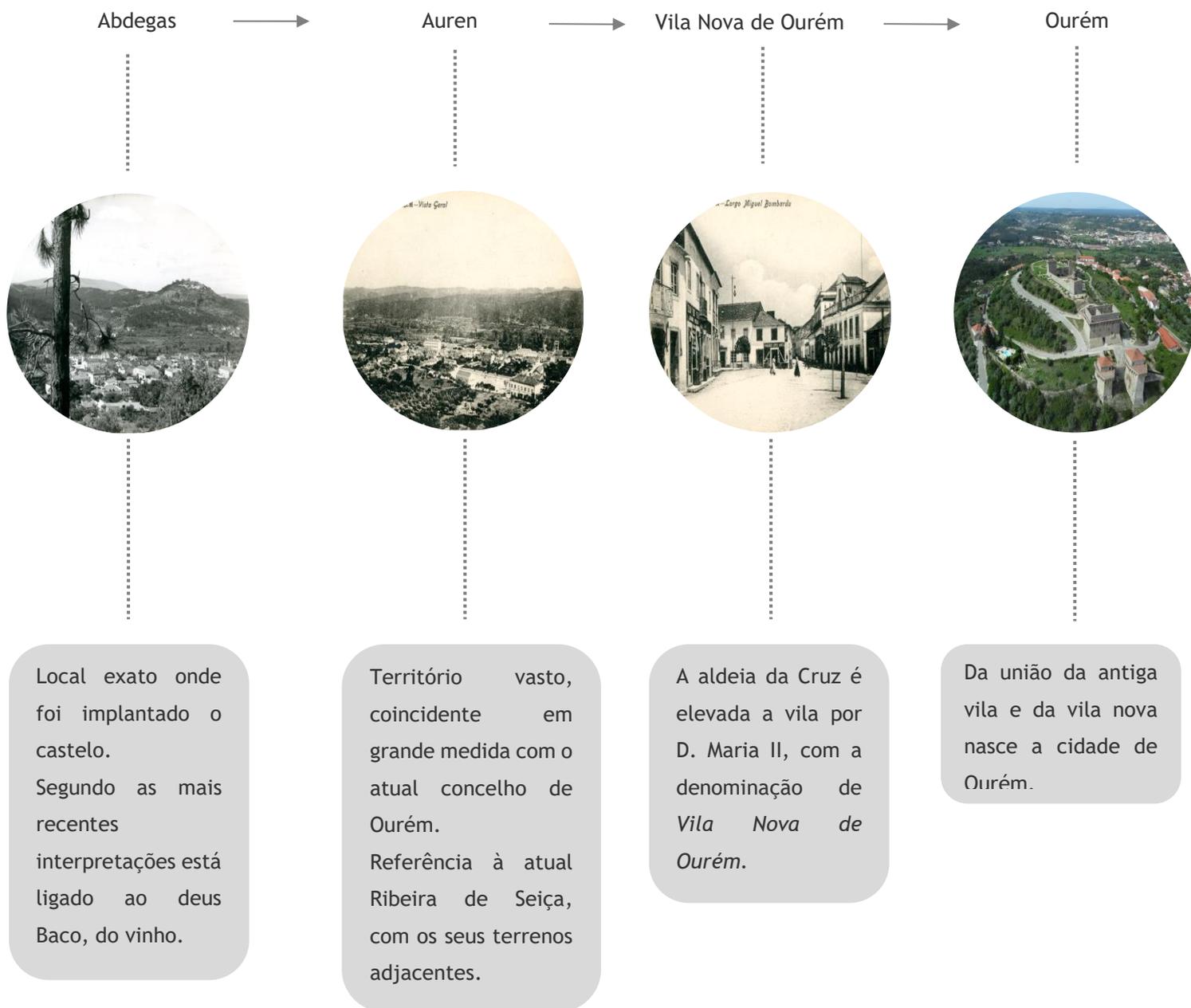


Figura 3 | Evolução do nome da cidade de Ourém

2.4. | EXPRESSÕES MATERIAIS

Foi de geração em geração, que o Oureense transformou e se moldou consoante a natureza, observando as aptidões e os constrangimentos que esta lhe apresentava, numa relação negocial e estratégica que promoveu a otimização dos recursos naturais e a humanização da paisagem. Foi na calcetaria, construções de adobe, construções em pedra, construções em taipa, cestaria que se baseou como fonte de rendimento e que hoje em dia está bem presente.



2.5. | O VINHO DE OURÉM

“Pela particularidade do seu solo, escolhas das suas plantas e método do seu fabrico, saliente-se destacadamente com um renome já famoso, a região de Vila Nova de Ourém; os seus produtos são realmente duma apresentação que encanta. Ligeiros, finos, hilariantes, sobretudo, esses vinhos reúnem tais qualidades e agrados, que podem ao mesmo tempo extasiar o paladar e a vista. Por isso a toda a parte onde chegam, por justo título, têm de todos uma estima, um apreço e uma preferência esquisitamente singulares.”⁴

É graças ao nível de clima e fatores geológicos que Ourém produz vinhos únicos e que se conjugam na perfeição. A sua produção é uma tradição que tem séculos de existência e que foi introduzida pelas mãos dos monges de Cister⁵.

O cultivo da vinha no concelho de Ourém data ao século XII. Já no primeiro foral concedido a Ourém por D. Teresa, filha de D. Afonso Henriques se confirmava que a vinha já era considerada como uma das culturas mais importantes desta região. Contudo o seu grande desenvolvimento deu-se quando, D. Afonso Henriques, celebrou vários acordos com os monges de Cister, também conhecidos como monges agricultores, de modo a que estes trabalhassem as terras por ele concedidas. Pela influência que alcançaram em toda esta região, estes monges terão introduzido, e depois ensinado à população local, o melhor método para a produção de vinho e de outras culturas.

A vinha é cultivada, principalmente em terrenos altos e barrentos e com altas temperaturas no Verão, como os terrenos das freguesias de Gondemaria, Atouguia, Alburitel, Espite e Nossa Senhora das Misericórdias.

Fosse pelo isolamento da região, pela grande qualidade do vinho ou pelo muito amor que lhe têm, a maioria dos ourenses não se sentiu tentado a substituir o seu método por outros praticados noutras regiões. As qualidades dos seus vinhos são tao distintas e apreciadas que os tornaram inconfundíveis e levaram a que nunca perdessem o nome: “Vinhos de Ourém”.

Sabendo que cada região, com a sua identidade natural e humana, constitui um caso único, neste caso, é a própria diferenciação de produção que leva o vinho a diferenciar-se no mercado.

⁴ (Delgado, 1926)

⁵ Ordem de Cister, ou Ordem Cisterciense, é uma ordem religiosa monástica católica beneditina reformada. Aos seus membros religiosos de clausura monástica dá-se o nome de monges (ou monjas) cistercienses, ou monges brancos, como ficaram conhecidos devido à cor do hábito.

É na sua cor forte, e no paladar que cria que se encontra as características mais importantes deste vinho. Simples de produzir, porque bem-adaptado às condições das pequenas adegas, também é fácil de conservar.

Mas foi na última década do século XX, que se assistiu ao crescente abandono das vinhas no concelho. Foram os custos de produção sem o compensador aumento de preço do vinho e o facto de aparecerem no mercado vinhos que aproveitaram a fama da região, embora não sendo aí produzidos são alguns dos fatores de levaram à diminuição.

Resistindo durante mais de 800 anos, esta produção com tradição e história sempre soube manter intactas as práticas e técnicas.

A par de ser, desde 2005, DOC, a adesão à Associação de Municípios Portugueses do Vinho foi uma das recentes iniciativas com vista à promoção dos vinhos do concelho.

Hoje sente-se o orgulho das gentes de Ourém no vinho que tanto amam e que lhes permite manter uma atividade agrícola rentável. Porque quando a globalização da economia ameaça todas as atividades agrícolas da região, parece ser a viticultura a única que ainda resiste com alguma rentabilidade.

Num tempo em que queremos valorizar o nosso património, em que queremos destacar aquilo que é diferente, em que queremos apresentar ao exterior aquilo que é genuíno e digno de ser utilizado de forma nobre e entendido como ato cultural, é fundamental também aprofundar e manter a vivacidade deste produto, que é nosso - o vinho de Ourém.

Os vinhos de Ourém presentes no mercado trazem no seu rótulo a grande essência da herança e da história, nomeadamente a dos Castelo e da Vila Medieval. Com grande popularidade existe o Medieval de Ourém, Conde de Ourém, Colegiada, Dona Mécia, entre outros.

O vinho Medieval de Ourém, por exemplo, é um vinho histórico e que se tornou património do concelho. A sua degustação é entendida como um ato cultural, em que se destaca aquilo que é diferente, mas que é genuíno e digno. O slogan deste defende que beber medieval de Ourém é beber história.

Contudo, atualmente, existem alguns eventos que não deixam a memória desaparecer. Eventos como Rota das Adegas, Rota do Vinho Novo ou até mesmo a Feira dos Produtos da Terra ajudam a promover o vinho da região e a manter viva a tradição.



Figura 4 | Castelo à vista na Atougia



Figura 5 | Vinha do Concelho de Ourém



Figura 6 | Adega tradicional

“Não é fácil encontrar a oportunidade de construir no interior de uma paisagem bela e incólume. E é também uma grande responsabilidade. [...] Obrigada pela responsabilidade, que o vinho saia bom.” (Siza, 2007)



Figura 7 | Lagar

CAPÍTULO III

UM TESOURO ENTRE MURALHAS.

3.1. | O CENTRO HISTÓRICO DE OURÉM

Mais conhecido como Vila, o Centro Histórico de Ourém, está inserido na Freguesia de Nossa Senhora das Misericórdias, e encontra-se no ponto mais alto da cidade. Esta freguesia com cerca de 5 077 habitantes, dista cerca de 3 quilómetros da cidade de Ourém e abrange uma superfície total de 40,6 km² a uma altitude de 328 metros de altitude.

Outrora conhecido por Abdegas, inscreve-se numa zona central e estratégica do país, cuja posição topográfica se revelou favorável a uma orientação defensiva-militar. Integra-se num burgo amuralhado cheio de identidade própria e com um forte património arquitetónico.

Destaca-se sobretudo pela sua imponente marca na paisagem e pela localização. Situado num ponto elevado e de difícil acesso, sem um acesso direto ao exterior, e com vários obstáculos em toda a sua envolvente, o acesso à povoação residente só é possível por vias muito sinuosas, e em ziguezague, facilitando o vencimento do forte declive. O acesso ao exterior é limitado, possuindo apenas duas portas, o que condicionou a sua expansão natural. Estas características topo-morfológicas decorrem desde a sua origem, ou seja, a função principal deste lugar era essencialmente estratégica e defensiva. O traçado das suas ruas é o resultado da topografia, assim estão organizadas em função das curvas de nível. As ruas principais têm uma estrutura circular dentro da qual há algumas radiais. Este traçado de topografia relembra uma impressão digital, esta que reforma a marca de identidade e memória do lugar.

Foi com o terramoto de 1755 que o povoado ficou fortemente abalado, mas ainda assim subsistem vestígios de períodos anteriores, cuja riqueza tipológica confirma a importância desta vila na época medieval.



Figura 8 | Distância do Centro Histórico de Ourém ao Centro da Cidade

3.2. | PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO EM OURÉM

Composto pela vila amuralhada, essencialmente com monumentos e edifícios em casario branco, de diferentes épocas e estilos e com uma identidade muito própria o Centro Histórico de Ourém, pelo seu passado histórico, concentra um importante património arquitetónico, onde se destacam alguns imóveis classificados. São estes legados do passado que tornam o local extremamente apetecível, e atrativo. Assim, destacam-se:

SIPADES.00050617



Figura 9 | Antiga planta de implantação - arquivo

1 | IGREJA DA COLEGIADA

Data de Construção: Séc. XVIII

A construção da Colegiada de Santa Maria da Misericórdias teve início em 1453, no local onde antes estava a Igreja de St. ^a Maria de Ourém. Esta foi uma das maiores e mais antigas Colegiadas fundadas pela ação eclesiástica da Casa Ducal de Bragança. O terramoto de 1755 deitou o templo por terra, deixando apenas ilesa a cripta, que está alojada no piso inferior. Por ordem de D. José I. o edifício atual foi reconstruído em 1766, mas já sob um estilo pombalino.

2 | CRIPTA E TÚMULO DO 4º CONDE DE OURÉM

Data de Construção: Séc. XV

Alojada no piso inferior, sob o altar-mor da igreja, a Cripta ou Capela do Marquês foi fundada no séc. XV. É exemplar único dentro da arquitetura gótica. Aloja o túmulo do 4.º Conde de Ourém, que morrendo em 1460, foi trasladado em 1487 para esta arca tumular. O túmulo, em pedra branca, é ornado com brasões e mais motivos em relevo, destacando-se a estátua jacente.

3 | FONTE GÓTICA

Data de Construção: Séc. XV

Mesmo ao lado da Colegiada, junto às Portas da Vila, encontra-se a Fonte Gótica. Obra única dentro da arquitetura gótica portuguesa, foi mandada construir por D. Afonso em 1434. De planta quadrangular, é formada por dois arcos em ogiva. Equipamento de cantaria de pedra calcária, composto por um chafariz, sobre o qual está esculpido o brasão do IV Conde de Ourém e, por baixo deste, uma inscrição em letra gótica.

4 | PELOURINHO

Data de Construção: supõe-se que remonte aos finais do séc. XV.

Único no município de Ourém, este pelourinho é uma marca representativa dos foros municipais da vila. É um pelourinho de pinha, com fuste marcado a meia altura por três molduras. Tem nele inscrito o escudo das armas oficiais da vila de Ourém, esculpido com a data de 1620.

5 | TORREÕES

Data de Construção: Séc. XV

Os torreões foram construídos pelo 4º Conde por volta do ano de 1450. Nessa altura, uma passagem coberta unia o Paço a uma torre cilíndrica, de que resta a base, e daí fazia-se a ligação ao castelo.

6 | PAÇO DO CONDE

Data de Construção: Séc. XV

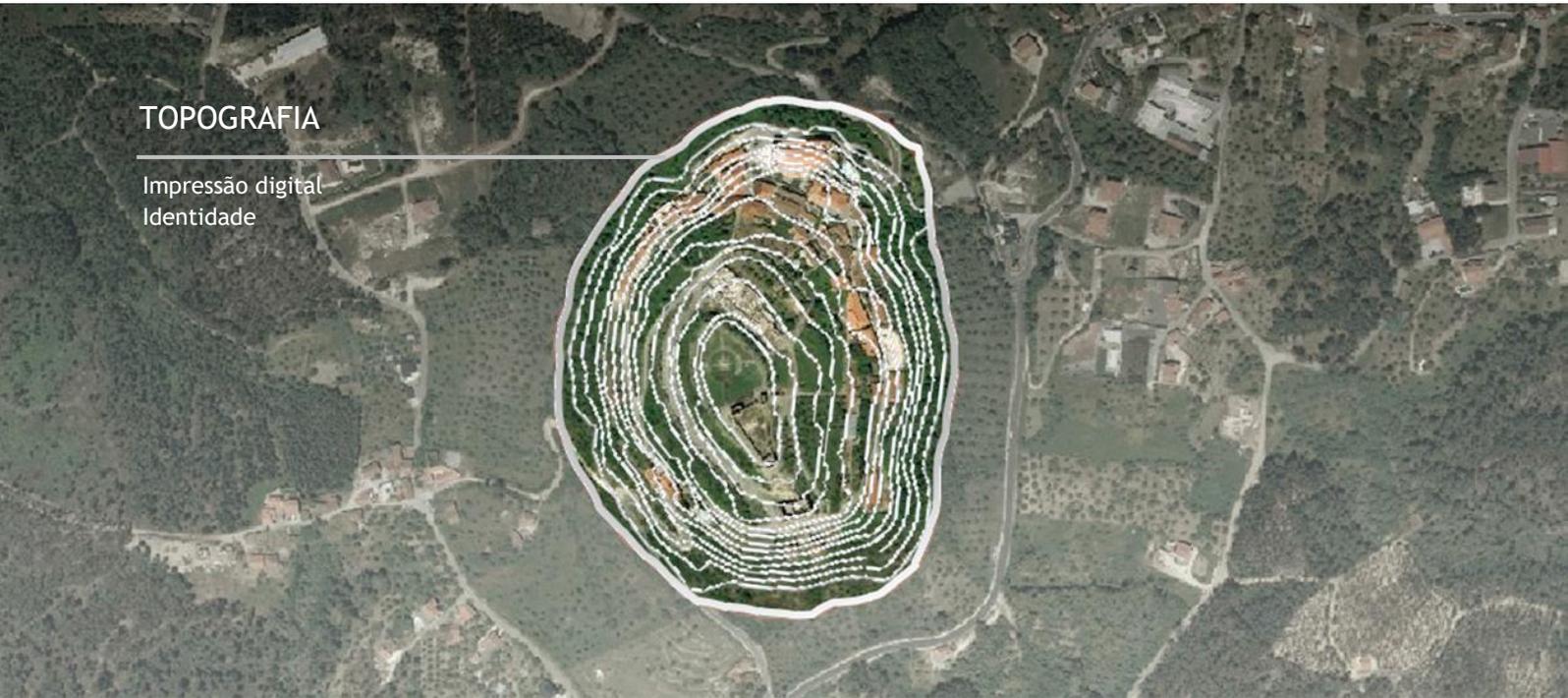
Voltado para o castelo, eleva-se o Paço do Conde D. Afonso, 4.º Conde de Ourém, residência oficial onde se instalou. Considerado modelo ímpar no País, este monumento nacional é uma excelente demonstração de poder militar, poder económico e de poder simbólico da época. Este é composto por um edifício principal, com um forte carácter senhorial e formato quadrangular, rasgado por janelas ogivais e pequenas frestas de iluminação do interior, e dois torreões defensivos localizados a sul, que se ligam à torre principal através de um túnel.

7 | CASTELO DE OURÉM - MONUMENTO NACIONAL- (capítulo IV)

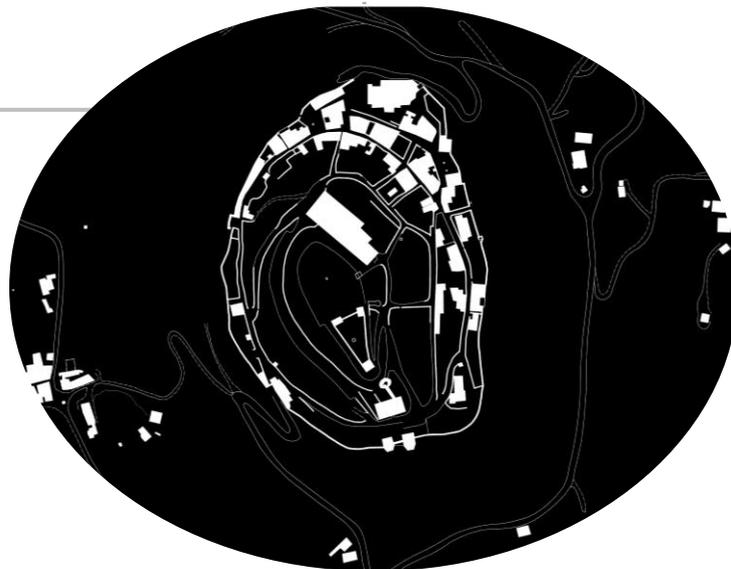
3.3. | ANÁLISES

TOPOGRAFIA

Impressão digital
Identidade

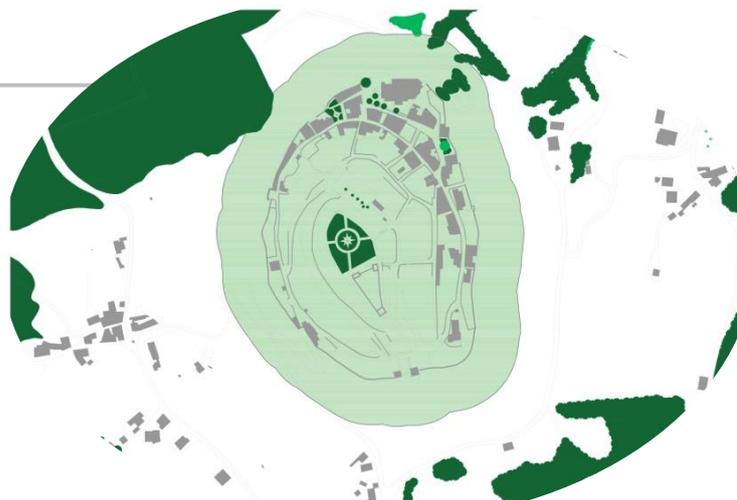


CHEIOS E VAZIOS



ESPAÇOS VERDES

- Arborização mais densa
- Arborização



| TOPOGRAFIA

“A arquitetura é condicionada pela topografia, geografia. Assim, ela abraça a paisagem e a expressa. Ela constitui uma unidade com a natureza.”⁶

O traçado topográfico funciona como uma impressão digital. Impressão esta que define a identidade do local, como uma ilha, num núcleo fechado e circular. Esta evidencia toda a zona do Castelo e posteriormente do centro histórica devido à sua elevada cota.

| CHEIOS E VAZIOS

“Em matéria de organização do espaço e no caso simples do ponto que lançamos no papel, contam igualmente o ponto e o papel ou, apontando um exemplo mais prosaico mas claro, é o caso de certo famoso queijo com buracos no qual, ainda que os buracos não alimentem, eles são indispensáveis para a total definição das suas características.”⁷

O centro histórico de Ourém é composto por 67 edifícios, sendo que é possível distinguir uma maior densidade de construção junto à Colegiada, a norte, e ao longo das principais ruas (laterais ao Castelo). A sul o povoamento vai ficando mais disperso, e entrecortado com campos de cultivo, delimitados por muros, constituídos por paramentos de casas arruinadas.

| ESPAÇOS VERDES

“As árvores tornam-se, nas imagens digitalizadas, o objeto de desejo do espaço, porque não são apenas constituídas por um tronco, ramos e folhas, mas revelam, mostram, tornam visíveis, inúmeras possibilidades de criação de espaços infinitos, espaços onde a gravidade parece ausente e a leveza e a suspensão as únicas forças possíveis. (...)”⁸

O centro histórico de Ourém tem uma elevada área de espaços verdes, nomeadamente pequenos logradouros, e espaços agrícolas. Os espaços verdes públicos são em reduzido número, e de pequenas dimensões, nomeadamente pequenas praças e jardins.

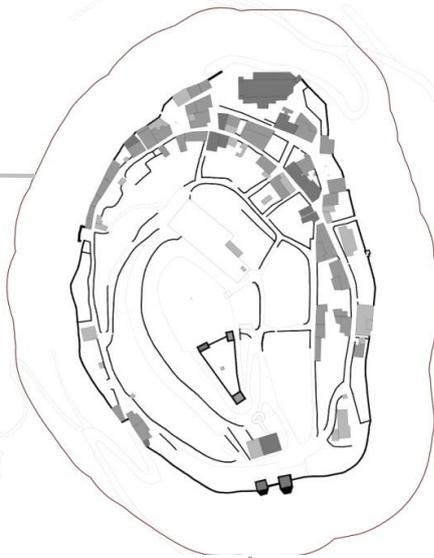
⁶ (Corbusier, 2002)

⁷ (Távora, 2007)

⁸ (Ventura, 2014)

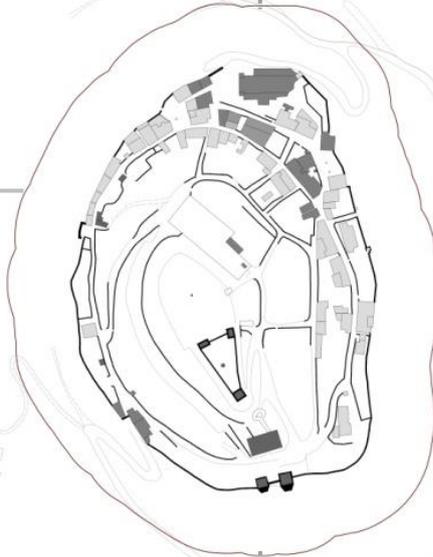
NÚMERO DE PISOS

- 1 piso
- 2 pisos
- 3 pisos
- 4 pisos

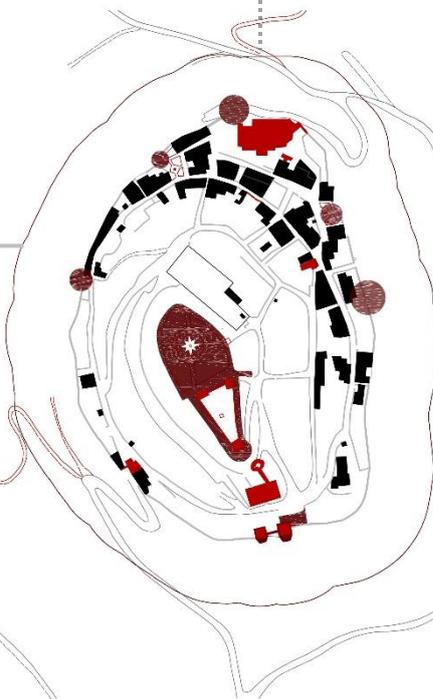


FUNÇÃO

- Habitação
- Ruína
- Serviços



- EDIFÍCIOS HISTÓRICOS
- MIRADOUROS



| NÚMERO DE PISOS

“Apenas a arquitetura, entre todas as artes, é capaz de dar ao espaço seu pleno valor. Ela pode nos rodear de um vazio de três dimensões e o prazer que dela se consegue extrair é um dom que só a arquitetura nos pode dar. (...) A arquitetura tem a ver diretamente com o espaço, utiliza-o como um material e coloca-nos no centro dele. (...) O espaço age sobre nós e pode dominar o nosso espírito; uma grande parte do prazer que recebemos da arquitetura surge, na realidade, do espaço. (...) O arquiteto modela-o como o escultor faz com o barro, desenha-o como obra de arte; tenta, enfim, por intermédio do espaço, suscitar um determinado estado de espírito nos que ‘entram’ nele.”⁹

Para a contagem do número de pisos foram considerados todos os pisos, tanto acima como abaixo da cota de soleira. Distinguindo-se os edifícios com 1, 2, 3 e 4 pisos. O centro histórico apresenta edifícios de pequena volumetria, pois a maioria dos edifícios tem um ou dois pisos (58 edifícios), sendo que apenas 9 edifícios têm 3 pisos.

| FUNÇÃO

“A arquitetura é, sobretudo, espaço. Mais do que uma imagem, mais do que um ou outro aspeto particular, a arquitetura é o que está dentro desse invólucro a que vulgarmente chamamos de edifício, e é aí que se encontra, de facto, o resultado do esforço de um arquiteto.”¹⁰

Os principais serviços estão localizados junto da Colegiada, nomeadamente a pousada, os cafés, a junta de Freguesia, a Galeria e posto de Turismo, a casa paroquial e o centro de catequese. A maioria dos edifícios inscreve-se na tipologia arquitetura residencial (36), representando 56% dos edifícios, sendo que há também um elevado número de edifícios de arquitetura civil pública (21), no qual se incluem os edifícios da pousada, os antigos paços do concelho, e as antigas prisões. Existem 4 edifícios de arquitetura militar e 6 de arquitetura religiosa.

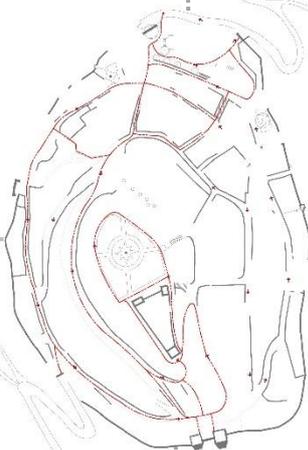
⁹ (Scott, 1996)

¹⁰ (Rodrigues, 2009)

FACHADAS RECUPERADAS



PERCURSO PEDESTRE PRINCIPAL



→ SENTIDO VIÁRIO
PERCURSO VIÁRIO

- Estrada Principal
- Estrada Secundária



| MIRADOUROS

“Criar arquitetura consiste em exprimir aspetos representativos do mundo real, como a natureza, a história, a tradição e a sociedade numa estrutura espacial, que é um conceito abstrato composto por uma lógica clara e transparente.”¹¹

Os miradouros existentes estão distanciados entre si ao longo de toda a área do centro histórico, são a janela direta com a paisagem e natureza. Estes apresentam alguns bancos informais, em pedra, e outros adossados à muralha do centro histórico.

| FACHADAS RECUPERADAS

“As ideias que as ruínas despertam em mim são grandes. Tudo está destruído, tudo perece, tudo passa. Não há mundo que reste. Não há tempo que dure. É velho este mundo! Eu caminho entre duas eternidades.”¹²

A maioria das fachadas foram recuperadas, relativamente ao seu revestimento, foram distinguidos 5 tipos de materiais: o reboco pintado, o reboco natural, o azulejo, a pedra e outros (edifícios revestidos com outro tipo de materiais, ou até mesmo sem qualquer tipo de revestimento). Relativamente aos materiais de construção distinguiu-se entre a alvenaria de pedra, a alvenaria de tijolo, adobe, betão, madeira e outros.

¹¹ (Ando, 2007)

¹² (Diderot, 1818)

| PERCURSO VIÁRIO

“Fotografar um território vasto. Procurar em Portugal as raízes de uma identidade coletiva que se perde num tempo longo. Construir um arquivo fotográfico. Reinventar uma paisagem humana, uma ideia de arquitetura, uma cidade nova.”¹³

A rede viária do centro histórico apresenta um traçado tortuoso, consequência da herança medieval, quando predominava o uso pedonal, não estando por isso adequada ao tráfego motorizado. As dificuldades agravam-se devido à topografia do local onde se localiza o centro histórico. Só é possível aceder ao centro histórico por duas entradas, as Portas da Vila (a Norte) e as Portas de Santarém (a Sul). As vias apresentam algumas barreiras arquitetónicas e pequenas dimensões, nomeadamente a largura. A maioria das ruas é funciona num único sentido, o pavimento em calçada apresenta várias irregularidades, e verifica-se a total ausência de bermas e passeios.

| PERCURSO PEDESTRE

“Space has a way of looking. It seems like it has a presence of vision. When you come into it, it is there, it’s been waiting for you.”¹⁴

Existem vários percursos pedestres possíveis e acessíveis, onde se destaca um principal e um secundário. Salienta-se a existência de vias exclusivamente pedonais, a configuração em escada é utilizada para vencer o declive da vila, facilitando a circulação pedonal entre o Castelo e a Colegiada.

¹³ (Belo, 2015)

¹⁴ (Turrell, 2013)

3.4. | ACESSIBILIDADES

O centro histórico de Ourém apresenta reduzidas dimensões e concentra um reduzido número de serviços e de população, posto isto não apresenta problemas de congestionamento, poluição ou ruído. Estes problemas podem ocorrer apenas em situações pontuais, quando se realiza eventos de maior dimensão, ou quando exista uma procura acentuada de turistas. Pela sua localização periférica não é um local de atravessamento de tráfego, as vias de acesso são utilizadas somente por trânsito local, ou seja, são usadas apenas por quem se desloca ao centro histórico. No entanto as especificidades da rede viária dificultam o acesso ao Centro Histórico por modo rodoviário, principalmente por veículos pesados de mercadorias, e que pretendam abastecer a pousada e os cafés existentes. Assiste-se também a alguns problemas de circulação nas vias com dois sentidos de tráfego, devido à reduzida dimensão das mesmas. O acesso ao centro histórico é realizado exclusivamente em transporte individual, sendo que o transporte coletivo fica no exterior, não sendo uma alternativa ao automóvel. O serviço de transporte coletivo não atravessa o centro histórico, passa apenas a alguns metros da área amuralhada, na Carapita, localidade situada a 700 metros do centro histórico. Os problemas de mobilidade existentes, consequência da topografia, podem ter um contributo preponderante para o declínio e a degradação do centro histórico, sendo um entrave para a fixação de população, que se agrava pela idade avançada da população residente.



Figura 10 | Vista aérea da zona do Castelo

3.5. | CONDICIONANTES

O centro histórico está classificado como Imóvel de Interesse Público implicando a existência de condicionantes às intervenções a realizar no interior da área amuralhada, assim como na sua envolvente, devido à existência de uma Zona Especial de Proteção.

No interior das muralhas existem duas categorias de imóveis classificados: Monumento Nacional: *classificação atribuída aos imóveis de interesse nacional quando a sua proteção e valorização, no todo ou em parte, represente um valor cultural de significado para a Nação.* Imóvel de Interesse Público: *classificação atribuída quando a respetiva proteção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de proteção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcionado.* Assim os imóveis classificados estão protegidos pela legislação relativa ao património histórico e cultural. Nomeadamente o Decreto-Lei nº 20 985, de 7 de março de 1932, a Lei nº 13/85, de 6 de julho, a Lei nº 159/99, de 14 de setembro, e o Decreto-Lei nº 205/88, de 16 de junho. O Castelo de Ourém está classificado como Monumento Nacional pelo Decreto de 16 de junho de 1910, Diário do Governo, nº 136, de 23 de junho de 1910. Estão classificados como Imóveis de Interesse Público a Antiga Vila de Ourém pelo Decreto nº 40 361, Diário do Governo, nº 228, de 20 de outubro de 1955; a Cripta e túmulo do marquês de Valença, pelo Decreto nº 37 366, Diário do Governo, nº 70, de 5 de Abril de 1949; e o Pelourinho de Ourém, pelo Decreto nº 23 122, Diário do Governo, nº 211, de 11 de Outubro de 1933.¹⁵

Os Monumentos Nacionais e os Imóveis de Interesse Público estão sujeitos a uma área de proteção até 50m, a partir do limite exterior dos mesmos. No entanto podem ser definidas zonas de proteção superiores. Sendo que nestas zonas de proteção não é permitido executar quaisquer obras de demolição, instalação, construção ou reconstrução em edifícios ou terrenos, sem o parecer favorável da Direção Geral do Património Cultural, que é vinculativo. Assim como todas as obras, a efetuar nos imóveis classificados, estão sujeitas a aprovação da Direção Geral do Património Cultural, antigo IGESPAR, e devem respeitar a legislação aplicável. Na ausência destas classificações, quando os imóveis possuem importância considerável é feita a sua inventariação como valor municipal. Os imóveis municipais inventariados serão protegidos pela legislação municipal, nomeadamente por planos de urbanização e de pormenor. Os valores arqueológicos estão protegidos pelas normas municipais, mas também por legislação específica, nomeadamente a Lei nº 13/85, de 6 de julho, do Património Cultural Português e o Decreto-Lei nº 270/99, de 15 de julho, que regula os trabalhos arqueológicos.

¹⁵ CMO – Câmara Municipal de Ourém

3.6. | INTERVENÇÕES REALIZADAS NO CENTRO HISTÓRICO

Sendo o centro histórico, um dos principais pontos de atração turística do município, e um local de grande tradição histórica, comprovada pelos achados arqueológicos, e com um vasto património arquitetónico, têm sido realizadas várias intervenções de reabilitação, conservação e melhoramento do centro histórico, com vista à valorização e promoção turística. Algumas intervenções foram realizadas por questões estéticas e de patrimonialização, de modo a garantir a reposição de alguma autenticidade, e no sentido de manter as características medievais do lugar.

Os principais promotores das intervenções realizadas são a Direção Geral das Edificação e Monumentos Nacionais, a Câmara Municipal de Ourém, a Junta de Freguesia de N^a Sr.^a das Misericórdias, e a comissão da Igreja Paroquial. Assim, ao longo dos anos têm sido realizadas várias intervenções, principalmente de conservação, destacando-se:

- As obras de conservação e consolidação do castelo realizadas pela DGEMN (1937);
- A iluminação do castelo, realizada pela CMO (1966);
- As obras de beneficiação da estrada de acesso ao castelo (comissão da Igreja Paroquial - 1970);
- A construção do Terreiro de São Tiago, e mais tarde a colocação da estátua de D. Nuno Álvares Pereira (anos 80);
- A recuperação dos antigos paços do Concelho, numa parceria da CMO, Junta de Freguesia e Casa de Bragança (anos 80);
- O calcetamento dos largos e algumas ruas; DGEMN e CMO (1982)
- A recuperação de alguns troços da muralha, DGEMN e CMO (1983);
- A adaptação de 5 casas para a instalação da Pousada (1992/1996);
- As obras de limpeza e reparação da Colegiada (1997);
- A intervenção na Galeria; Piso 0 do edifício dos antigos paços do concelho, CMO (2004)
- As obras de adaptação no edifício sul das prisões para instalação da Ucharia (2004);
- A reconstrução da muralha no miradouro dos Cónegos (2007);
- A reabilitação das calçadas romanas (2011);
- A intervenção de limpeza e conservação da Cripta (2011);
- A renovação da informação dos painéis turísticos (2012);
- A intervenção no pelourinho, interior da galeria e exterior do antigo edifício dos Paços do Concelho (2012);

Atualmente existe uma aposta na recuperação e valorização do Castelo de Ourém, das várias entidades públicas e privadas, que segundo a autarquia, a proposta aprovada compreende uma componente de conservação do Castelo e Paço dos Condes, visando a salvaguarda do monumento e a preservação da sua autenticidade e integridade. O projeto contempla também uma componente de beneficiação das acessibilidades e das condições de ação cultural, de

conservação e segurança das pessoas e do monumento. O programa de intervenção, definido pelo grupo de trabalho composto por técnicos do Município de Ourém, representantes da Fundação da Casa de Bragança e do Instituto Superior Técnico, em articulação com a Direção Geral do Património Cultural, teve início com uma pesquisa bibliográfica, documental e arqueológica, seguida do diagnóstico de patologias e plano de recuperação do conjunto monumental. A finalizar, o programa considera a beneficiação das condições de segurança e das acessibilidades no Castelo, Paço dos Condes e entre os vários edifícios. O programa de intervenção proposto enquadra-se no projeto de “Reabilitação do Castelo e Paço dos Condes de Ourém” (aprovado pela Direção Geral do Património Cultural em outubro de 2016. O Município pretende depois avançar com o projeto de reabilitação do Castelo e Paço dos Condes para espaços museológicos, enquadrado na prioridade de investimento PEDU/PARU - Programa Operacional POSEUR, que terá um investimento total previsto até ao montante de 1,2 milhões de euros e uma dotação FEDER até cerca de um milhão de euros.

CAPÍTULO IV

O CASTELO

“[...] uma estrutura erguida no alto de um monte, procurando retirar o máximo proveito da topografia do terreno, cujo espaço era delimitado por uma muralha, no qual podia funcionar uma pequena guarnição militar e onde as populações se podiam recolher em caso de ameaça. [...] um castelo não é um local de habitat. É um local destinado ao refúgio temporário, destinado a ser utilizado em caso de necessidade.”¹⁶



Figura 11 | O Castelo

¹⁶ (Almeida, 2012)

4.1. | CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA

Data de Construção: Indeterminada

Categoria: Arquitetura Militar

Tipologia: Castelo

Situação atual: Classificado

Categoria de proteção: Monumento Nacional

Propriedade: Fundação da Casa de Bragança

Entidade Responsável: Município de Ourem

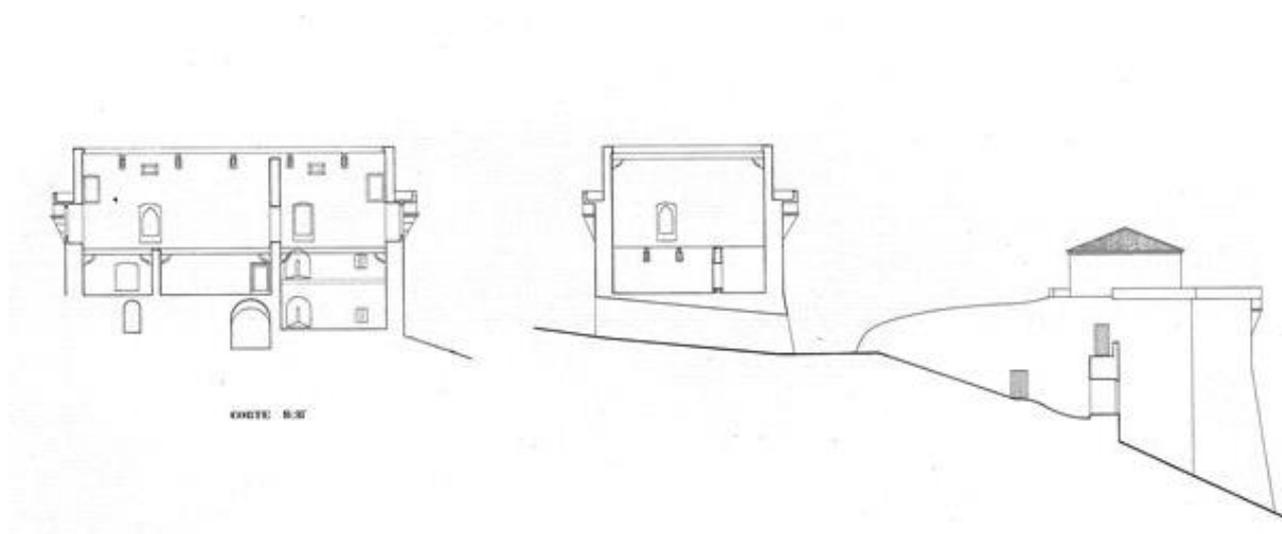


Figura 12 | Paço e Torreão

| CONTEXTUALIZAÇÃO

O Castelo de Ourém é hoje vulgarmente entendido como um conjunto formado pelo castelo propriamente dito, pelo Paço do 4º Conde de Ourém, e pelos Torreões avançados. Com forte impacto urbanístico e paisagístico, o Paço e os Torreões foram obra nova do 4º Conde de Ourém, neto de D. Nuno Álvares Pereira. Este também procedeu posteriormente a uma reforma no castelo, no qual se interligaram as duas restantes estruturas supramencionadas.

O Castelo de Ourém que se pensa ter sido construído no Século XII, por D. Afonso Henriques, e posteriormente reconstruído e aumentado pelo 4º conde de Ourém, no século XV, está classificado como Monumento Nacional desde 1910, e foi restaurado pela Fundação Casa de Bragança.

De planta triangular, formado por três torres, no recinto interior alberga no centro uma cisterna subterrânea que conserva água durante todo o ano, onde foram identificados vestígios do Calcolítico e das Idades do Bronze e do Ferro. Na torre noroeste, “D. Mécia”, exhibe cachorradas quatrocentistas de influência Italiana.

Erguido no ponto mais alto da colina, a cerca de 330 metros de altitude, desconhece-se ao certo a data precisa da sua fundação, pois sofreu fortes abalos com o terramoto de 1755 e consequentemente as invasões francesas de 1810.

No lado Norte do Castelo situa-se um amplo e panorâmico espaço verde, o Terreiro de Santiago, que contém ao centro a estátua de D. Nuno Álvares Pereira.

4.2. | ATUALMENTE: ESTADO E FUNÇÃO

Hoje em dia a importância e destaque que Fátima tem a nível regional, nacional e mundial faz esquecer e oculta o concelho de Ourém, nomeadamente o seu centro histórico e o seu Castelo. Apesar da sua importância histórica, ligação a importantes personalidades da história de Portugal, a antiga vila não consegue competir com o forte turismo religioso.

Designando Fátima como o destino turístico primordial do concelho, esta recebe visitantes muito específicos, nomeadamente peregrinos. Apesar da promoção turística desenvolvida junto destes de modo a atrair mais visitantes para o centro histórico, estes não pretendem visitar outros locais além do santuário, e dos locais a ele associados.

O centro histórico de Ourém pelas suas características e especificidades não tem apetência para receber grandes grupos turísticos, logo é essencial apostar num turismo diferenciado, com uma oferta qualificada ao nível da restauração e do alojamento, com a promoção dos produtos locais, que possam promover Ourém a nível nacional e regional. Para promover o centro histórico de Ourém à escala nacional e regional é necessário apostar numa imagem de marca, apostando também no reforço da identidade local e na sua promoção no exterior, trazendo a ruína esquecida de volta ao presente e futuro.

É na diversidade de eventos e festividade que existem ao longo do ano que se torna um pouco mais visível e atrativo. Estes eventos são essenciais para promover o comércio local, e garantem a multifuncionalidade do centro histórico e do Castelo.

4.3. | ANÁLISE

4.3.1. | AS TORRES



Figura 13 | Torres no interior do recinto

“Cada pedra aqui fala, cada flor
Há no castelo sombras eloquentes
Que, molhadas no sangue dos poentes
Não sabe traduzir nenhum pintor.”¹⁷



Figura 14 | Torre de receção vista da Chave

O castelo é formado por três torres, estreitas e elevadas, constituindo um recinto triangular, de grossas muralhas com torres nos ângulos, sendo duas ao norte e uma ao sul. No centro do castelo está uma ampla cisterna ogival que se conserva sempre com água. É subterrânea, para a qual se desce por uma escada em cantaria, e é alimentada por uma fonte abundante.

¹⁷ (Paiva, 2012)



Figura 15 | Torres na atualidade, no interior do recinto



Figura 16 | Torres e marcas do tempo



Figura 17 | Torres vistas pelo exterior do núcleo



Figura 18 | Torres e o muro amuralhado

4.3.2. | O PAÇO DO 4º CONDE DE OURÉM

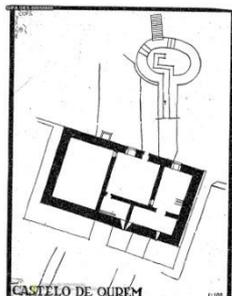


Figura 19 | Planta do Paço - arquivo

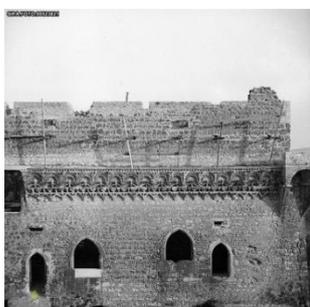


Figura 20 | Paço em obras

Ao construir o seu paço, em 1450, o Conde D. Afonso quis que o castelo tivesse comunicação com o Paço residencial e para isso mandou rasgar um túnel no rés-do-chão do Paço de modo a ter acesso à torre sul do castelo.

O paço apresenta um corpo principal de forma paralelepípeda, tendo um pouco a sul dois torreões inseridos na muralha da vila, de diferentes alturas e de planta poligonal, aos quais se acedia através de um passadiço, que ligava ao túnel. Na fachada norte do edifício, são visíveis as combinações de influências do Norte de África e de Itália. Por sua vez as janelas e portas apresentam já um estilo gótico que é rematado por um friso rendilhado em tijolo. Este alçado que está virado para um pátio é, ao contrário do oposto, copiosamente vazado por vãos retangulares e em arco quebrado; no pátio ergue-se a parte inferior de um cubelo oval, que protegia o acesso ao túnel. Sem cobertura, são ainda visíveis no interior as mísulas onde se apoiavam os barrotes dos soalhos e tetos.

¹⁸ (Andresen, 1970)



Figura 21 | Paço na atualidade - Interior, Exterior

4.3.3. | OS TORREÕES



*«MUDAM-SE os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.*



*O tempo cobre o chão de verde manto
Que já coberto foi de neve fria,
E, em mim, converte em choro o doce canto.*

*E, afóra este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto,
Que não se muda já como soía».*¹⁹

Tal como o paço, os torreões foram construídos a mando do 4º Conde de Ourém na década de 1450. Estes torreões dispõem-se sobre a muralha da vila, e possuem diferentes alturas. Cada torreão tinha três pisos e cobertura de quatro águas. O último piso, mais recuado, dava lugar a terraços avançados e sustentados por mísulas de pedra, onde se apoiavam as arcaduras. O pano de muralha que une os torreões, rematado por caminho de ronda, é rasgado por uma porta em arco quebrado no exterior e abatido no interior, conhecida por Porta da Traição. Os torreões do lado do recinto são rasgados por portas em arco quebrado.

¹⁹ (Camões, in Sonetos)



Figura 22 | Torreões na atualidade em diferentes perspetivas

4.3.4. | ACESSOS

“Nada se perde, tudo se transforma.”²⁰



Figura 23 | Acessos ao Castelo na atualidade

²⁰ (Lavoisier, 1777)

4.4. | O QUE MOTIVOU À CONSTRUÇÃO DO CASTELO? PORQUÊ? QUE INFLUÊNCIAS ARQUITETÓNICAS?

O Castelo de Ourém representa uma demonstração de poder simbólico, militar e económico, tal como refere SILVA²¹, “*O paço de Ourém é um dos edifícios que, pelas suas características excecionais, define com clareza a variedade de soluções que a habitação nobre conhece em Portugal no fim da Idade Média e, ao mesmo tempo, a importância que a nova Casa de Bragança assume no contexto da sociedade portuguesa. Com efeito, à magnificência do paço de Guimarães e ao enquadramento urbano do de Barcelos corresponde o de Ourém com a sua implantação soberba e o seu modelo único, revelador da personalidade e da necessidade de afirmação do seu construtor, o conde de Ourém e marquês de Valença D. Afonso.*”

A edificação do Paço como necessidade em instalar a memória de um condado levou o 4º Conde a servir-se de tipologias militares relativamente avançadas para a época num contexto de implantação arquitetónica em que as regras militares não foram todas religiosamente seguidas. A principal razão do 4º Conde era demonstrar uma forte imagem simbólica de poder sobre a vila, para tal, utilizou uma arquitetura que era nova na época em Portugal e que demonstraria o quanto viajado e ilustrado era.

Para a edificação do seu paço, tinha várias opções:

-a construção dentro do castelo preexistente;

-a própria adaptação do castelo a paço senhorial;

-a edificação do paço a uma cota inferior ao castelo preexistente (uma vez que este estava precisamente no ponto mais alto da vila), restaurando, ou não, o castelo simultaneamente.

Foi escolhida a última hipótese. Os torreões não representavam grande ajuda na defesa da vila e, conseqüentemente, na defesa do paço pelo interior da vila, em caso de capitulação desta.

Apesar de algumas lutas de poder que caracterizaram a época, a defesa da vila de Ourém não era muito relevante. O próprio paço assume a tipologia de uma estrutura defensiva, (embora fosse essa a forma da maior parte dos paços senhoriais da época), maior conforto interior e maior modernidade arquitetónica do que os paços congéneres de séculos anteriores.

A função dos torreões estava relacionada com a existência do paço e com a vila preexistente. O preexistente castelo, o novo paço e os novos torreões formam uma unidade arquitetónica. Existia uma passagem coberta que unia o paço a uma torre cilíndrica e daí fazia-se a ligação ao

²¹ (SILVA,1995)

castelo, também os dois torreões se ligavam ao paço, formando ali uma espécie de pátio exterior.

O pano de muralha que une os torreões foi rasgado por uma porta em arco quebrado, porta esta que serviria precisamente para assegurar a fuga do interior da vila em caso de necessidade, pois os torreões defendiam-na dos flancos convenientemente. Deste modo, os dois torreões foram construídos por duas grandes razões:

-pela necessidade de criar um “postigo da traição”, que não existia, já que o castelo estava no centro da vila. Deste modo, o paço não foi construído no próprio castelo por desperdiçar a previa fundação do castelo como último reduto em caso de ataque vindo do exterior. Por outro lado, tal obrigaria também à criação de um maior corredor protegido de acesso à muralha, para permitir a defesa contra ameaças vindas do interior da vila.

-pela vontade de valorizar a própria arquitetura do paço, prolongando-o de modo a debruçar-se sobre os muros da vila, numa zona com menor densidade de habitações. Os torreões não eram um paço, mas faziam parte do complexo residencial, apesar da sua função militar mais óbvia. No século XIX, havia memória dos dois torreões terem sido habitados e de ainda terem telhados.

| A RELAÇÃO ENTRE A MALHA URBANA PREEXISTENTE, O REFORMADO CASTELO, O NOVO PAÇO E OS SEUS TORREÕES

Relativamente ao primeiro aspeto, a reforma empreendida pelo 4º Conde de Ourém destacou e separou da vila o complexo residencial/militar. Para ligar as três estruturas deste complexo foi necessário destruir parte da malha urbana da vila (A rua existente, desde a Porta de Santarém até à Porta de Ourém e à Colegiada, teve de suportar uma passagem superior, de modo a que existisse ligação desde os terreiros até ao paço, tendo os de vestígios de tal ligação subsistido quase intactos até ao século XX).

-as influências arquitetónicas para o paço e para os seus torreões têm sido apontadas sobretudo em duas direções: influência mudéjar e italiana. Quanto à primeira, esta tem grande destaque sobretudo no alçado norte do paço. O carácter islâmico da obra emerge na ligação do paço ao castelo, principalmente no rendilhado em tijolo do friso da já referida fachada norte do paço. A influência italiana na reforma do castelo de Ourém e na construção do paço e seus torreões é evidente pois em Itália existem vários exemplos desta época com influência mudéjar²², pelo que esta pode ter sido trazida para Ourém.

*“O Paço e os dois torreões mostram uma arquitetura invulgar de inspiração veneziana, onde a função palaciana se ajusta a uma forte estrutura militar de onde sobressai as elegantes cimalkas de tijolo saliente.”*²³ A fundamentação desta ideia de uma inspiração veneziana é difícil de confirmar. Que o paço e os torreões tenham tido influência na forma de construir, ainda para mais a de Veneza, cuja morfologia urbana e terreno é o oposto do que existe em Ourém. Assim, é mais prudente apontar influências urbanísticas do que influências arquitetónicas concretas. As semelhanças que existem entre o Castelo de Ferrara e o complexo do castelo, paço e torreões do 4º Conde de Ourém destacam-se sobretudo ao nível das motivações e da relação com a malha urbana preexistente. Num caso e noutro, existiu uma reforma, a qual ampliou uma anterior construção defensiva. Nos dois casos foram sacrificadas habitações e traçados de ruas. Ambos constituíram uma demonstração impressionante de poder, para o exterior e para interior. Por outro lado, quer em Ferrara, quer em Ourém, nota-se bem a polivalência de funções - a militar e residencial - através de várias estruturas interligadas com passadiços ou túneis. Do mesmo modo, em ambas as cidades as estruturas foram interligadas desde a muralha até ao centro do núcleo urbano - no caso de Ourém o centro geométrico, no caso de Ferrara o centro cívico. Nos dois casos, a preexistência assumia a posição central e as construções novas localizaram-se sobretudo junto à muralha, aproveitando-a. Em ambos os casos, havia sempre a possibilidade de fuga para dentro ou para fora (através do “postigo da traição” em Ourém), o

²² Denomina-se arte mudéjar ao estilo artístico que se desenvolveu entre os séculos XII e XVI nos reinos cristãos da Península Ibérica, que incorpora influências, elementos ou materiais de estilo ibero-muçulmano. Trata-se de um fenómeno exclusivamente ibérico que combina e reinterpreta estilos artísticos cristãos (românico, gótico e renascentista) com a arte islâmica.

²³ (Figueira, 2006)

que antes não existia em nenhum dos casos. A materialidade também é semelhante, com recurso ao tijolo maciço. Outro aspeto em comum entre os casos de Ourém e Ferrara prende-se com a forma de como foram ligados os vários corpos arquitetónicos.

Em suma, o paço do 4º conde de Ourém evidencia claros princípios pré-renascentistas, quer em termos militares quer em termos de integração urbana, uma vez que a motivação para a sua construção deriva certamente do próprio contexto urbanístico que este absorveu em Itália.

Este pretendia certamente sentir-se como eles e as suas obras em Ourém são a face deste desejo. No contexto histórico português da época era necessário demonstrar essa autoimagem, face a outros pares que então também se pretendiam afirmar.

Embora se sentisse uma espécie de duque italiano, Ourém não se comparava a nenhuma cidade italiana, sede de duquesa. A vila estava estagnada e não possuía forte carácter comercial, sendo bastante modesta a nível populacional.

4.5. | ANÁLISE SWOT

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<p>Ruína;</p> <p>Diversidade de património cultural edificado;</p> <p>Espaços verdes;</p> <p>Estacionamento;</p> <p>Classificação como Monumento Nacional;</p> <p>Vista panorâmica;</p> <p>Diversidade de eventos que decorrem durante o ano.</p>	<p>Acessos/Percursos;</p> <p>Ausência de intervenções no edificado;</p> <p>Falta de limpeza nas áreas verdes;</p> <p>Escassez de transportes públicos que façam a ligação entre o centro de Ourém e o centro histórico;</p> <p>Falta de visitas guiadas em várias línguas;</p> <p>Pouca comunicação com a população local;</p> <p>Envelhecimento do edifício;</p> <p>Ausência de roteiro turístico;</p> <p>Pouca divulgação e promoção de eventos.</p>
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<p>Localização central;</p> <p>Proximidade de Fátima;</p> <p>Situação de centralidade em relação a importantes pólos turísticos da região (Tomar, Batalha e Alcobaça);</p> <p>Potencial turístico à escala regional e nacional;</p> <p>Projeto aprovado para intervir.</p>	<p>Ruína</p> <p>Decadência de infraestruturas;</p> <p>Ausência de um plano de pormenor para o centro histórico;</p> <p>Vandalismo;</p> <p>Procura turística sazonal;</p> <p>Fátima;</p>

CAPÍTULO V

RESTAURAÇÃO EM CASTELOS

5.1. | CONCEITO DE RESTAURAÇÃO SEGUNDO VIOLLET-LE-DUC E RUSKIN

Viollet-le-Duc defende que restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, mas restabelecê-lo num estado completo e até pode não ter existido num dado momento.

Defende ainda que existem princípios verdadeiros de adequação da forma à função, da estrutura à forma, da ornamentação ao conjunto, quer seja na arquitetura clássica ou na medieval. Não se contenta em fazer uma reconstituição hipotética e procura a pureza do estilo (faz reconstituição daquilo que deveria ter sido feito, uma reformulação ideal do projeto). Um apologista e defensor claro da imagem estética da ruína.

Questiona ainda o trabalho de restauração com a funcionalidade do edifício e qual a melhor forma de conservá-lo. Para Viollet-le-duc é essencial a fotografia nos estudos científicos, como forma de fornecer documentos que pudessem ser sempre consultados e meios para justificar as ações. Aponta ainda a importância da investigação científica e do perigo das hipóteses quando afirma que é necessário, antes de começar, tudo buscar, tudo examinar, reunir os menores fragmentos, ter o cuidado de constatar o ponto onde foram descobertos, e apenas iniciar a obra quando todos os remanescentes tiverem encontrado logicamente a sua destinação e seu lugar. Ruskin veio contrapor esta ideologia de restauração. Este, objetiva com pesadas críticas às restaurações e defende o absoluto respeito pela matéria original da ruína. Para ele tinha que se ter em conta as transformações pelo que edifício passava no decorrer do tempo, agindo com simples trabalhos de conservação e contemplação, para evitar degradações. Foi um dos precursores na preservação das obras do passado e enriqueceu o conceito de património histórico e arquitetónico, com as suas ideias que foram referências ao que hoje classificamos como património material e imaterial. Ruskin acreditava que a conservação da arquitetura do passado, como expressão de arte e cultura, nos permitiria entender a relação existente entre os estilos arquitetónicos e as técnicas construtivas, resultante do fruto do trabalho de determinada cultura, utilizando a história, memória e identidade dessas construções como fio condutor de comunicação dos processos de desenvolvimento cultural.

Justifica ainda que quando se mantém vivo o testemunho cultural do passado no quotidiano da cidade, este leva os indivíduos a identificarem-se nos espaços urbanos, e, conseqüentemente nos monumentos históricos, marcos referenciais de identidade e memória.

De acordo com Ruskin, a integridade das edificações, como um conjunto formal e técnico-construtivo, tornava-se o bem de maior valor que se poderia legar às novas gerações. Essa “herança” seria o mecanismo responsável por transferir ao espaço construído, um conjunto de sentimentos de posse e de valores memoriais.

histórico em potencial. Desta forma, as construções deviam causar impacto e admiração nos ditos “herdeiros”, a ponto de se tornar referência cultural, independentemente da sua excecionalidade como obra arquitetónica.

Recomendava, também, que a execução de reforços estruturais de madeira e metal quando estes se encontram em risco de perda, assim como reparos pontuais de fixação ou colagem de esculturas em risco de ruir, não admitindo imitações, cópias e acréscimos.

A Sua visão romântica sobre os processos de conservação, remete-nos à ideia de que só salvaguardávamos a arquitetura patrimonial se os métodos de preservação permitissem o “congelamento” das cidades, centros e sítios urbanos.

O conceito de pitoresco²⁴ é utilizado por Ruskin como uma forma de qualificar uma obra arquitetónica de reconhecido valor histórico e cultural. A beleza característica que é acrescentada pelo tempo confere às edificações um perfil peculiar e “estilo” próprio. Os seus elementos únicos captam a atenção do espectador como se fossem, por exemplo, as linhas puras do Clássico ou o efeito de luz e sombra do Gótico.

A idade é compreendida como o principal atributo da edificação visto que à medida que permanece íntegra ao longo do tempo adquire beleza ao sofrer os efeitos da pátina de passados 400 ou 500 anos, torna então essas qualidades temporais e acidentais incompatíveis com os processos de restauração. É a partir dos estragos, das rachaduras, da crescente vegetação, das cores que o processo de envelhecimento oferece aos materiais da construção, das marcas do tempo que as ruínas se tornam tão sublimes. A ruína é o testemunho da idade, do envelhecimento e da memória, podendo nela estar expressa a essência do monumento.

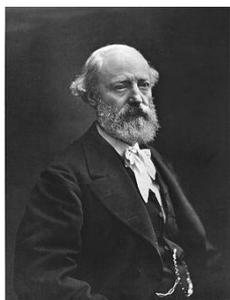


Figura 24 | Eugène Viollet-le-Duc

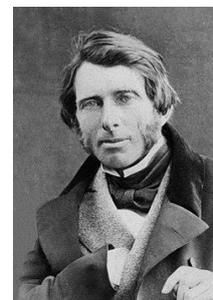


Figura 25 | John Ruskin

RESTAURAR

“To restore a building is not to repair it, nor to do maintenance or to rebuild, it is to reestablish it in an ultimate state that never existed before.” Eugène Viollet-le-Duc, 1855

AUTÊNTICO

“Do not let us deceive ourselves in this important matter; it is impossible, as impossible as to raise the dead, to restore anything that has ever been great or beautiful in architecture.” John Ruskin, 1849

²⁴ Deve entender-se a expressão “pitoresco” como uma designação empregada nas Belas Artes, a partir da segunda metade do século XVIII, referente aos efeitos de luz e sombra, cor, manchas e contornos menos precisos aplicados na Pintura e na Escultura, em oposição aos detalhes preciosistas da Arte Clássica. Para Ruskin, a ação do tempo acrescentava às edificações, a “mancha”, a nuance e as indefinições das formas originais.

5.2. | ADAPTAÇÃO DO MONUMENTO A NOVOS USOS

Os programas de adaptação dos monumentos a novas funções tiveram o seu início no século XX, época em que os trabalhos de restauro e valorização realizados se constituíram por intervenções de grande escala. Esta ação foi desencadeada pelo Estado e atingiu castelos, conventos e mosteiros um pouco por todo o país. Em alguns casos, procedeu-se à conversão dos monumentos em escolas superiores, museus ou centros culturais.

Com o desígnio de respeitar o monumento, uma vez que a sua grande maioria se encontrava em situação crítica, a distinção entre pré-existência e obra nova começa a adquirir maior importância e por isso uma das soluções encontradas passava pela construção de novos volumes, dotados de uma linguagem contemporânea.

“De um modo geral, assiste-se hoje a uma maior reserva relativamente às propostas de reutilização e de introdução de obra nova, e a um avanço no que respeita a soluções integradas, de restituição.”²⁵

Constata-se, sobretudo, a irreversibilidade destas obras que os modificam para sempre. Tendo em consideração este facto, procuram-se novos critérios e filosofias de atuação, que considerem prioritária a salvaguarda do monumento e que tenham como estratégia a sua consolidação, objetivando uma intervenção mínima. Procuram-se realizar operações bastante mais leves que tenham como prioridade a proteção do objeto, atendendo ao estado em que se encontra antes de qualquer ação, o que significa que se respeita cada vez mais o património pré-existente. De facto, contemporaneamente, consideram-se novos princípios de intervenção patrimonial “[...] desde o «não tocar», valorizando a ruína, até ao restauro criativo, passando pelos restauros mediados por novos materiais, ou pelos projetos de conservação minimalistas, tudo foi proposto e feito.”²⁶ Todos são passíveis de ser adotados, mas o monumento e o seu lugar ditam a intervenção apropriada. Quando se objetiva a reutilização dos imóveis classificados, é fundamental que a intervenção faculte ao monumento características que se revelem vantajosas, interessantes e úteis para o mesmo. No livro “Intervenções no Património 1995-2000” expõe-se a ideia de que:

“De facto, uma intervenção num imóvel classificado não é um processo linear. Anote-se que nunca se trata de uma simples empreitada de construção civil, mas antes sim de uma empreitada levada a cabo num bem sobre o qual recaem responsabilidades acrescidas, uma vez que é nosso dever preservá-lo e transmiti-lo a gerações futuras. Se chegou até nós, não poderemos desperdiçá-lo mediante uma intervenção leviana ou demasiado simplista.”²⁷

²⁵ (Pereira, 2004)

²⁶ (Pereira, 2004)

²⁷ (Pereira, 2004)

5.3. | VALORIZAÇÃO DO MONUMENTO ENQUANTO LUGAR

Alinham-se novos paradigmas de intervenção patrimonial que consistem na ideia de que, sempre que o estado dos monumentos o permite, a manutenção das estruturas na sua condição de ruína é legítima. Uma vez que, perderam a sua função, os castelos são abrangidos por esta ideologia e por isso as práticas de salvaguarda destes imóveis têm, a partir de agora, alguma reserva relativamente a eventuais usos inadequados. Na publicação “Intervenções no Património 1995-2000” fica claro que:

“Intocado, o monumento mantém o seu valor simbólico. É essa a sua mais valia, é esse o seu papel, um papel de comunicação no seio da linguagem dos homens e da paisagem construída pelos homens. Neste, reclama-se, enfim, para alguns monumentos, o máximo paradoxo: o do direito à inutilidade.”²⁸

Por outro lado, verifica-se que a noção de classificação já não se fica apenas pelos monumentos, expandindo-se também para a área envolvente. A salvaguarda dos imóveis classificados passa a incluir a avaliação e proteção da sua relação com o contexto, preservando o seu meio e o ambiente local. Cresce a ideia de que a proteção dos monumentos não se deveria limitar somente à sua envolvente mais imediata, mas fazer a conjugação com as paisagens urbanas ou rurais que lhes estão, eventualmente, associadas.

Com a conspeção alargada que agora se tem do património imóvel, integrando as paisagens envolventes, verifica-se que é necessário implementar novos instrumentos, que regulem e salvaguardem os imóveis classificados e o seu contexto de lugar. Neste sentido, foram implementados nos anos oitenta, novos dispositivos legais de proteção, que visam a classificação dos monumentos e a atribuição de áreas protegidas, completando os já existentes. Estas medidas são deveras importantes, não só no que concerne à defesa e salvaguarda dos imóveis classificados, mas também pelo valor evocativo que encerram.

²⁸ (Almeida, 2012)

CAPÍTULO VI

CASOS DE ESTUDO

6.1. | O NOVO, NO CASTELO DE CASTELO NOVO

6.1.1. | ENQUADRAMENTO

LOCALIZAÇÃO

Região Centro, Beira Baixa, Castelo Branco, Fundão.

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Situa-se na vertente a Nascente da Serra da Gardunha, num cabeço granítico com uma cota média de 600 m. A aldeia é flanqueada por dois cursos de água, dos quais o de maior caudal é conhecido por ribeira de Alpeadre, fator que terá constituído um atrativo importante para a fixação da população.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A aldeia de Castelo Novo surge após o abandono do primeiro conjunto fortificado, chamado Castelo Velho. A partir de 1202 constitui um Concelho, recebendo carta de foral. É entregue por D. Pedro Guterres, em 1205, aos Templários. No reinado de D. Manuel I recebe nova carta de foral mantendo-se como sede de Concelho, onde são construídos a Casa da Câmara e o Pelourinho. Perde progressivamente importância a partir de finais do século XVI por comparação com o crescimento urbano e populacional de Alpedrinha.

ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO

Século XIII; XV; XVI e XVIII

PRINCIPAIS INTERVENÇÕES REALIZADAS ANTES DA INTERVENÇÃO EM ESTUDO

1938 / 1939 - Sofre obras de restauro e recuperação dos panos de muralha, visando a sua preservação;

1942 - Retomadas novamente as obras;



“Diria que os arquitetos acrescentam aos corretos princípios de Cracóvia, um modo mais pitoresco de materializar o programa-recuperação. No castelo de Castelo Novo a autenticidade Ruskiniana atualiza-se no elogio da experiência arquitetónica, no apelo ao sublime. Mistura-se natural e artificial, corrige-se a história... Como em uma obra contemporânea.”²⁹

Figura 26 | Localização geográfica do Castelo de Castelo Novo



Figura 27 | O Castelo e a sua envolvente

²⁹ (Neves, 2009)

6.1.2. INTERVENÇÃO

ARQUITETURA	Comoco Arquitectos (Luís Miguel Correia, Nelson Mota, Vanda Maldonado e Susana Constatino).
PROMOTOR	Câmara Municipal do Fundão
DATA DE PROJETO	2003
CONCLUSÃO DA OBRA	2008
ÁREA DO TERRENO	3650m ²
TIPO DE PROJETO	Cultural
OPERAÇÃO PROJETUAL	Requalificação
CONCEITO(S)	<p>Para além da conservação e valorização do castelo, os autores quiseram adicionar “uma nova funcionalidade” ao castelo de forma a promover a permanência dos visitantes. Pretenderam assim que as soluções arquitetónicas não assumissem protagonismo relativamente à estrutura pré-existente. Referem que os elementos não foram concebidos como uma construção referenciável, associada a um programa convencional - “se por um lado, ele emerge volumetricamente sobre o Largo do Adro, por outro lado transforma-se em rampa e escadas formalizando um percurso de visita no interior do Castelo” (Comoco Arquitectos, 2013). Com o elemento arquitetónico presente no adro da igreja, os autores pretenderem reapresentar a muralha como um elemento fechado, onde o mesmo tenta promover uma relação com os edifícios e arruamentos na envolvente, não se cingindo à sua funcionalidade.</p>

PROGRAMA

O programa constitui-se por três partes complementares: um espaço de receção ao público, no adro da igreja (1), um auditório implantado no interior da torre de menagem (2) e um percurso de visita (3) que conecta os elementos (1), (2) e a torre do relógio (figura 29). O espaço de receção ao público tem informação específica sobre o castelo e a região, estando presente diariamente um funcionário. O acesso ao castelo é feito no exterior do espaço de receção ao público, mas na mesma estrutura. O percurso intramuros é constituído por um passadiço com guardaria apenas apoiada no afloramento rochoso, onde a ponte se podem observar os elementos encontrados nas escavações arqueológicas, a uma cota mais baixa e a descoberto. O passadiço está constituído por duas partes, onde uma das partes, em sentido descendente, dá acesso à torre do relógio e a outra parte, de sentido ascendente, dá acesso à torre de menagem. Para o acesso ao auditório, ou uma sala de audiovisuais, utiliza-se as escadas presentes no adarve, com guardaria. O acesso ao auditório é feito através de um elemento destacado com forma paralelepipedica, onde existem escadas de acesso à sala de audiovisuais. A cota (exterior) do teto da caixa que constitui o auditório encontra-se sensivelmente a 0,40 ou 0,50 m acima da cota supostamente original do pavimento do piso intermédio da torre de menagem. Do lado oposto à entrada do auditório não existe guardaria. Ainda na torre de menagem existe uma plataforma com umas escadas onde está presente um observatório virtual, onde é possível aceder a informação sobre o castelo. As cotas pré-existentes do espaço intramuros foram alteradas.

MATERIAIS UTILIZADOS

O passadiço constitui-se por elementos metálicos, nomeadamente grades metálicas de perfuração de 0,02x0,02 m, apoiadas no afloramento rochoso também por elementos metálicos. O auditório e o espaço de receção ao público estão construídos com elementos metálicos oxidados, onde os vãos contêm vidro com caixilharia metálica.

| FINALISTA NO CONCURSO
“BUILDING OF THE YEAR”, EM
2012.



Figura 28 | Intervenção do Castelo em imagens, destaque para a sua materialidade e cor

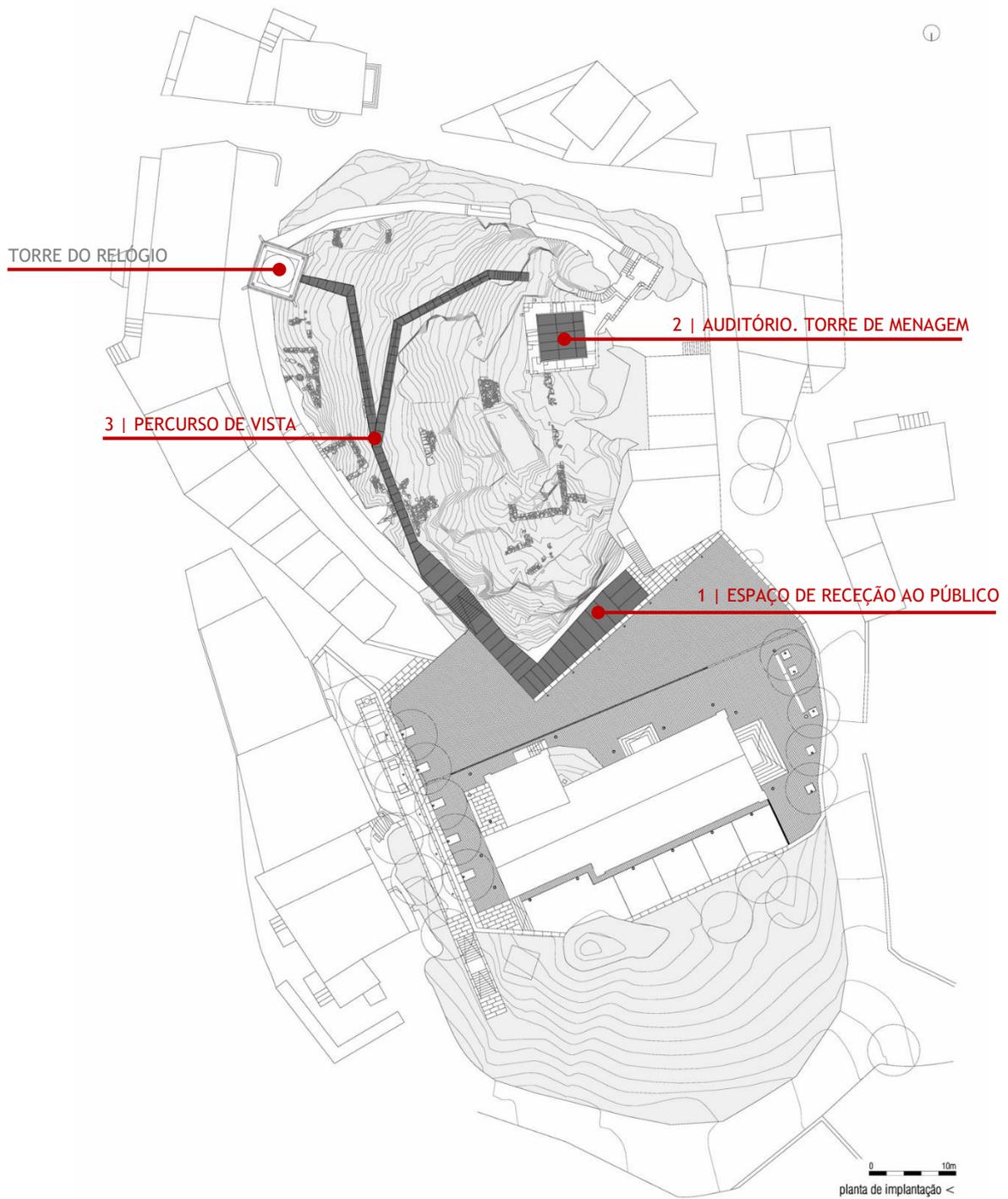


Figura 29 | Planta de Implantação

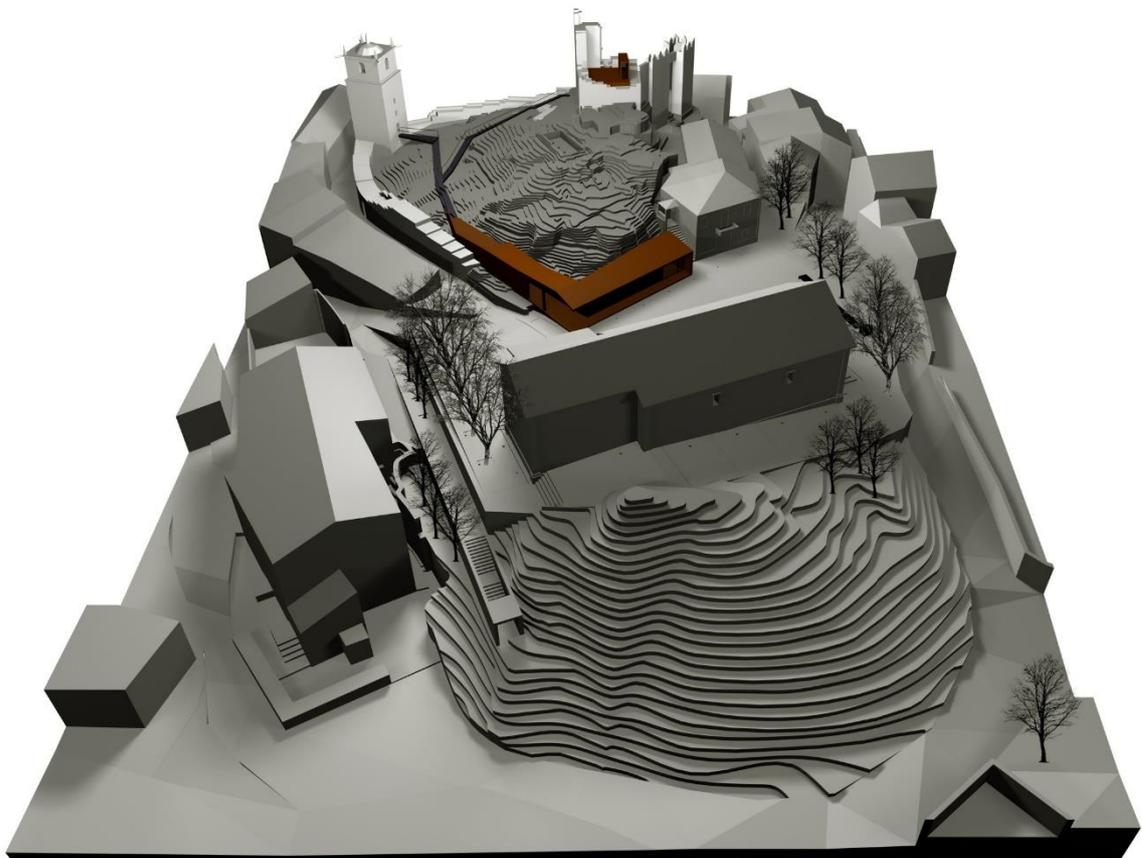


Figura 30 | Maquete da intervenção

6.2. | CASTELO DE POMBAL

6.2.1. | ENQUADRAMENTO

LOCALIZAÇÃO

Região Centro, Pombal, Portugal

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O Castelo de Pombal localiza-se na freguesia, cidade e concelho de Pombal. Em posição dominante sobre um maciço rochoso à margem do rio Arunca. Evoluiu desde uma pequena comunidade no topo da colina até se assumir como uma estrutura militar vital numa rede defensiva à escala do território.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

O Castelo constituiu o posto mais avançado da linha defensiva do Mondego, que tinha como principal função vigiar e defender os acessos à cidade de Coimbra. Com efeito, a conquista definitiva de Coimbra (1064), fixou no vale do Mondego a linha de defesa fronteiriça a partir de onde se estendeu a Reconquista cristã. A Ordem do Templo, poderosa aliada da coroa nas ações de defesa e povoamento do território, receberia em troca do seu esforço na luta contra o infiel inúmeras terras e castelos em pontos estratégicos. O castelo de Pombal, primeira grande obra dos templários em Portugal, assumiria um papel de vital importância na consolidação das posições avançadas, erguendo-se como sentinela vigilante sobre as principais vias de circulação do reino.

ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO

Século XII

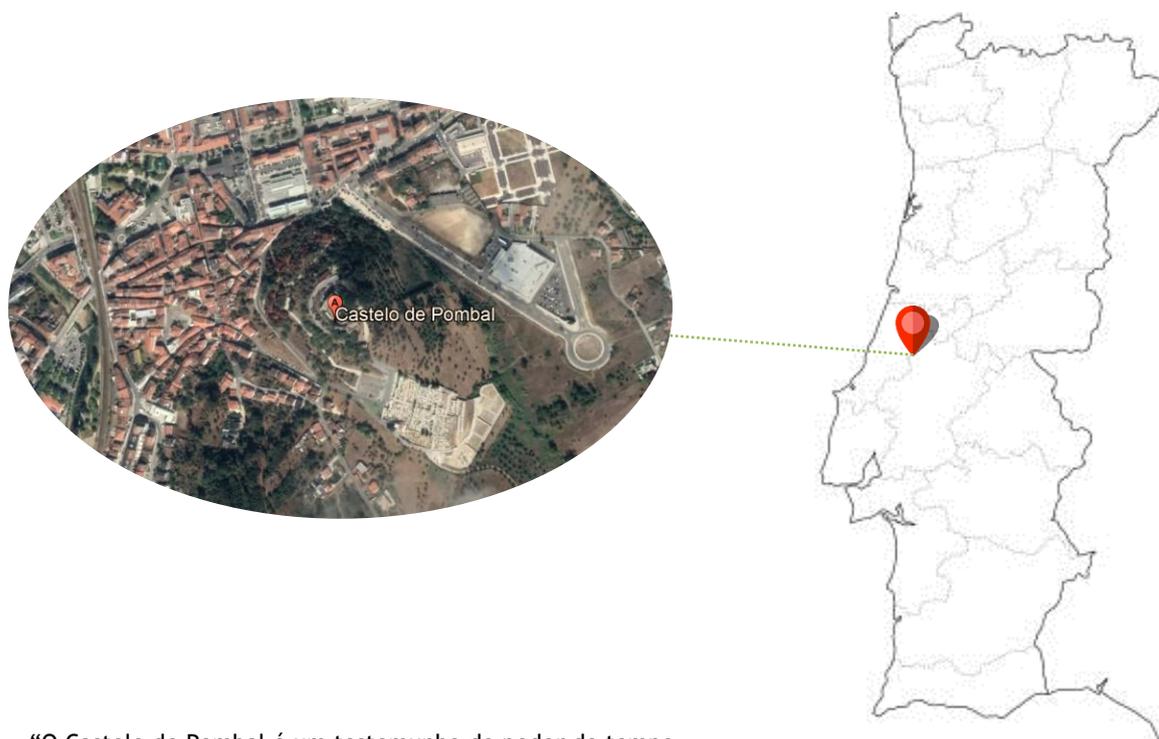
1947 - Monumento Nacional

PRINCIPAIS INTERVENÇÕES REALIZADAS ANTES DA INTERVENÇÃO EM ESTUDO

1975- Intervenção na Torre de Menagem dotando-a de uma escada metálica

2000/2002- Adaptação da Torre de Menagem a núcleo expositivo com destaque para a construção de novos acessos, desde o piso de entrada à cobertura

2012-intervenção no âmbito da Rede de Castelos e Muralhas do Mondego com construção do Centro de Acolhimento do Castelo



“O Castelo de Pombal é um testemunho do poder do tempo como ator principal na transformação do ambiente construído.”³⁰

Figura 31 | Localização geográfica do Castelo de Pombal

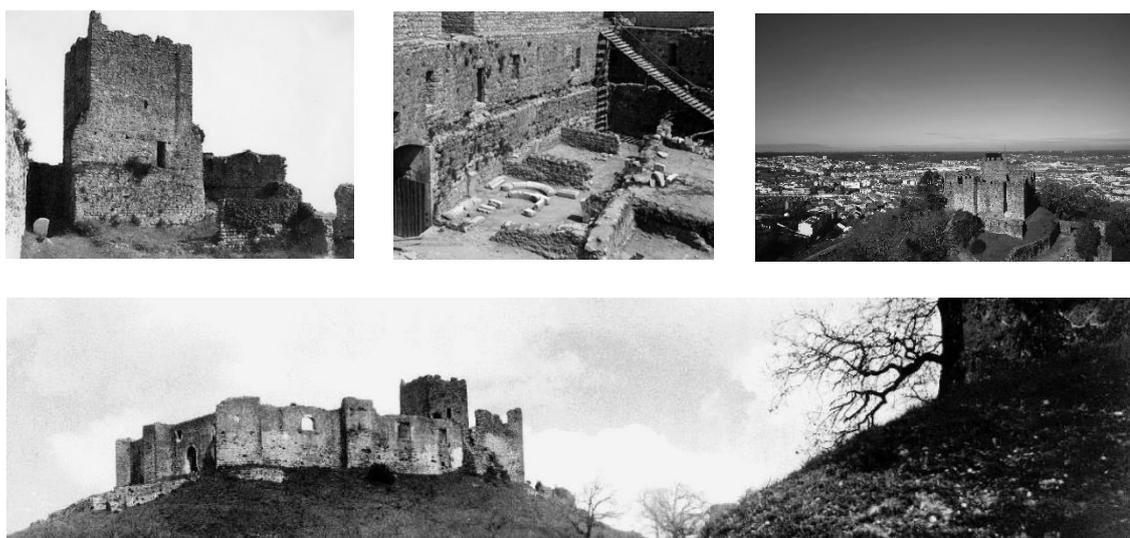


Figura 32 | O Castelo antes da intervenção

³⁰ (COMOCO, 2014)

6.2.2. INTERVENÇÃO

ARQUITETURA	Comoco Arquitectos (Luís Miguel Correia, Nelson Mota, Vanda Maldonado e Susana Constatino).
PROMOTOR	Câmara Municipal de Pombal
ANO DO PROJETO	2014
ÁREA DO TERRENO	1200.0 m ²
TIPO DE PROJETO	Cultural - Centro de Visitantes
OPERAÇÃO PROJETUAL	Requalificação
CONCEITO(S)	<p>O maior desafio do projeto do centro de visitantes no interior do castelo de Pombal esteve na definição de uma estratégia que não fosse ostensiva nem submissa em relação às múltiplas camadas de história que convivem no interior do recinto muralhado. Com um recinto relativamente reduzido e povoado de inúmeros elementos, introduzir um novo volume para servir de centro de visitantes significava um inevitável confronto com os elementos existentes que de nem aquele espaço. Esta circunstância tornou-se, no entanto, o elemento fundamental para desenvolver o projeto: o novo volume devia ter uma certa ambiguidade. Por um lado, devia fundir-se com os elementos existentes no recinto do castelo e, por outro, devia assumir-se como uma nova camada colocada sobre as preexistências. Assim sendo, a proposta para o Centro de Visitantes do Castelo de Pombal procura estabelecer uma deliberada condição de ambiguidade definindo um espaço liminar que recria a experiência espacial do castelo como um elemento de controlo sobre a paisagem e, ao mesmo tempo, como um local de abrigo.</p>

PROGRAMA

O programa do Centro de Visitantes foi compactado para dimensões mínimas e o volume desenhado de um modo tal que o tornasse num dispositivo espacial inspirado na tectónica do castelo, principalmente nas escadas que articulam as plataformas existentes no recinto. Na realidade, o novo volume cria ele próprio uma nova plataforma que possibilita o acesso ao nível da janela manuelina aberta na muralha. Este (2; Fig.34) devia incluir o espaço de receção, uma sala negra para projeções virtuais da história do castelo e uma área de arrumos, num recinto relativamente reduzido (1200 m²). Em síntese, procurou-se um diálogo criativo com a situação “as found”, tentando tirar partido da nova construção para ativar experiências espaciais que se encontravam dormentes.

MATERIAIS UTILIZADOS

A estratégia de materialidade dividiu-se em três componentes. No projeto de arranjos exteriores, os pavimentos em calçada existentes foram consolidados e postos a descoberto e o restante espaço foi preenchido com gravilha; na revitalização da Torre de Menagem foram introduzidas alterações pontuais no volume em aço corten e desenhado o mobiliário para o espaço servir como espaço expositivo

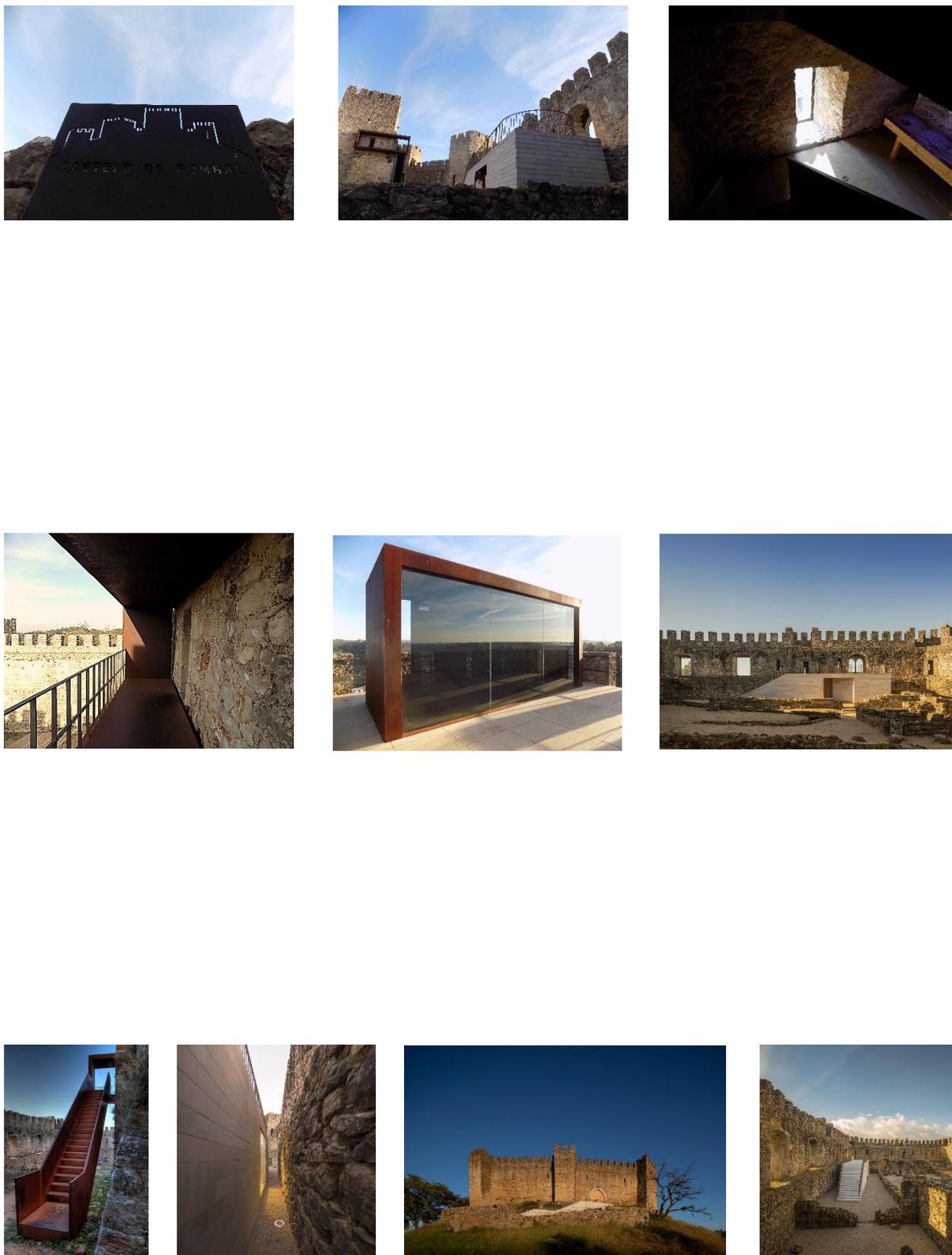


Figura 33 | Fotografias da Intervenção

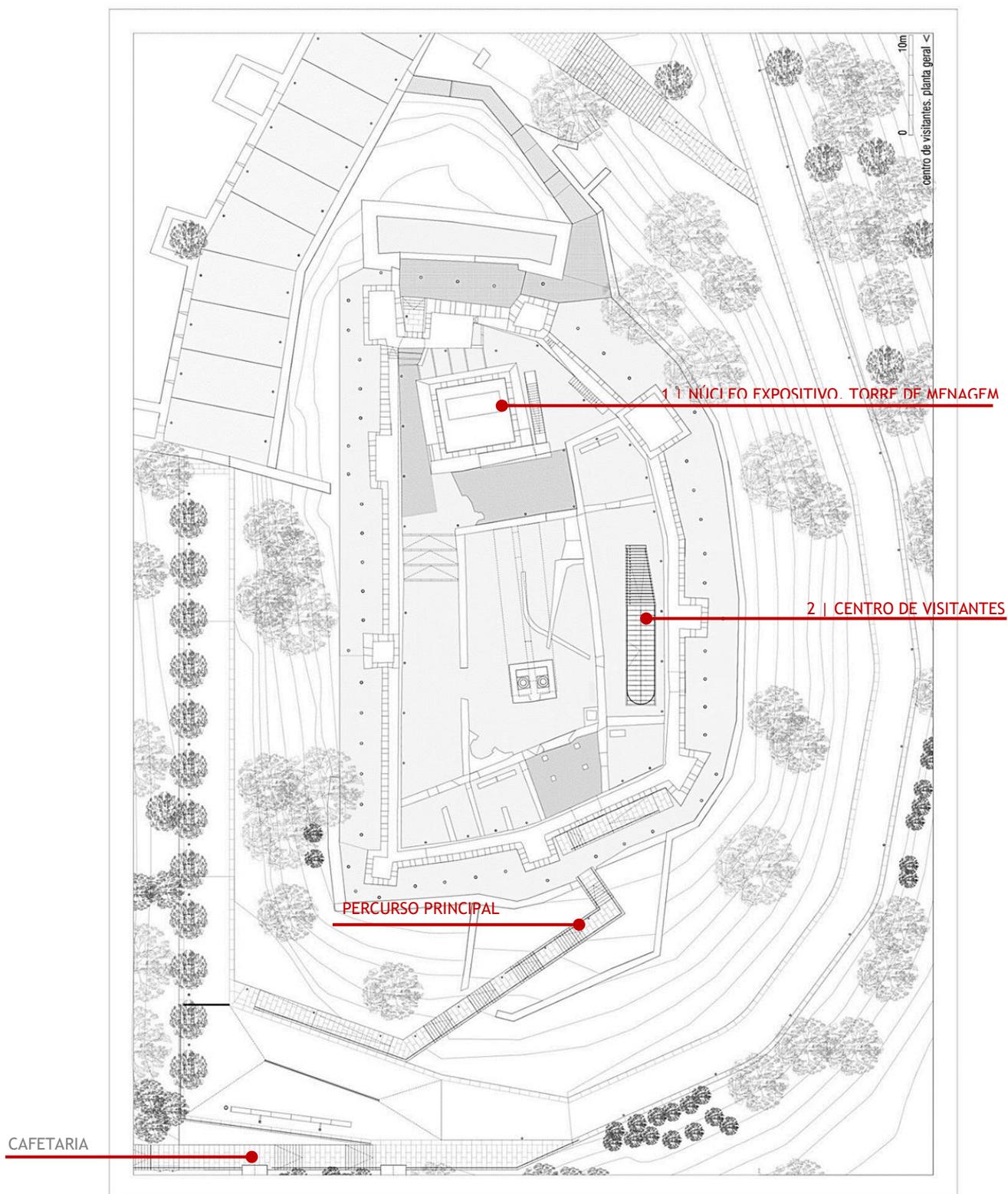


Figura 34 | Planta de Implantação

6.3. | CASTELO DE PEÑAFIEL

6.3.1. | ENQUADRAMENTO

LOCALIZAÇÃO

Castelo de Peñafiel, Valladolid

ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O castelo de Peñafiel está localizado estrategicamente, no coração da Ribera del Duero numa colina longa e estreita que lhe dá a forma característica de um navio. Visualmente, permite dominar os vales do Douro e Duratón, o que faz dele um dos baluartes da defesa do vale do Douro durante a Reconquista.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Do nome original Peña Falcon para Peñafiel, acredita-se que esta mudança de nome surgiu após ser reconquistada pelo conde castelhano Sancho Garcia.

Em 1442, nasceu o príncipe de Viana. Filho de Juan II de Aragón e Blanca de Navarra . Após a morte de sua mãe, este foi forçado a governar o reino com a segunda mulher do seu progenitor. Divergências surgiram e o reino foi dividido em dois grupos. O príncipe foi preso e morreu envenenado alguns meses depois.

O castelo e suas muralhas são visíveis a partir da cidade de Peñafiel, e as vinhas ao redor das áreas, tornando-se um símbolo desta área vinícola, É considerado uma das joias de Valladolid e um grande exemplo de renome e referência, como castelo de Pedra em Espanha.

ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO

Século X

1917 - Monumento Nacional



Figura 35 | Localização geográfica do Castelo de Peñafiel

“Los errores más importantes cometidos han sido la destrucción del casco histórico y de muchos edificios singulares; en el mejor de los casos hemos conseguido tristemente una escenografía teatral urbana de fachadas que ocultan la destrucción de las tipologías originales y el parcelario [...]” (Valle)



Figura 36 | Castelo antes da intervenção

6.3.2. INTERVENÇÃO

ARQUITETURA	Roberto Valle
PROMOTOR	Município de Peñafiel
DATA DE PROJETO	1998
CONCLUSÃO DA OBRA	1999
ÁREA DO TERRENO	2.751m ²
TIPO DE PROJETO	Cultural - Museu do Vinho
OPERAÇÃO PROJETUAL	Reabilitação
CONCEITO(S)	<p>Com o objetivo de divulgar a riqueza enológica da província de Valladolid, o museu do vinho promove o conhecimento, aproveitando os aspetos identitários da região.</p> <p>A reabilitação consolida o bom estado aparente do castelo. Com uma intervenção muito respeitosa com a preexistência, o museu é instalado com uma construção livre, sem danificar qualquer parede. Além disso, a localização deste museu no pátio não rompe com o "tipo de pátio aberto", já que desde sempre este pátio abrigava pavilhões para soldados e estábulos. Contudo, esta intervenção defende a valorização da ruína enquanto elemento bélico da memória e identidade.</p>

PROGRAMA

O castelo é composto por um piso alongado, com cerca de 210 metros de comprimento, 23 metros de largura e 33 metros de altura. Tem uma parede dupla. Na parte oriental está localizada a porta de acesso, em arco semicircular, flanqueada por duas torres cilíndricas.

O museu do vinho é composto por dois andares. As paredes de pedra do pátio servem o museu como paredes. O porão é usado como sala de degustação, exposições, auditório e biblioteca. O primeiro andar mostra todo o processo de vinificação, bem como sua relação com gastronomia típica, arquitetura popular, festivais, história, mitologia. A Torre del Homenaje(1; Fig.38) é responsável por dividir o espaço interior em dois pátios.

As paredes do pátio do castelo passam assim a fazer parte do museu, contudo, a intervenção nestas paredes tem sido limitada a uma limpeza simples, respeitando o aspeto que apresentaram, das suas marcas ao longo do tempo.

MATERIAIS UTILIZADOS

Os materiais utilizados para a construção foram a madeira e aço. A madeira que atua como referência ao material efêmero nas construções de castelos e que ao longo do tempo foi desaparecendo, é vista também como ponte de ligação e presença ao mundo da vinicultura, pois é usada em diferentes ferramentas e elementos utilizados nesta.

| PREMIO PROVINCIAL DE
RESTAURACIÓN AR&PA
2000. AR&PA ES LA BIENAL DE
LA RESTAURACIÓN Y GESTIÓN
DEL PATRIMONIO, Y ESTE 2014
(IX EDICIÓN)



Figura 37 | Fotografias da maquete com proposta

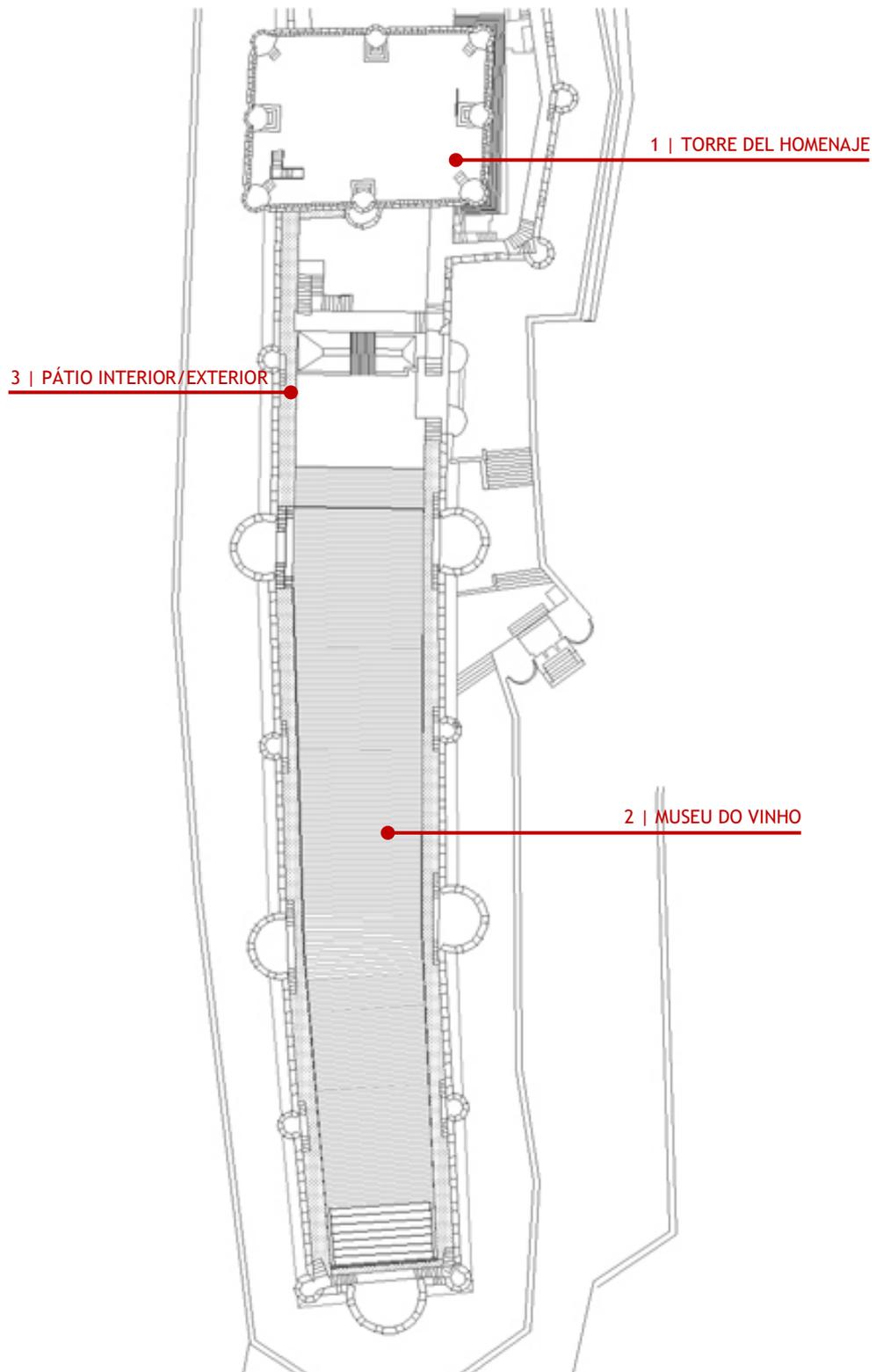


Figura 38 | Planta de Implantação

| ASPETOS EM COMUM

- Preservação da ruína e sua valorização, mantendo-a intacta sem alterar a sua identidade;
- Topografia estratégica, localização em colina com vistas panorâmicas sob as cidades;
- Intervenções de programas culturais: centro de visitante, museu do vinho;
- Introdução de novos materiais, como o aço, madeira, metal, que se destacam pela sua durabilidade e contraste;
- Ligação com memórias antepassadas, cidade e história;
- Conservação da pedra existente como elemento principal;
- Relação entre existente e intervenção;
- Introdução de percursos pedonais acessíveis e dinâmicos;
- Simplicidade enquanto elemento arquitetónico

CAPÍTULO VII

O LUGAR E A PAISAGEM

7.1. | INTERVENÇÃO

É com base na aposta da recuperação e valorização do Castelo de Ourém feita pela autarquia, que visa a salvaguarda do monumento e a preservação da sua autenticidade e integridade que, esta intervenção tende a intervir e sensibilizar.

Foi neste sentido, que surgiu a ideia de reestruturar o Castelo nas suas frações como um todo. Assim o percurso de visita nasce como o principal fio condutor, interligando os vários núcleos existentes como se de uma viagem se tratasse.

A estratégia usada passa pelo contraste entre o novo e o antigo, visando a valorização e estrutura formal do edificado, através da exposição das suas qualidades estéticas, nomeadamente a pedra existente que permanece em primeiro plano.

É ao inserir-se no conjunto arquitetónico detalhes mais contemporâneos, que se diferenciam da pré-existência em termos formais, configurações, materialidade, cor e textura.

7.2. | PORQUÊ UM MUSEU?

AS PAISAGENS DA MEMÓRIA:

MUSEU + PATRIMÓNIO + IDENTIDADE

O museu é o espaço que ensina a olhar o património e o faz sentir enquanto espaço que recria ambiências e desperta ou apela a sentimentos, ocupa um espaço na sociedade que nenhuma forma de divulgação é capaz de igualar.

Porém, o museu está refém de um espaço físico necessariamente restrito, no qual as ambiências que recria situam-se à margem das vivências e realidade do quotidiano.

Como repositório de memórias, este espaço alberga lembranças e a própria identidade que o museu representa. Dilui-se um pouco por todo o lado, o que nos faz questionar: qual o atual papel dos espaços museológicos numa época em que a informação que o museu oferece coabita connosco entre quatro paredes?

Na verdade, trata-se de reinventar o museu onde, o que conta é o ambiente que se cria em torno dele. Recriando contextos e ambiências induzidas pelos objetos expostos, o museólogo procura oferecer um espaço tão envolvente quanto possível, de modo a levar os visitantes a (re)descobrir paisagens da memória.

A valorização do espaço em que quotidianamente nos movemos como espaço com tempo histórico é a melhor forma de nos sentirmos bem nas nossas cidades. O papel dos museus torna-se aqui essencial já que, constituem os elementos privilegiados para ensinar a ler e a olhar os elementos que melhor cumprem a função de inspirarem as paisagens da memória que nos rodeiam.

Os bens patrimoniais constituem o cordão umbilical que nos conecta às nossas raízes. Deste modo, são verdadeiros espaços identitários de uma comunidade: onde o cidadão poderá encontrar a identidade da nação a que pertence, a sua própria identidade enquanto ser cultural e social e, a conscientização de pertença a uma coletividade com destino comum.

Em suma, cada cidade, cada local, será tanto mais diferente e atrativo quanto melhor souber preservar e integrar o seu património, conciliando-o com o progresso. Lembremos que, a verdadeira identidade de um local, aquele que se distingue e que se torna diferente e atrativo, está no seu património, que valoriza e integra os espaços no nosso quotidiano, contribui para que nos sintamos em casa, porque identificados com o espaço guarda as nossas raízes e a afirmação da nossa mais genuína diferença.

7.3. | PROGRAMA

Vila Medieval - Castelo de Ourém

Após analisar as várias vertentes que constituem o centro histórico de Ourém, onde está inserido o castelo, neste propõe-se uma afirmação de identidade do conjunto monumental, através da identidade da cidade de modo a promover a sua utilização pública.

As transformações, são projetadas a partir de estratégias de captação de públicos, com a introdução de novos usos (zona de receção, zona museológica, restaurante panorâmico) e com a definição de novas condições de acesso ao núcleo medieval, nomeadamente a criação e restauração de novos percursos pedestres.

Com isto, o programa proposto é o seguinte:

RECEÇÃO AO CASTELO

ENOTURISMO - MUSEU DO VINHO:

- Espaço Comercial
- Átrio de receção
- Instalações sanitárias
- Restaurante panorâmico

PERCURSOS

7.4. | ESTRATÉGIA | CONCEITO

| Ligação de Percursos

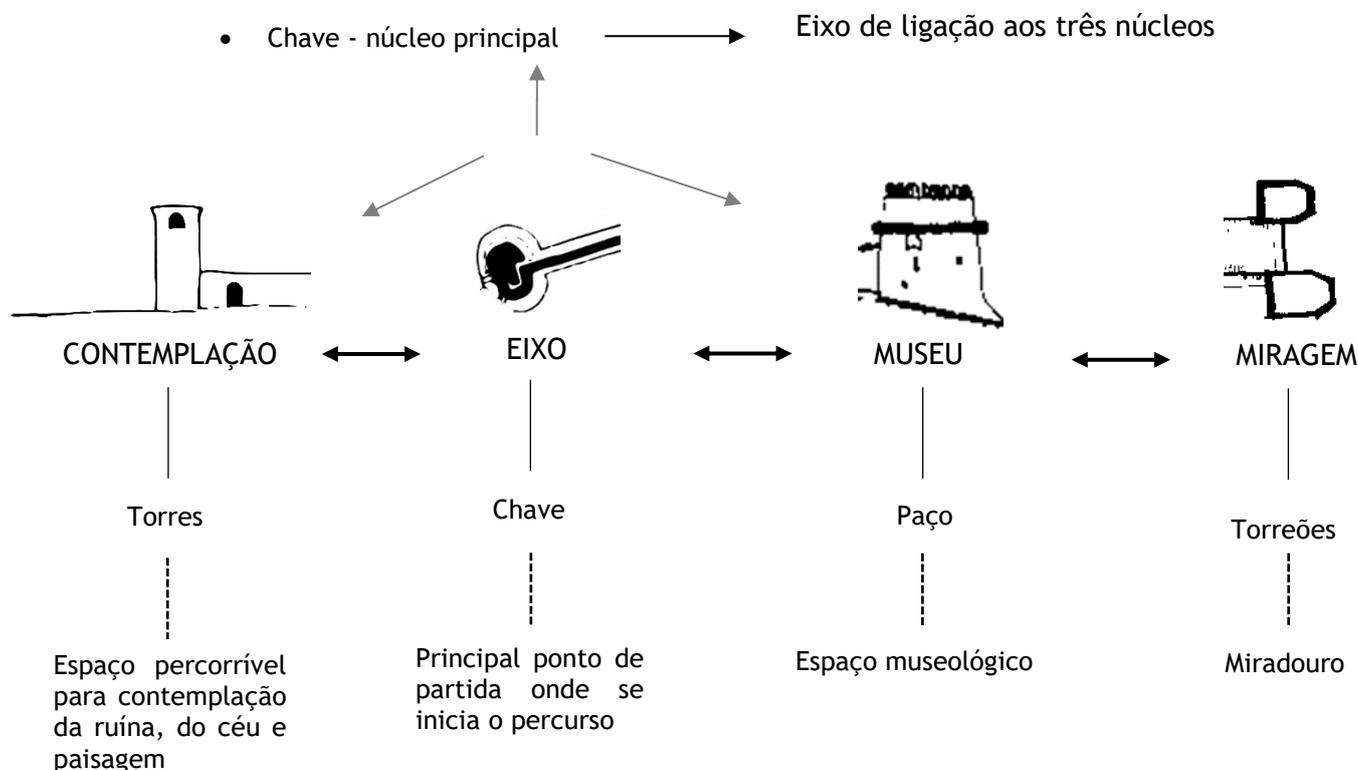


Figura 40 | esquema explicativo

Como intuito base de criar uma zona museológica, um museu do vinho, este desenvolve-se e ganha força a nível conceptual devido ao facto de estar na origem do nome de Ourém (2.3.) e ao forte impacto que o vinho tem na região (2.5.).



Figura 41 | diagramas conceptuais

Devido à extensão do edificado, e aos diferentes elementos que o constituem em diferentes cotas, o projeto é dividido em 4 partes (fig.42). Estas são divididas consoante o programa de cada uma delas, e trabalhadas de forma independente. Contudo, é na materialidade e estrutura que estas se uniformam como conjunto.

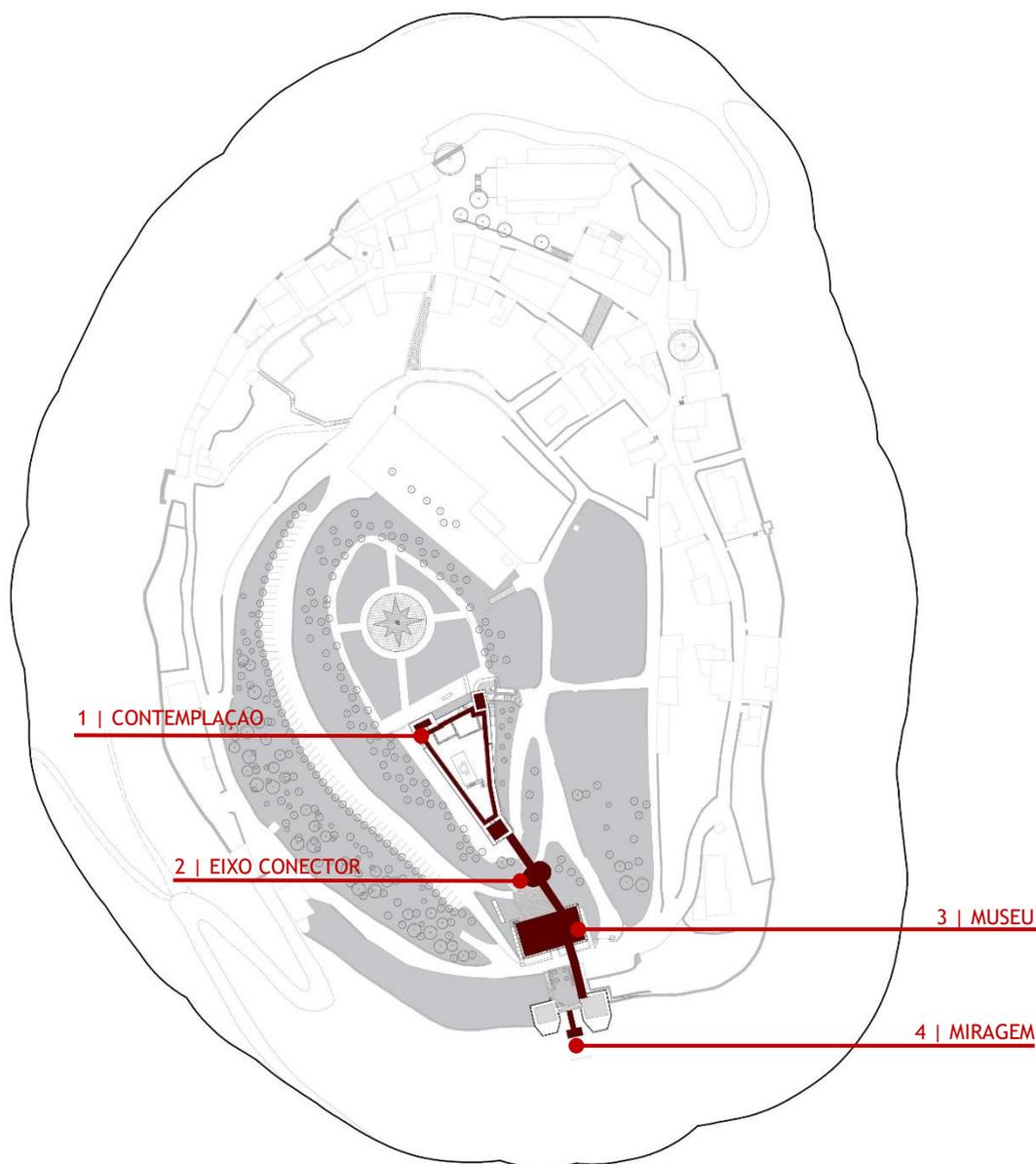


Figura 42 | Planta de Implantação

| PROCESSO CRIATIVO

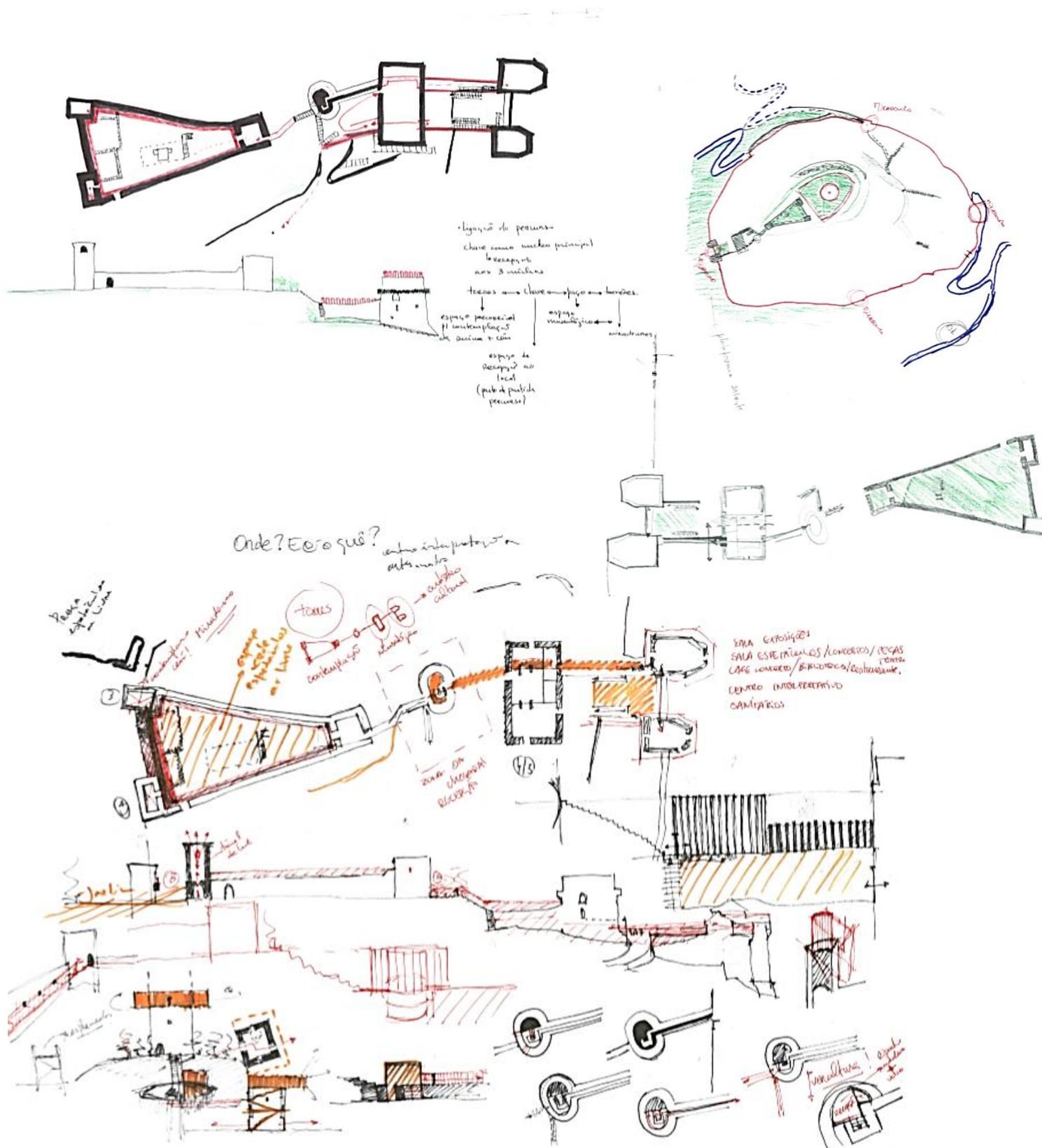


Figura 43 | Esquços

7.5. | MEMÓRIA DESCRITIVA

“Nos edifícios, nas cidades ou no território sempre humanizado, a arquitetura dos próximos anos será marcada pela prática da recuperação. Recuperação e criação serão complemento e não especialidades passíveis de tratamentos autónomos. Reconhecer-se-á que não se inventa uma linguagem. Reconhecer-se-á que a linguagem se adapta à realidade para lhe dar forma. Tudo será reconhecido como património coletivo e, nessa condição, objeto de mudança e continuidade. Os instrumentos de reconhecimento do real chamam-se História, a arte de construir a transformação chama-se Arquitetura.”³¹

7.5.1. | PERCURSOS

Percurso - é a ação, o efeito de percorrer, atravessar um espaço, efetuar um trajeto.

O percurso proposto é o fio condutor que interliga os vários corpos arquitetónicos, com diferentes desníveis, explorando cada um individualmente. Com a mesma materialidade todos os elementos exteriores e interiores de conexão, pontes, passadiços e escadarias, destacam-se pelo contraste da cor e textura. O aço corten como material dominante da proposta representa o “novo” que invade o burgo amuralhado. Este controla o conjunto através da sua ambiência, com um alto teor estético, ajuda a valorizar os espaços e aumenta a sua contemporaneidade.

Na fig. 44 pudemos verificar como o percurso se desenrola ao longo da malha edificada.

³¹ (Vieira, 2010)

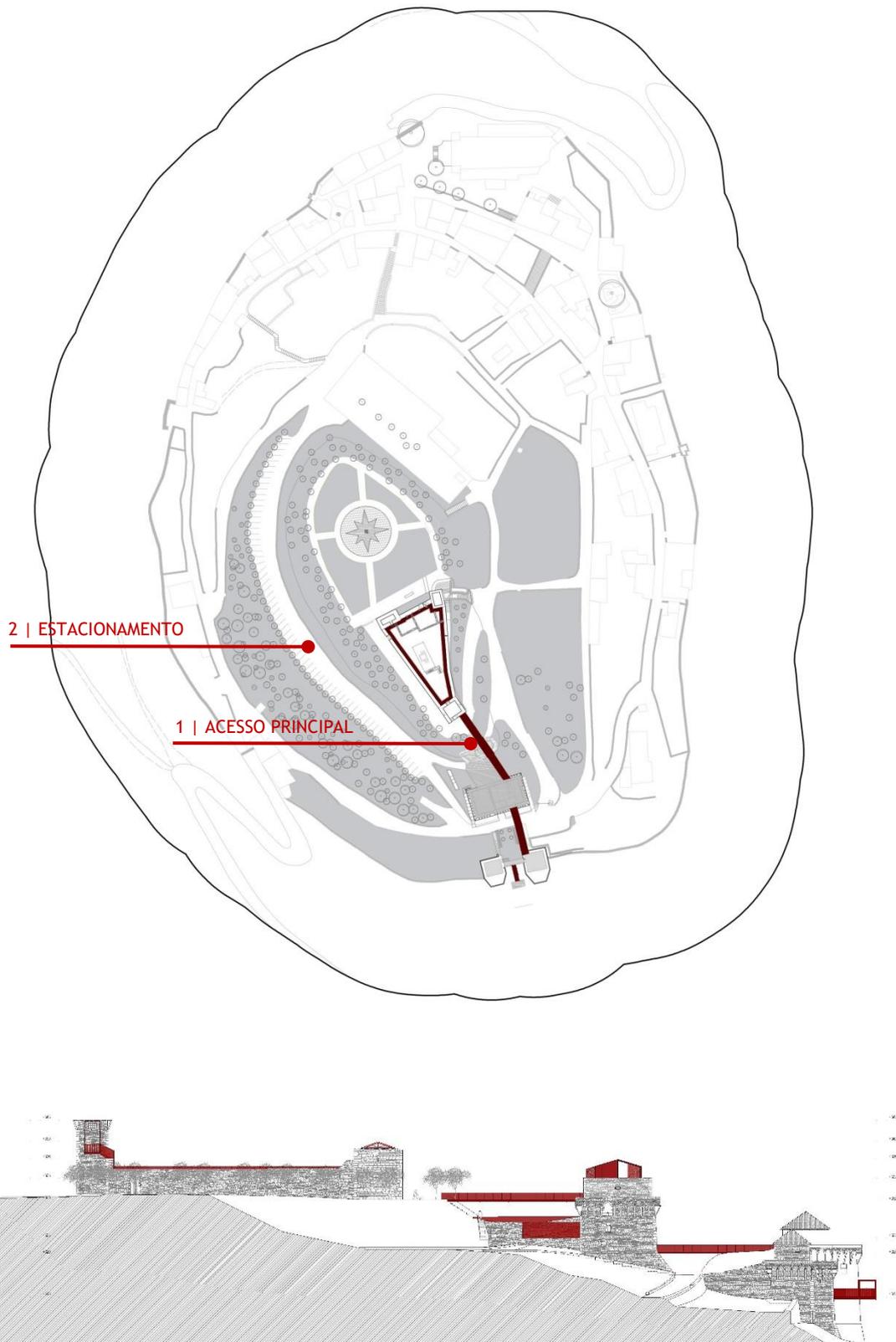


Figura 44 | Perfil da proposta

| MAQUETE DE ESTUDO

-Estudo da implantação, escala 1.1000

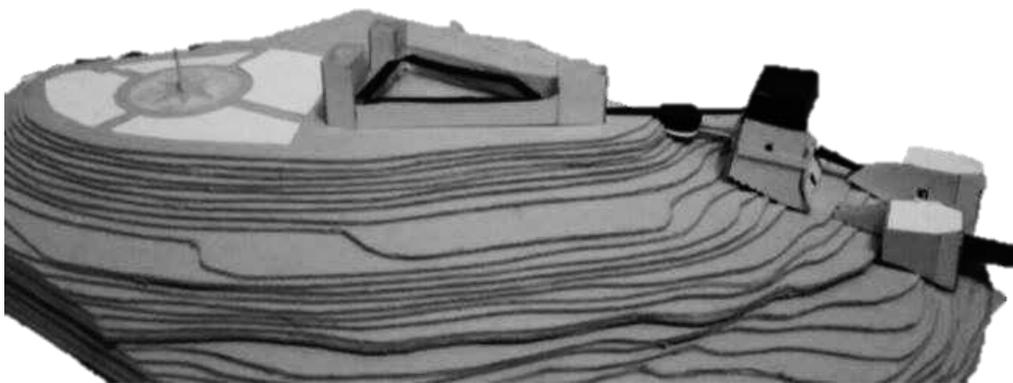


Figura 45 | 1ª maquete de estudo

7.5.2. | ARRANJOS EXTERIORES

As escadas em pedra que existem ao longo de toda a área são o elemento que precisa de mais atenção a nível exterior. Estas necessitam de ser recuperadas, com inclusão de guardas de apoio em aço inoxidável.

No lado Oeste do castelo, existe um parque de estacionamento com cerca de 70 lugares, sendo que não se procederá à implementação de mais.

No principal jardim panorâmico, Terreiro de Santiago, não se procederá a nenhuma intervenção visto estar bem conservado.

| DESENHOS DO PROJETO

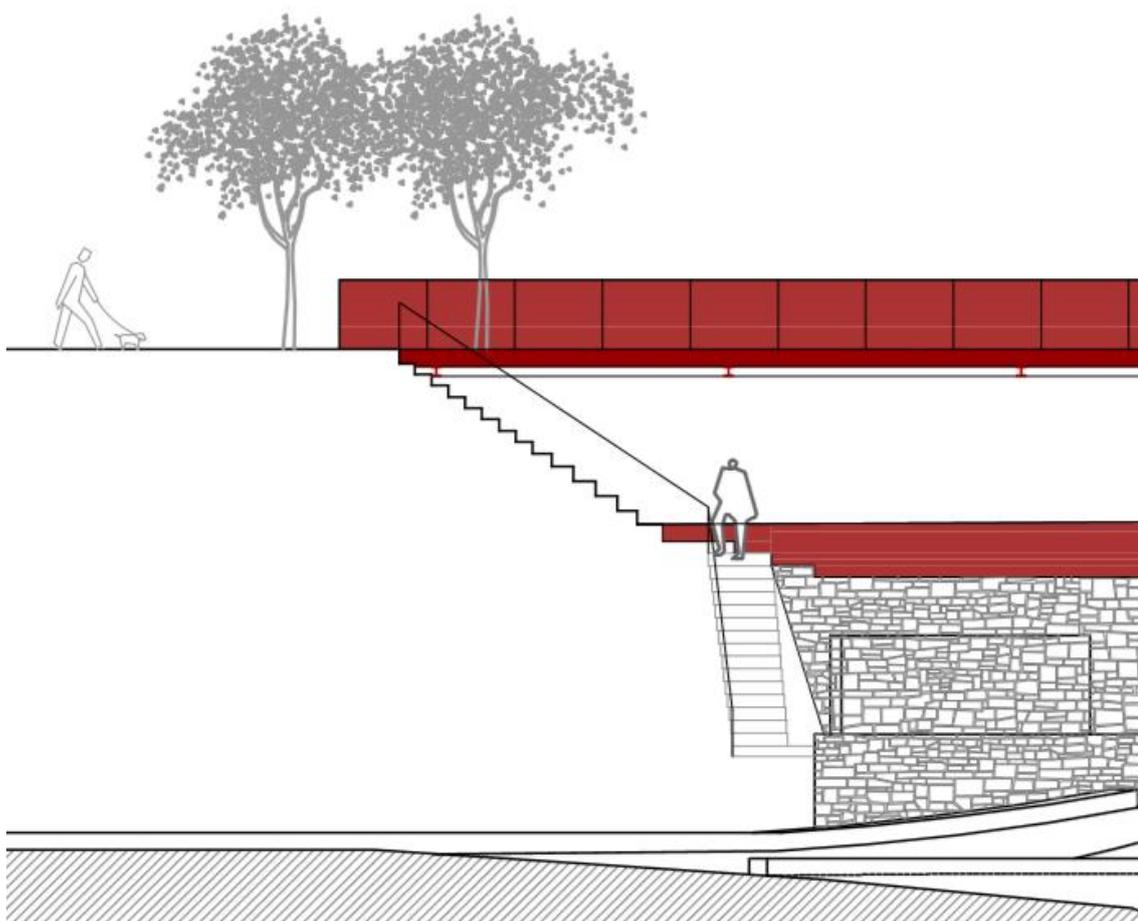


Figura 46 |

7.5.3. | CHAVE

A chave foi a base que restou de uma antiga torre cilíndrica (fig.48), desta permanece apenas a forma estrutural, como se do “coração” da preexistência, tanto formal como funcionalmente se tratasse.

Assim sendo, é o eixo conector que interliga os núcleos, através de uma ponte superior proposta e de um túnel subterrâneo já existente.

Este eixo que, funciona apenas de forma escultórica transmite ao visitante a ideia de exploração do existente, como espaço exteriormente amplo onde se explora a imaginação do que foi e do que é - em termos de localização, volumetria, espacialidade e ornamentação - ou seja, a conservação deste fragmento ajuda no reconhecimento e posterior reinterpretação do sentido do complexo e arquitetónico original.

Foi através da dificuldade de acessos conectores entre os vários núcleos constituintes, que surgiu a ideia de extensão de uma ponte de ligação direta entre a torre principal ao paço dos condes (piso 1), ambas à mesma cota. Esta em aço corten destaca-se pela cor e pela simplicidade condutora que se eleva sob a chave escultórica, unindo o espaço com uma linguagem clara, autêntica e delicada.

É na chave que acontece o primeiro contacto do visitante com o Castelo, é a “entrada principal” que dá as “boas vindas”, e que conduz para diferentes eixos.

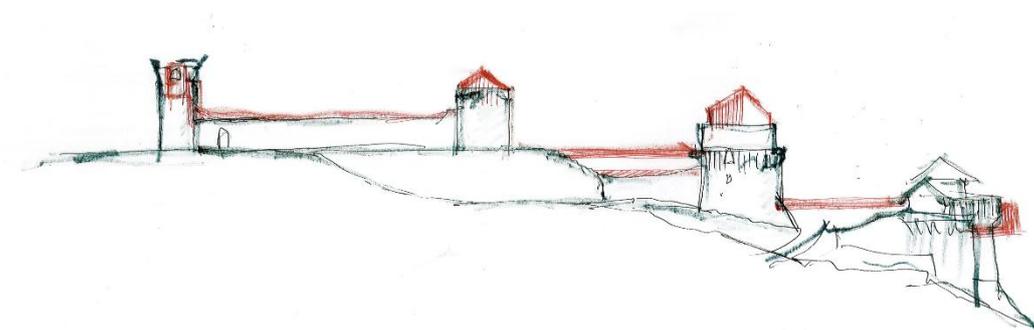


Figura 47 | esquiço da proposta

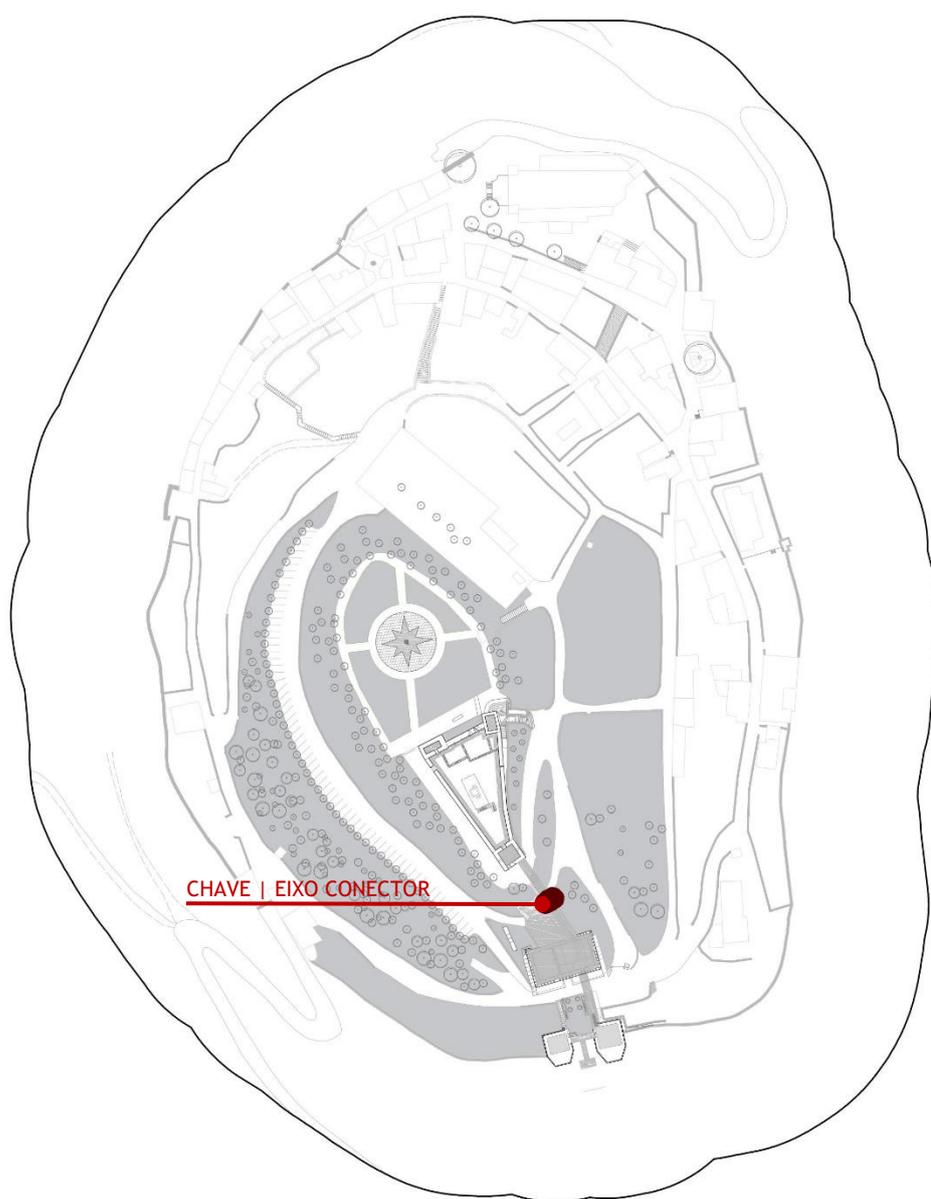


Figura 48 | Localização da Chave

7.5.4. | TORRES

Na reconversão das torres o principal objetivo é voltar a torná-las ativas enquanto planta triangular percorrível de uma para as outras, independentemente dos seus diferentes níveis. Foi neste sentido que o primeiro corpo existente representa o núcleo central deste conjunto, onde existe o espaço de receção ao Castelo, onde se inicia a circulação dos visitantes em torno do muro amuralhado. Com beneficiação de subida até à torre D. Mécia (fig.49), exteriormente, onde está erguida a bandeira nacional, este espaço percorrível sustenta a beleza da ruína enquanto lugar e história.

O conjunto existente foi mantido na totalidade e a edificação proposta é isenta de quaisquer aberturas de vãos.

Foi propositado que toda a circulação já existente no edifício fosse mantida de forma a proporcionar uma vivência muito similar à anterior disposição.

Todo o percurso percorrível funciona através de escadaria e passerelle.

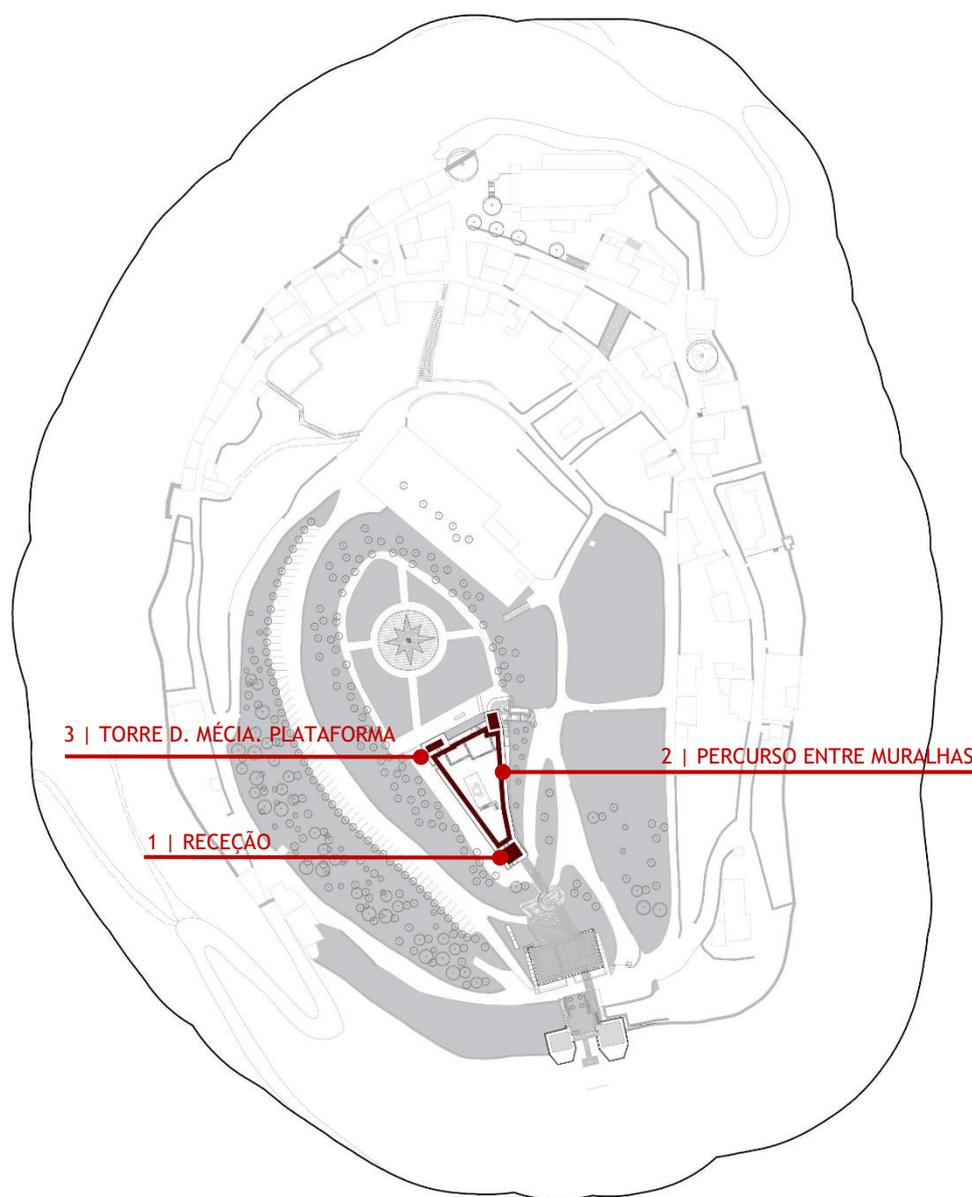


Figura 49 | Localização das Torres

| CONSIDERAÇÕES DE ESTRUTURA E ACABAMENTOS

SISTEMA DE FACHADA

Com o objetivo de permanecer com as paredes estruturais exteriores em pedra intactas, propõe-se com recurso a uma estrutura metálica em aço corten uma estrutura nova que se alinha com o aglomerado sem o danificar, trazendo todos os recursos necessários para o seu correto funcionamento. Assim sendo, as paredes em pedra e a estrutura permanecem à vista, levando a que a expressividade da relação com a preexistência acabe por se destacar.

O aço corten, como analisamos nos casos de estudo é um material bastante usado neste tipo de intervenções, pois é ideal para revestimento exterior por resistir às intempéries, e requerer pouca manutenção. Posto isto, será um aliado ao longo do projeto.

A pedra existente sofreu alterações ao longo do tempo, necessitando de uma manutenção de limpeza e rejuvenescimento.

COBERTURA

É proposta uma cobertura de 4 águas, inspirada nas coberturas dos edifícios de armazéns de mercadorias, com estrutura à vista e revestida com chapas de aço corte, contém ainda um rasgo de uma pequena claraboia alinhada com a zona de circulação, para penetração de luz natural.

Esta cobertura imposta na torre principal seguiu o traçado já imposto na arquitetura militar, que também está presente nos torreões, para que a sua identidade não fosse perdida.

PAVIMENTOS

Com ausência de pavimento nas 3 torres, na principal, onde está a inserida a receção, ao conjunto é proposto um pavimento flutuante do tipo “Carvalho Nouveau Gray”, para maior conforto do utilizador e mais ecológico.

Nas outras duas torres, o pavimento escolhido foi grades de piso, pois o ambiente criado nestas é mais descontraído e ligado ao exterior.

Para o espaço exterior -praça- não se propõe alterações mantendo assim o relvado.

VÃOS

As aberturas das portas, assim como as caixilharias propostas serão pintadas de cor vermelho-castanho (RAL 8012).

Em relação à porta de acesso à torre principal, manteve-se a existente, de madeira. Nas outras torres sendo um espaço percorrável, amplo e “exterior” há ausência de vãos.

| DESENHOS DO PROJETO

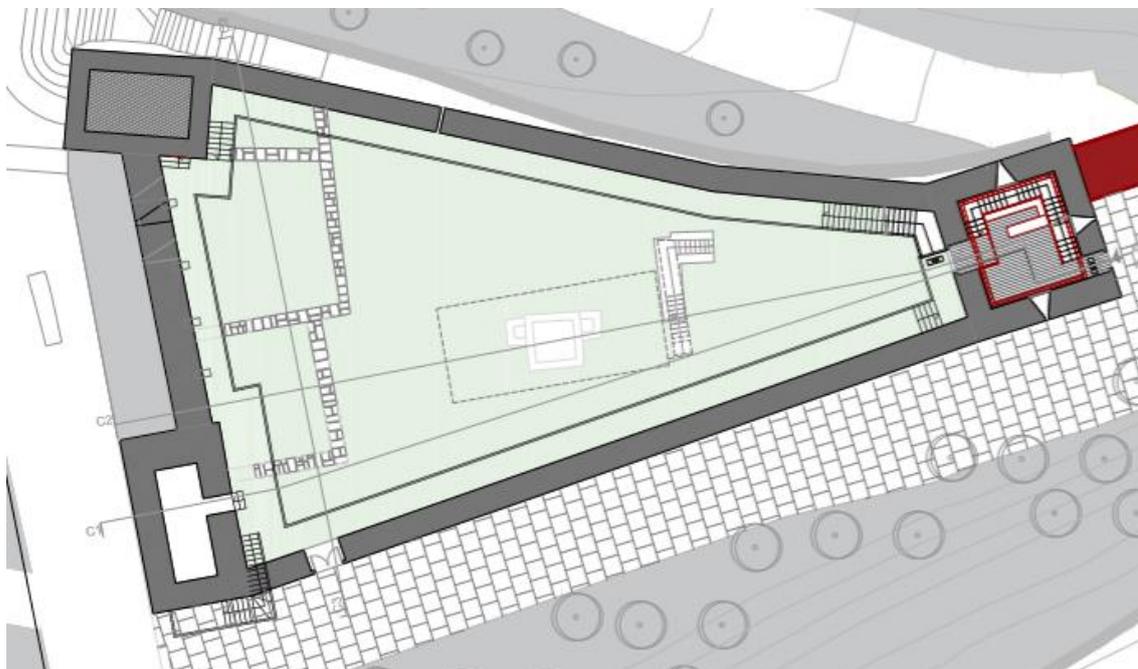


Figura 50 | Torres. Piso 0

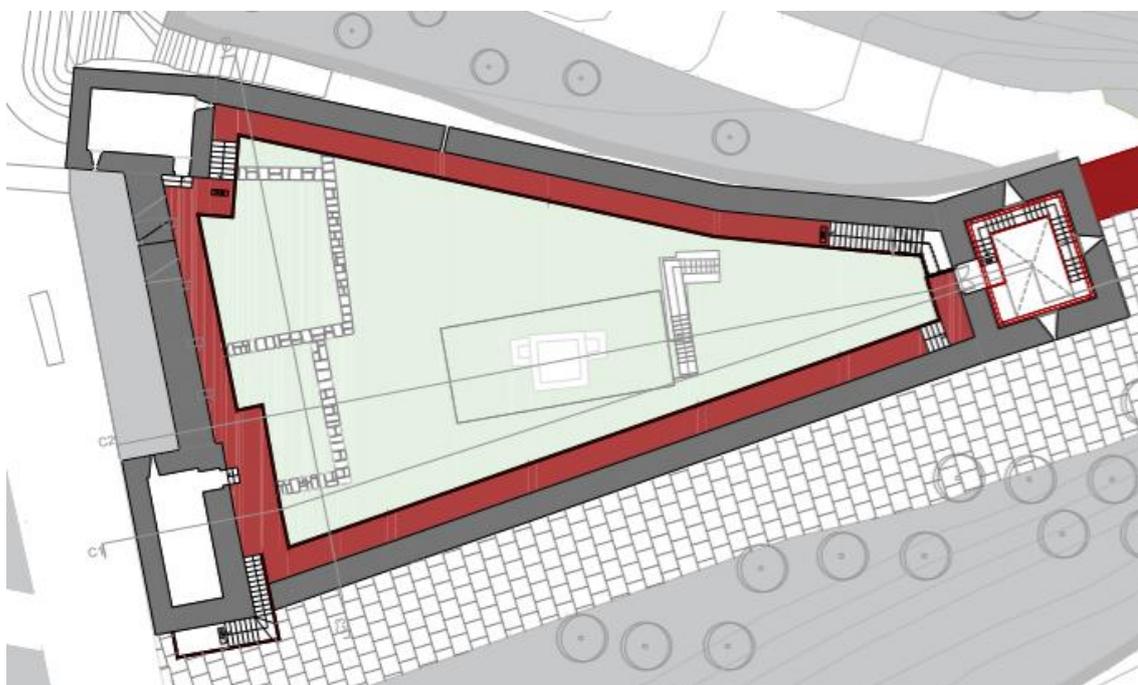


Figura 51 | Torres. Piso 1

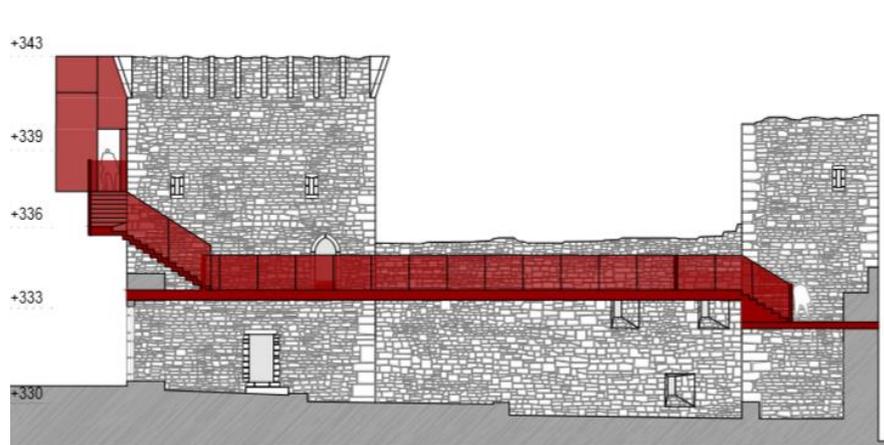
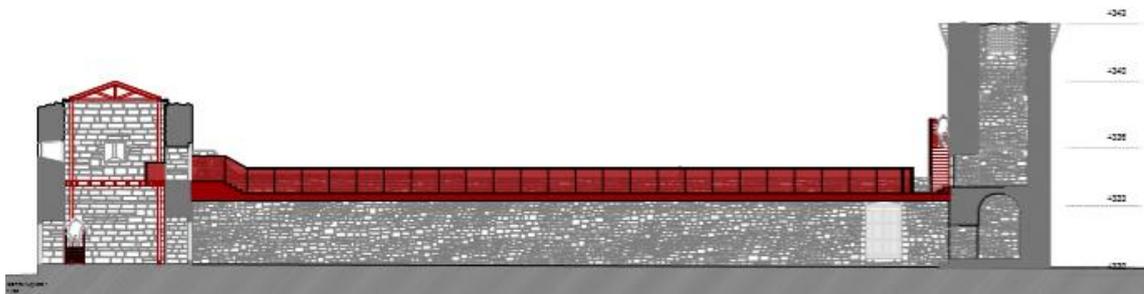
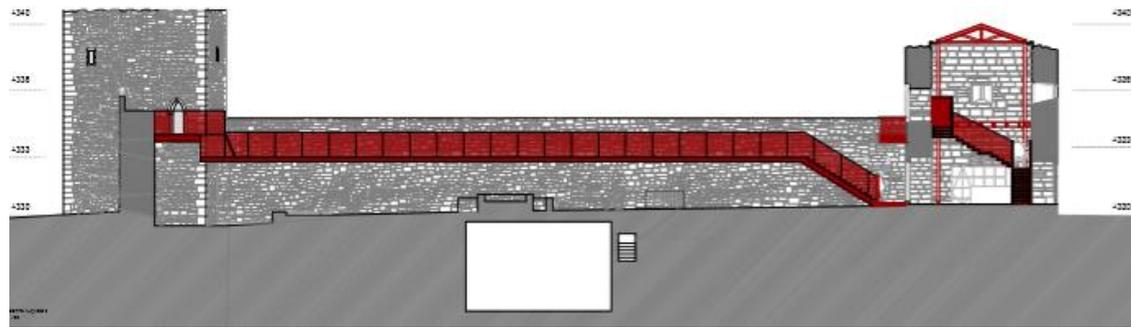


Figura 52 | cortes da proposta

| PROCESSO CRIATIVO

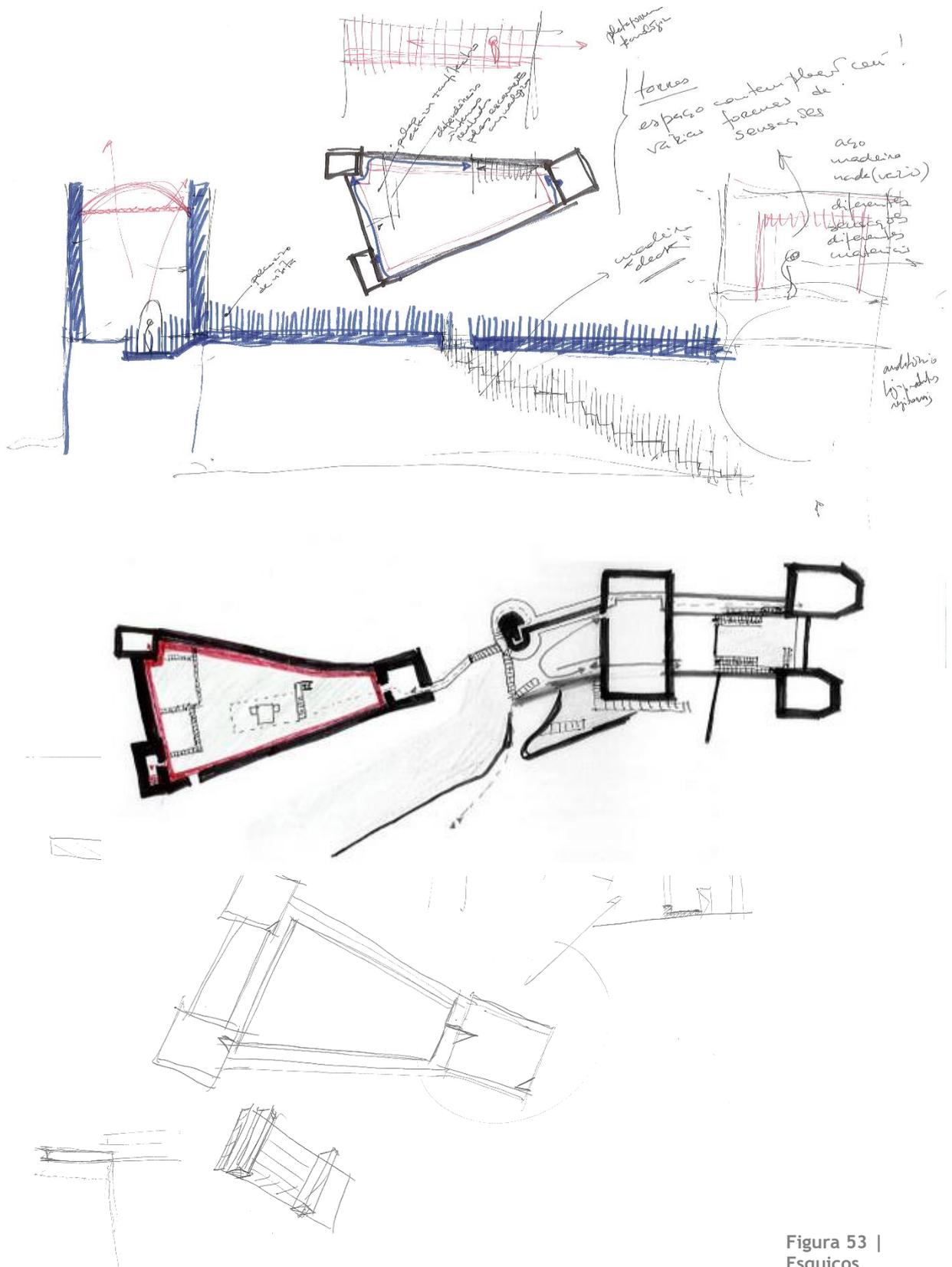


Figura 53 | Esquços

7.5.5. | PAÇO DOS CONDES

Neste núcleo é proposta a adaptação do edifício para novos usos e, simultaneamente salvaguarda da sua essência. Assim, procurou-se manter todo existente, à semelhança do que aconteceu na intervenção das torres, revitalizando-o no seu papel identitário e conjunto urbano, através de intervenções que permitissem preservar as suas características principais, como a volumetria, a imagem e a implantação.

O edifício (fig.54) encontra-se em ruína e em crescente estado de degradação deteriorando assim, a sua envolvente urbana, contudo, apresenta condições para a sua reutilização.

Neste espaço de grandes dimensões e características únicas, que é subdividido em duas partes, e que contém 5 pisos, apenas existe paredes interiores estruturais no piso 0. É neste piso que se desenrola a viagem ao longo do espaço proposto.

Como carácter museológico, nomeadamente museu do vinho, este tende a transmitir a memória, o valor, e a identidade. Com o auxílio da materialidade, optou-se por criar dois espaços distintos. Um de caráter cultural e outro de restauração, mas que se interligam entre si.

Caixa dentro da caixa, é o conceito utilizado. Este remete a valores como respeito pelo passado, permanência da memória, e conjugação harmoniosa da pré-existência. Com a “entrada” da nova caixa, esta penetra a ruína com ausência de contacto físico nas paredes existentes criando vazios entre as paredes existentes e as novas. Estes vazios criam espaços de circulação ao longo da ruína criando assim um percurso bélico e simplista com o edificado. As diferentes materialidades usadas conferem ao espaço diferentes sensações e identificam a função dos mesmos. Desta forma é através destes que se conta uma história sobre o passado e o presente.

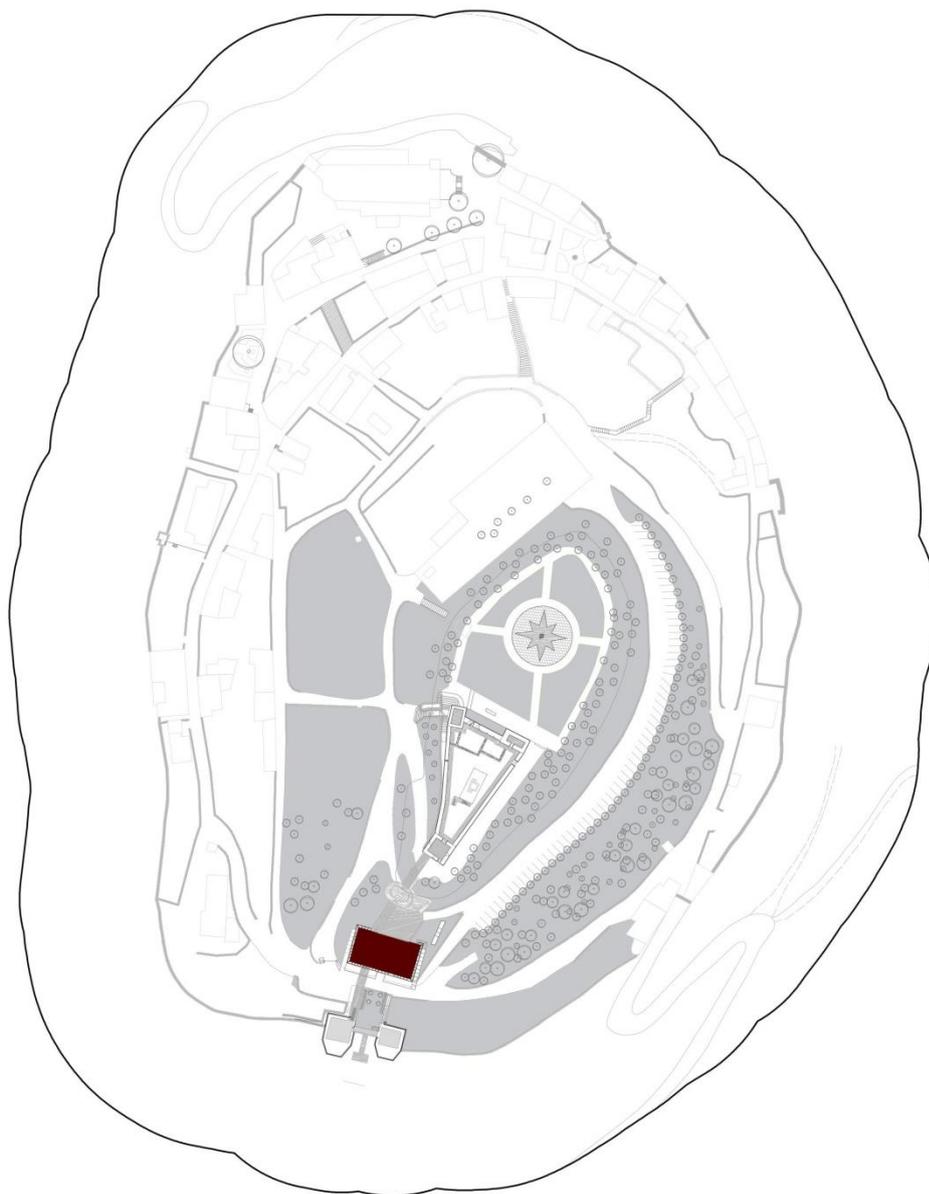


Figura 54 | Localização do Paço

Desta forma, os espaços estão distribuídos da seguinte forma:

PISO -1 | adegas (35,02m²)

PISO 0 | receção ao museu (21,67m²), espaço de contemplação da ruína

PISO 1 | sala de exposições temporárias (40,43m²), espaço comercial (39,88m²), instalações sanitárias (5,37m²) (5,28m²)

PISO 2 | bar/Zona de espera (39,88m²), instalações sanitárias (5,37m²) (5,28m²)

PISO 3 | restaurante de tapas/petiscos panorâmico (123,26m²), instalações sanitárias (5,28m²)

O projeto de reconversão, relativamente às transformações de maior impacto do existente, baseou-se em quatro pontos principais:

1| A interligação de pontes de acesso entre os vários núcleos considera-se um dos elementos mais importantes do projeto, uma vez que estas se conectam direta e indiretamente no paço. Funciona como elo de ligação entre exterior e interior. É o percurso o fio condutor de toda a intervenção e é nesta temática das acessibilidades entre diferentes níveis que as fragilidades e o maior desafio aparece. Posto isto, o facto de grande parte da intervenção se tornar inacessível a pessoas com mobilidade reduzida, é no artigo 10^o ³²- Exceções em acessibilidades que justificamos a ausência de soluções: “...o cumprimento das normas técnicas de acessibilidades constantes do anexo ao presente decreto-lei não é exigível quando as obras necessárias à sua execução sejam desproporcionadamente difíceis, requeiram a ampliação de meios económico-financeiros desproporcionados ou não disponíveis, ou ainda quando afetem sensivelmente o património cultural ou histórico, cujas características morfológicas, arquitetónicas e ambientais se pretende preservar.”

³² Decreto-Lei n.º 163/2006 de 8 de agosto

2| O hall de entrada central, é o elemento chave para as relações espaciais existentes entre as diferentes partes, fluindo a circulação interior/exterior entre o espaço existente e o novo, onde se inicia o percurso dentro da “caixa”.

3| Com ausência de cobertura na pré-existência, esta embelezou a ideia de erguer um restaurante panorâmico com vista ampla sob a paisagem.

O principal fator que levou à implementação de um novo volume sob o existente, através de estrutura metálica, diferencia-se pela sua materialidade, textura, elevação e cor onde cria um forte impacto no aglomerado.

À semelhança do que acontece nas torres optou-se pela criação de um volume puro e simétrico, com a estrutura metálica com cor semelhante ao aço corten à vista mantendo o rosto da ruína vivo.

4| Os interiores foram completamente reformulados de acordo com as necessidades e as exigências do novo programa, redefinindo-se os acessos, a circulação, a distribuição interior e a configuração dos espaços.

Manteve-se os alinhamentos interiores existentes no piso 0 como base de desenho de alinhamento para os restantes pisos.

No piso do restaurante (piso 3), as principais condicionantes no desenho foram a própria organização espacial, devido à importância em torno da relação do panorama exterior.

Devido à diferença de níveis entre o piso térreo e o piso do restaurante foi necessário propor um elevador.

Em todas as zonas de circulação prevalece o aço corten, quer em guardas, quer em escadarias.

O espaço comercial (piso 1) contém acesso ao exterior através da ponte que liga à torre principal.

| PROCESSO CRIATIVO

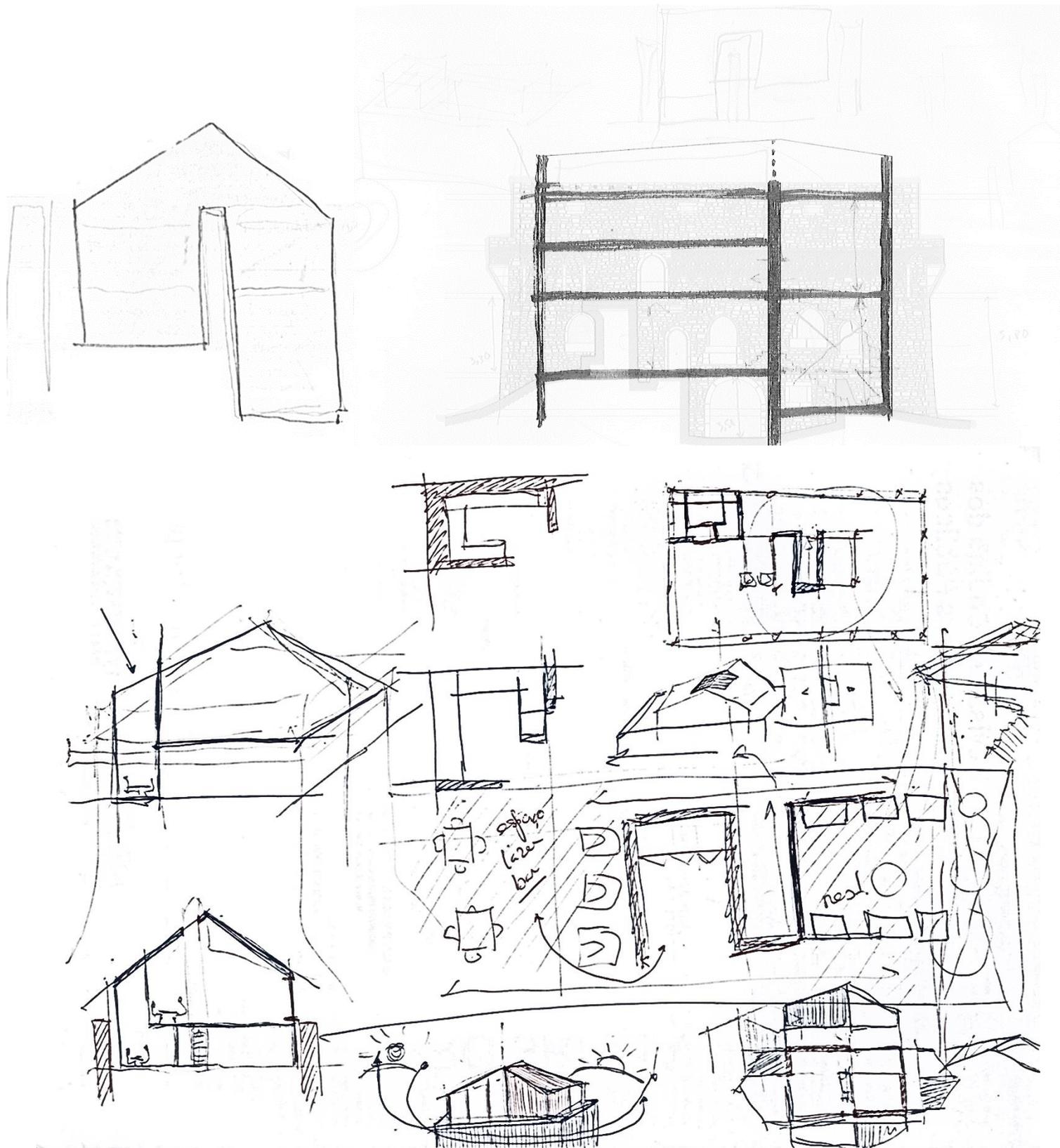


Figura 55 | esboços da proposta

| CONSIDERAÇÕES CONSTRUTIVAS E ACABAMENTOS

Quanto aos materiais e acabamentos no exterior, preservou-se todas as aberturas de vãos de portas e janelas, os apontamentos decorativos de alto-relevo, os muros e a pedra existente.

ESTRUTURA

A estrutura metálica delineada é composta por pilares HEB160, estes só permanecem à vista no piso 0, na zona da receção. Toda a malha estrutural é independente entre si, criando distâncias entre as paredes da ruína. Em praticamente toda a propostas as vigas aparecem à vista, à exceção das instalações sanitárias.

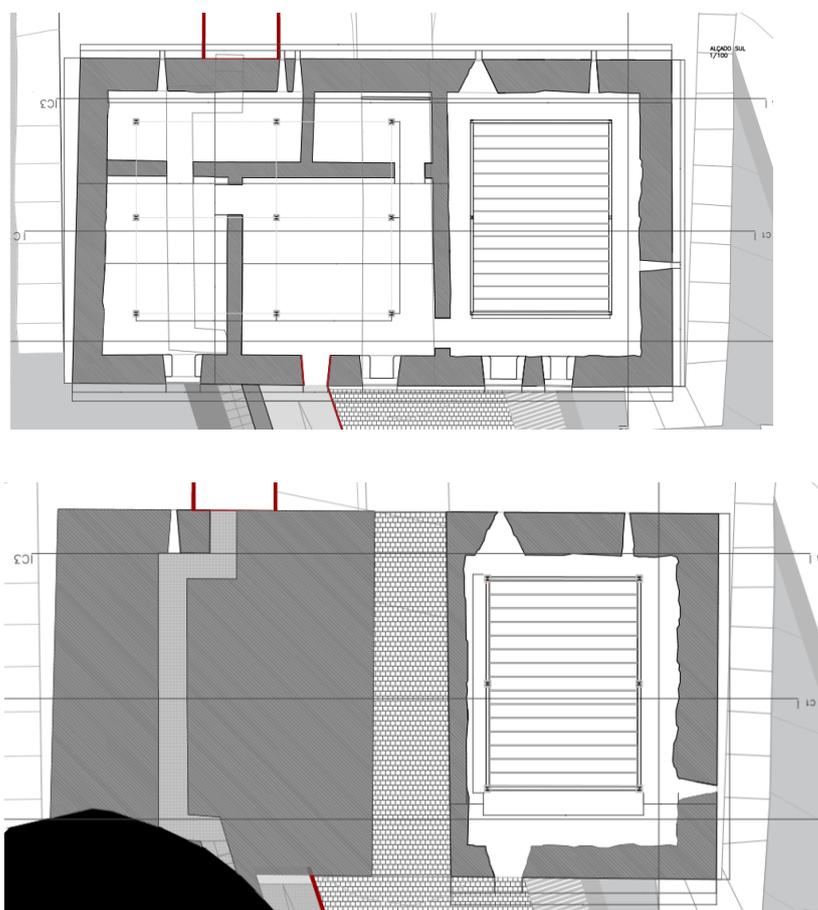


Figura 56 | plantas estruturais. piso -1 e 0

As paredes exteriores em pedra do edifício mantêm-se em toda a sua vertente, necessitando de uma manutenção de limpeza e rejuvenescimento devido às alterações que sofreu ao longo dos anos.

O novo volume proposto assume a sua materialidade usando o aço corten como uma segunda “pele”. Este funciona como elemento integrador e de destaque entre o existente e a nova proposta. A aplicação do aço corten é feita em paredes, guardas e escadas.

O sistema de fachada utilizado é “steel frame”, com isolamento pelo interior da estrutura de aço pois permite uma construção leve.

A laje proposta, laje colaborante, encontra-se em toda a proposta à exceção de uma das zonas de contemplação no piso 0, junto à receção.

MATERIALIDADE_ SENSações

A vivência do espaço é intensificada pelas sensações por ele criadas. Nestas entram o efeito que a materialidade induz e interceta. A luz, a sombra, a cor, a textura, influenciam todo o conjunto tornando-o único em todas as suas características.

Na proposta apresentada foram tomadas intenções que cortam o peso que o aço corten tem, rompendo assim o próprio espaço com luz em diferentes escalas e valores. O uso de aço corten perfurado na zona do museu penetra estas zonas criando jogos nas fachadas em todo o espaço percorível.

PAVIMENTOS

Interiormente, deu-se preferência apenas a dois tipos de revestimentos, nas áreas secas foi utilizado um pavimento soalho madeira maciça “sucupira” e pavimento cerâmico do tipo “KERLITE BLACK & WHITE” de cor branca na zona da cozinha. No entanto, todas as zonas de circulação e I.S. propõe-se acabamento com betão à vista, para dar um ar mais cru e fabril ao espaço.

Exteriormente à rampa de acesso ao Paço propõe-se a utilização de cubos de granito.

VÃOS

Sem caixilharias existentes, a solução passa por caixilharias pintadas de cor vermelho-castanho (RAL 8012, bem como os painéis de portas.

Para as portas de acesso ao exterior propõe-se que sejam oscilo-batente de aço corten com marcação de moldura.

- Estudo da proposta, escala 1.100



Figura 57 | 2ª maquete, intervenção no Paço

DESENHOS DO PROJETO

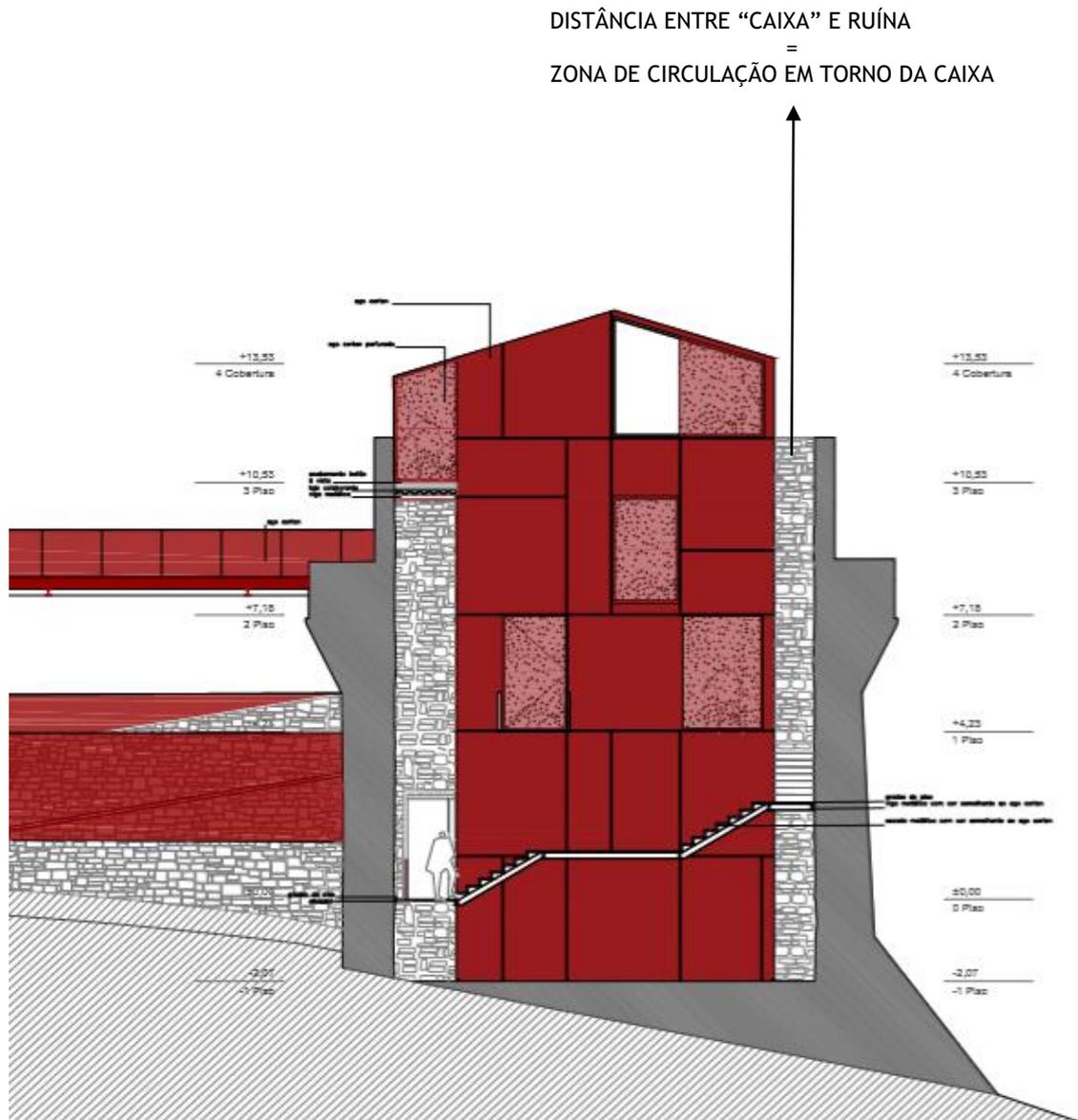


Figura 58 | Corte explicativo da proposta

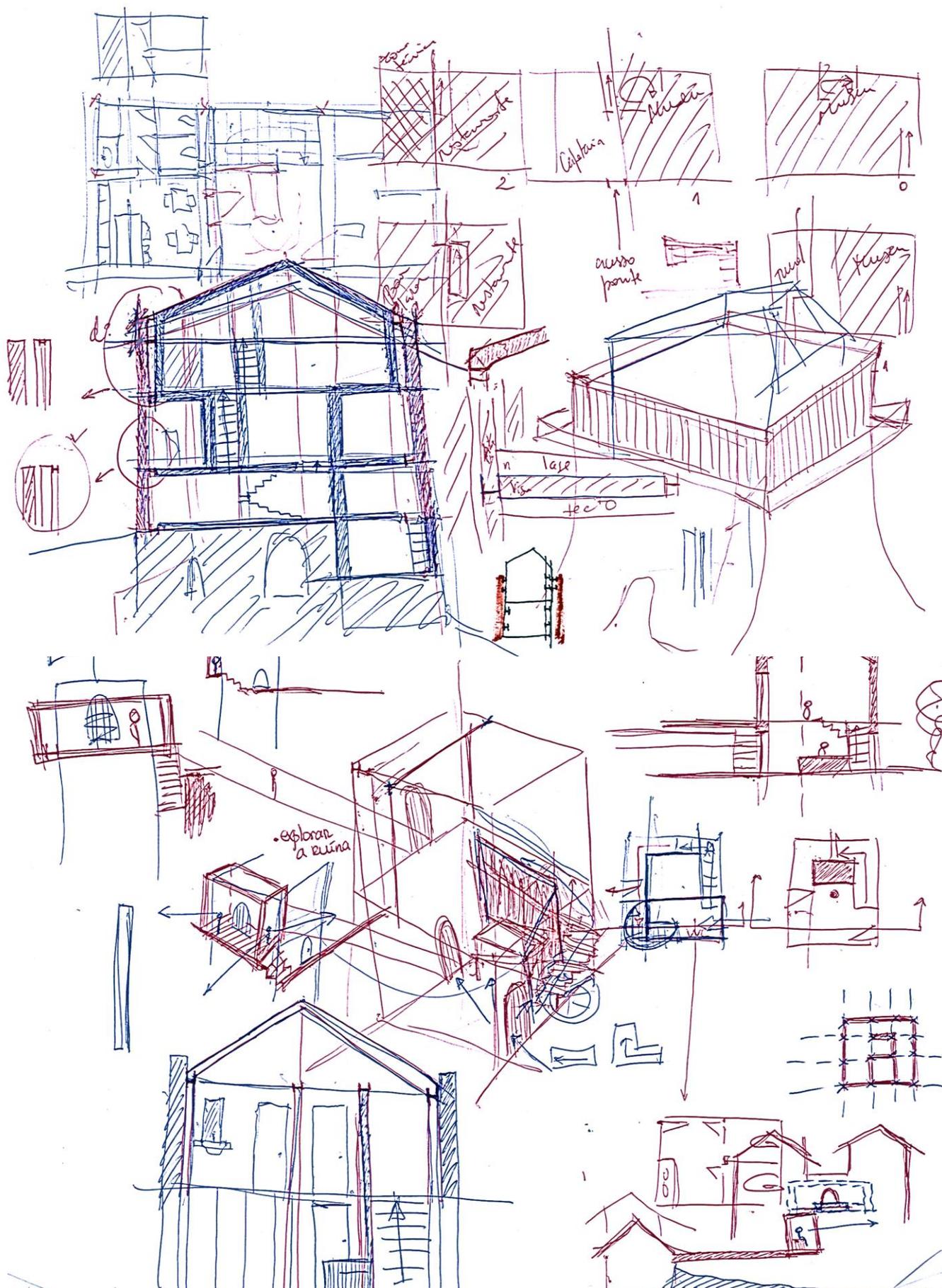


Figura 59 | esboços da proposta

7.5.6. | TORREÕES

É nos torreões (fig.60) que termina o percurso. Não menos importante que o restante conjunto arquitetónico, é neste núcleo que a passerelle se estende sob a colina em forma de moldura, como se de uma fotografia se tratasse.

Esta moldura enquadra-se no ambiente em concordância com o material predominante na intervenção, o aço corten. Com uma extensão de 7m que nasce na porta do “postigo da traição”, onde se pode permanecer sentado para apreciar a brisa e a vista, a estrutura que a sustenta é aço.

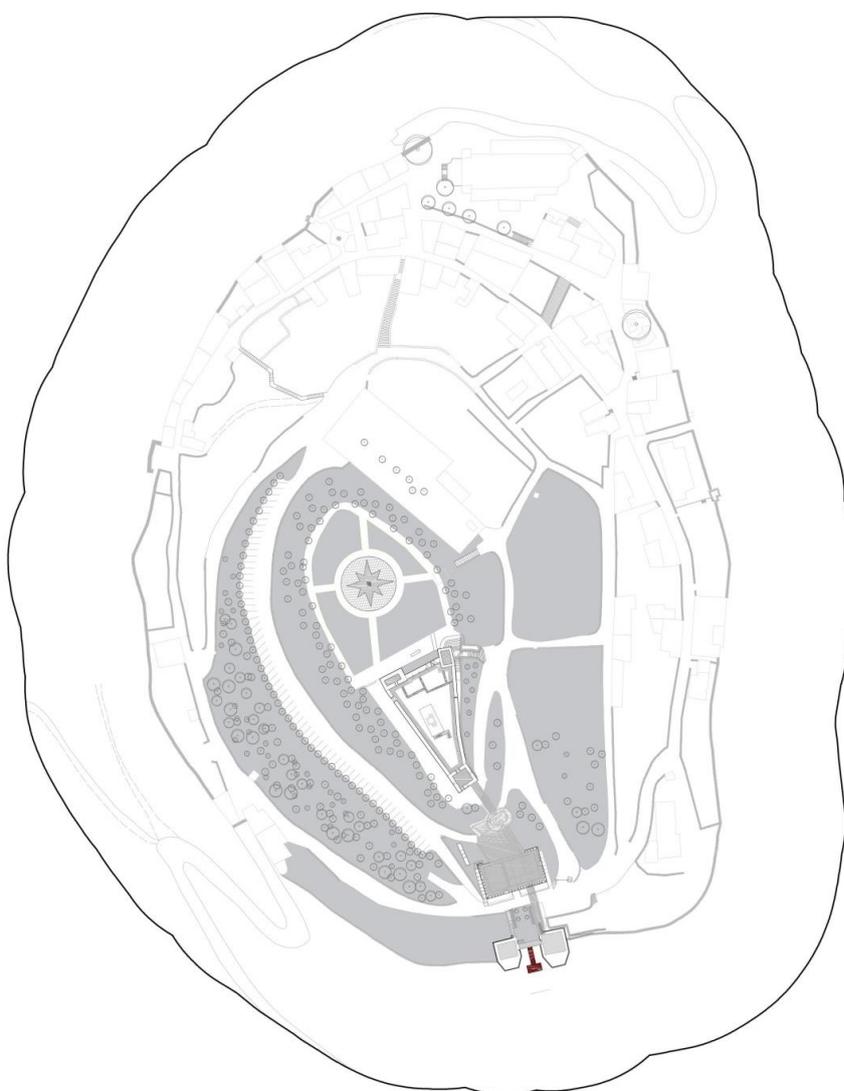


Figura 60 | localização dos torreões

DESENHOS DO PROJETO

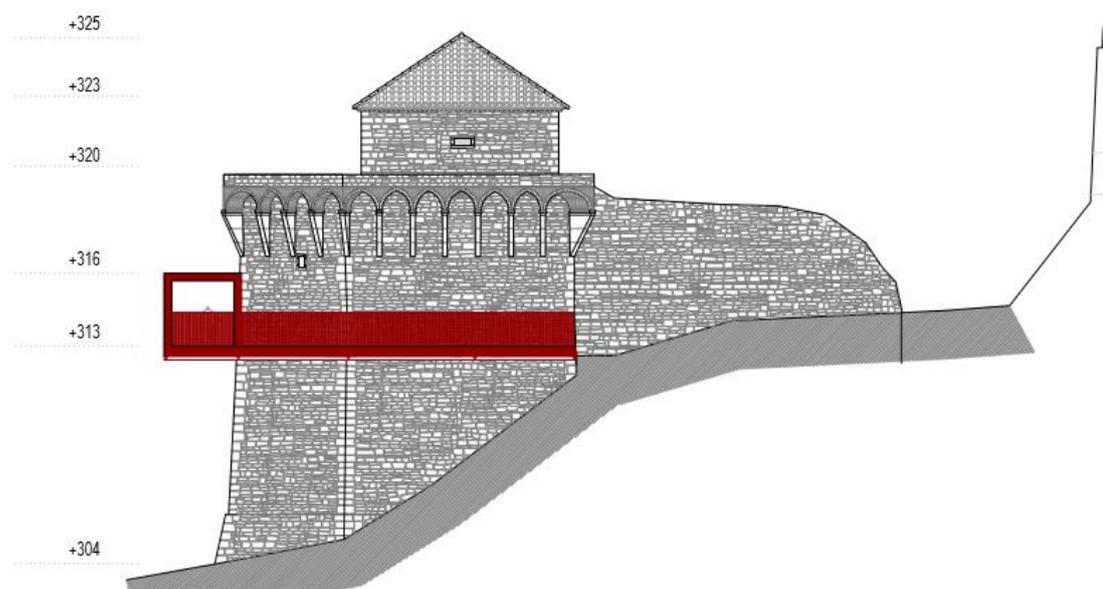


Figura 61 | alçado da proposta

CAPÍTULO VIII

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A urgência da recuperação do património arquitetónico, a problemática dos espaços ricos em memória e esquecidos no tempo são cada vez mais essenciais e procurados como ponte de interligação entre passado e futuro.

É neste sentido que a proposta de recuperação e valorização do Castelo de Ourém, visa intervir com a inclusão de um espaço cultural, adaptando as novas funções a um espaço perdido no tempo.

Para a reconversão do aglomerado arquitetónico definiram-se e conheceram-se parâmetros como as características da pré-existência que muito diz sobre a ruína em questão e o que de dela advém.

O programa, o valor patrimonial e as estratégias de intervenção, que nos levaram ao resultado final resultaram da adequação de um programa aliado com as características arquitetónicas da edificação e às necessidades do local.

Assim sendo, a proposta de reabilitação irá trazer uma nova história ao lugar, uma nova viagem marcada com vários percursos, onde o turismo que anda de mãos dadas com a arquitetura, ganha uma nova chama.

“As formas animam o espaço e delas vivem, mas o espaço, embora não vejamos, constitui forma.”³³

³³ (Antunes, 2012)

REFERÊNCIAS ARQUITETÓNICAS

Castelo de São Jorge - Lisboa

The Hedmark Museum - Hamar, Noruega

Ruined renaissance palace - Hungria

Casa Blase - Madrid

A'Bodega / Cubus - Doade, Espanha

Museu Do Vinho De São João Da Pesqueira

Cella Bar - Madalena, Portugal

Entre Portas / depA - Pinhel, Portugal

Safadasht Dual / Next Office-Alireza Taghaboni - Tehran, Irão

Casa do Chá - Montemo-o-Velho

Museu Damião de Góis e as Vítimas da Inquisição - Alenquer

Caixa Forum - Madrid

Biblioteca Municipal de Bruges - Bélgica

Kew House - Richmond Upon Thames

Pombal / AZO. - Pombal

Devocote Studio - Suffolk, UK

Reabilitação do Castelo de Baena - Córdoba

Reabilitação do Castelo de la Coracera - San Martín de Valdeiglesias

Reabilitação albergue-museo Casa Grande de Lusío - Samos, Lugo

Kalø Tower Visitor Access - Rønde, Denmark

Walkway-lookout - Las Minas De Rioseco

Intervenção no Castelo de Cala - Huelva, Espanha

Restauração de Torre Nazarí - Huércal-Overa, Almería

Centro Hispano-Luso - Zamora, Espanha

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Sofia Fernandes de. 2012. *Intervenção Contemporânea Nos Castelos Em Portugal Dois Casos De Estudo, S. Jorge E Pombal*. Departamento De Arquitectura. Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012. dissertação de mestrado integrado em arquitectura.

BEINHAUER, Peter.2012. *Atlas de detalhes construtivos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL

BERNARDES, João Pedro. *As paisagens da memória: museus, património e identidades*. Ourém, MMO.

CRUZ, António Marques da., LOPES, António Vieira *Manual Prático: O Vinho de Ourém*. Ourém, MMO.

DELGADO, S. (1926). *Tratado Prático e Técnico sobre Fabrico e Tratamento de Vinhos*.

FARIA, Júlia Cristina Pereira. 2014. *O território, o castelo e a comunidade. Reflexões sobre a intervenção patrimonial contemporânea nos castelos em Portugal*. Escola Superior Gallaecia. Vila Nova de Cerveira, 2014. dissertação de mestrado integrado em arquitectura e urbanismo.

GOMES, Joana Sousa. 2013. *Caracterização e diagnóstico do centro histórico de Ourém*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2013. Relatório de Estágio de Mestrado em Gestão do Território, especialização em Planeamento e Ordenamento do Território

JORGE, Vírgilio Ferreira. (1983). *Cancioneiro Popular Duriense*. Vila Real: Centro Cultural Regional: Direção Geral da Divulgação, 1983

MARTINS, Sara Daniela Teixeira. 2011. *A memória de um lugar: discursos e práticas identitárias na freguesia do Castelo em Lisboa*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2011. dissertação de mestrado integrado em arquitectura.

MESTRE, Vitor. ALEIXO, Sofia. 2004. *Reabilitação do Tempo_Restoration of Time*. Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2004.

NEVES, Ana Saraiva. 2001. *Memórias Etnográficas do Concelho de Ourém*. Ourém, Câmara Municipal de Ourém, 2001.

NEVES, José Manuel das. 2007. *Arquitecturas - Programa, Conceito, Matéria*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

NEVES, José Manuel das. 2017. *Portugueses Contemporary Wine Architecture*. Lisboa: UZINA BOOKS, 2017.

NEVES, José Manuel das. 2009. *Arquitectura Ibérica N°31 Museus_Museos*. Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009.

NEVES, José Manuel das. 2004. *Arquitectura Ibérica N°5 Reabilitação Rehabilitación*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004.

NEVES, José Manuel das. 2009. *Arquitectura Ibérica N°30 Reabilitação Rehabilitación*. Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009.

NEVES, José Manuel das. 2006. *Arquitectura Ibérica N°12 Reabilitação Rehabilitación*. Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2006.

NIEMEYER, Oscar. 1993. *Conversa de Arquitecto*. Porto, Campo das Letras, 1993.

PEREIRA, Paulo. (2004). *Património Edificado*. Pedras Angulares, 2004

PEREIRA, Jaqueline. 2012. *Trabalhos Arqueológicos*. Ourém, Câmara Municipal de Ourém, 2012.

RODRIGUES, S. F. (2009). *A casa dos sentidos*. ARQCOOP, 2009

RODRIGUES, Sara Alexandra Marcelo. 2012. *Intervenção em Ruínas: Caso de Estudo: Aldeia de Banrezes, Macedo de Cavaleiros*. Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura, Universidade da Beira Interior. Covilhã, 2012. dissertação de mestrado integrado em arquitetura.

SANTIAGO, Miguel. 2007. *Pancho Guedes - Metamorfoses Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

SILVA, Gastão de Brito e Silva. 2014. *Portugal em ruínas*. Lisboa, Fundação Manuel dos Santos, 2014.

SILVA, Rita Nobre Neto da. 2014. *Monumentos E Museografia - Dois espaços museológicos no Castelo de São Jorge, em Lisboa*. Departamento De Arquitectura. Instituto Superior Técnico de Lisboa. Lisboa, 2014. dissertação de mestrado integrado em arquitetura.

SIZA, Álvaro. 2013. *Imaginar a Evidência*. Lisboa, Edições 70, LDA, 2013.

SILVA, G. D. (2014). *Portugal em Ruínas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. (2014)

TÁVORA, Fernando. (2007). *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP.2007

Urban Planning da Worx Real Estate Consultants. 2017. *Sintonia da Reabilitação Urbana com o turismo*. Worx Real Estate Consultants. [Online] 09 de 2017.

<http://www.worx.pt/pt/noticias/geral/sintonia-da-reabilitacao-urbana-com-o-turismo>.

VENTURA, I. D. (2014). *Emospheric Landscape*. Arqa: arquitetura e arte. 2014

ZUMTHOR, Peter. 2006. *Atmosferas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

ANEXOS

Em anexo segue-se os desenhos técnicos referentes à parte prática. Os desenhos estão impressos num total de 15 folhas de formato A1 dobradas em A4.